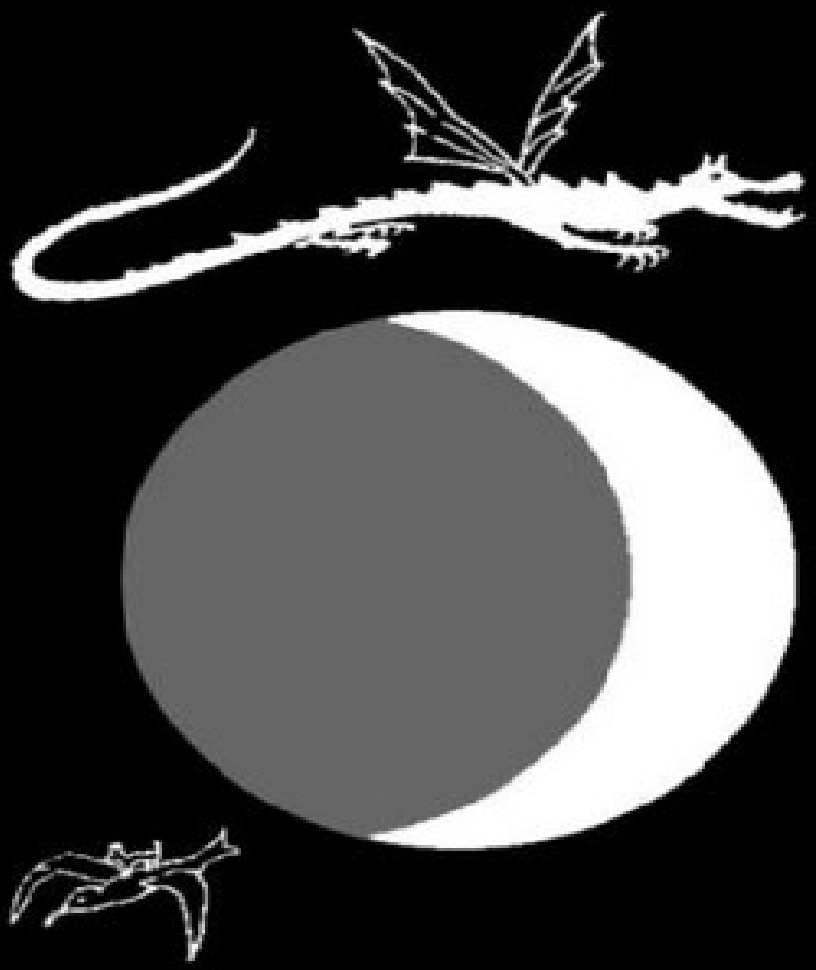
ROVERANDOM



J.R.R. TOLKIEN

J. R. R. TOLKIEN

ROVERANDOM

ORGANIZAÇÃO DE

Christina Scull Wayne G. Hammond

Tradução de Waldéa Bakceixos

2003

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título ROVERANDOM

As ilustrações de Tolkien para Roverandom estão sendo reproduzidas com autorização de Bodleian Library, Oxford.

1a edição
novembro de 2002
***2*a tiragem**
março de 2003
Revisão técnica
Ronald Eduard Kyrmse
Revisão da tradução
Marina Appenzeller
Acompanhamento editorial
Luzia Aparecida dos Santos
Revisão gráfica
Renato da Rocha Carlos Sandra Regina de Souza Lígia Silva
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Tolkien, J.R.R., 1892-1973.

Este livro é dedicado à memória de
Michael Hilary Reuel Tolkien
1920-1984

ÍNDICE

Apresentação
ROVERANDOM
Notas

Nota da digitalizadora: As citações destacadas em negrito, estão descritas em "Notas"

Apresentação

No verão de 1925, J. R. R. Tolkien, sua mulher Edith e os filhos John (com quase oito anos), Michael (com quase cinco) e Christopher (que ainda não tinha um ano de idade) foram em férias a Filey, uma pequena cidade no litoral de Yorkshire que ainda é apreciada por turistas. Era uma folga inesperada, para comemorar a indicação de Tolkien para a Cátedra Rawlinson e Bosworth de anglo-saxão em Oxford, que ele deveria assumir no dia 1 de outubro daquele ano. E talvez essas férias tivessem a intenção de lhe proporcionar um período de descanso antes de assumir aquele posto e, além disso, continuar por dois períodos letivos a ensinar na Universidade de Leeds, já que havia uma superposição cronológica entre seu cargo anterior e o novo. Durante três ou quatro semanas em Filey - como explicado abaixo, não há certeza quanto às datas - a família Tolkien alugou um chalé eduardiano que pode ter pertencido ao encarregado local dos correios, chalé construído num penhasco, com vista para a praia e o mar. Desse ponto de observação, a vista para o leste não apresentava obstáculos, e o pequeno John Tolkien ficou eletrizado quando por duas ou três belas noites a lua cheia nasceu no mar e lançou um "caminho" de prata sobre as águas.

Naquela época, Michael Tolkien era apaixonado por um cãozinho de brinquedo em miniatura, feito de chumbo e pintado de branco e preto. O menino comia com o cãozinho, dormia com ele e o levava para toda parte. Relutava em soltá-lo até mesmo para lavar as mãos. Durante as férias em Filey, porém, ele foi passear com o pai e o irmão mais velho e, na empolgação de atirar pedras para vê-las resvalar no mar, largou o brinquedo na praia de seixos brancos. Com esse pano de fundo, o

minúsculo cãozinho branco e preto tornou-se praticamente invisível e se perdeu. Michael ficou desconsolado, pois não foi possível encontrar seu brinquedo, embora o pai e o menino mais velho tivessem procurado por ele naquele dia e no dia seguinte.

A perda de um brinquedo favorito tem enorme importância para uma criança, e sem dúvida foi com isso em mente que Tolkien teve a inspiração de inventar uma "explicação" para o que acontecera: uma história na qual um cachorro de verdade, chamado Rover, é transformado num brinquedo por um mago, é perdido numa praia por um menino muito parecido com Michael, conhece um cômico "feiticeiro-da-areia" e passa por aventuras na lua e no fundo do mar. Pelo menos, essa é a história completa de *Roverandom,* em sua apresentação final no papel. De sua natureza episódica e de sua extensão, deduz-se que não surgiu em sua forma acabada, mas foi criada e relatada em algumas partes. E com efeito isso se comprova com um registro intrigantemente sucinto no diário de Tolkien (quase com certeza escrito em 1926 como parte de um resumo de acontecimentos de 1925) a respeito da composição de *Roverandom* em Filey: "A história de *Roverandom* escrita para divertir John (e a mim mesmo à medida que foi se desenvolvendo) foi terminada." Infelizmente, não é possível saber com exatidão o que Tolkien quis dizer com "foi terminada" - talvez apenas que a história completa (como se encontrava na ocasião) foi contada durante as férias. A observação entre parênteses confirma, porém, que a história de fato se desenvolveu enquanto era contada.

É curioso que somente John seja mencionado nessa afirmação no diário, quando era a infelicidade de Michael que se encontrava por trás da história de Rover. Pode ser que Michael tenha ficado satisfeito com o primeiro episódio, que explicava o desaparecimento do brinquedo, e se interessasse menos que John pela sua continuação. O próprio Tolkien afeiçoou-se nitidamente à história, que se torna mais complicada à

medida que avança. Mas não está registrado em parte alguma, e hoje ninguém pode afirmar, em que forma exata *Roverandom* foi concebido originalmente - se todos os seus criativos jogos de palavras e suas alusões a mitos e lendas, por exemplo, faziam parte da história desde o início, ou se foram acrescentados quando *Roverandom* finalmente foi escrito.

Tolkien também escreveu em seu diário, após o mesmo intervalo de alguns meses, que a família foi a Filey (a partir de Leeds) no dia 6 de setembro de 1925 e que ali permaneceu até o dia 27 de setembro. No entanto, pelo menos a primeira dessas datas não pode estar correta (e de fato está anotada equivocadamente no diário como sendo sábado, em vez de domingo). Considerando-se que ainda é nítida a lembrança de John Tolkien da lua cheia brilhando sobre o mar, e que essa imagem sem dúvida inspirou a viagem de Rover ao longo de um "caminho da lua" na parte inicial de *Roverandom,* a família Tolkien deve ter estado em Filey durante o período da lua cheia, que em setembro de 1925 começou na terça-feira, dia 2. Também é possível determinar de modo mais positivo que estavam em Filey, na tarde do sábado, 5 de setembro, quando a costa nordeste da Inglaterra foi atingida por uma tempestade fortíssima. Ainda nesse caso a lembrança de John Tolkien é nítida, e o fato é comprovado pelo **noticiário nos jornais**. O mar subiu horas antes do horário previsto para a maré alta, cobriu a muralha do cais e invadiu o passeio em Filey, devastou estruturas ao longo do litoral e deixou a praia revirada, destruindo dessa forma qualquer esperança que restasse de encontrar o brinquedo de Michael. Ventos implacáveis sacudiam tanto o chalé onde estava a família que eles ficaram acordados até tarde da noite, temendo que o telhado fosse arrancado. John Tolkien lembra-se de que seu pai contou aos dois filhos mais velhos uma história para mantê-los calmos, e de que foi nessa ocasião que ele começou a lhes falar do cachorro Rover, que se tornou o brinquedo encantado

"Roverandom". A própria tempestade decerto inspirou o tardio episódio em *Roverandom* no qual a antiga Serpente-marinha começa a acordar e, ao fazê-lo, causa um enorme distúrbio no tempo. ("Quando ela desfazia uma ou duas voltas suas, ainda dormindo, a água se erguia, sacudia e inclinava a casa das pessoas, prejudicando seu repouso num raio de milhas e milhas")

Não há comprovação de que *Roverandom* tenha sido escrito enquanto Tolkien estava em Filey. No entanto, uma **das cinco ilustrações que ele fez para a história**, a paisagem lunar reproduzida neste livro, tem a data de 1925, e é concebível que tenha sido desenhada em Filey durante aquele verão. Três das ilustrações restantes para *Roverandom* têm a data específica de setembro de 1927, época em que a família Tolkien estava de férias em Lyme Regis no litoral sul da Inglaterra: *O Dragão Branco persegue Roverandom e o Cão-da-Lua,* dedicada a John Tolkien; *Casa em que tiveram início as aventuras de "Rover" como "Brinquedo",* dedicada a Christopher Tolkien; e a esplêndida aquarela *Os Jardins do Palácio do Rei-do-Mar.* Em cada uma dessas ilustrações estão escritos mês e ano. Outro desenho, de Rover chegando à lua montado na gaivota Mew, está identificado com "1927-28". Todas essas imagens também estão reproduzidas neste livro. O que as ilustrações de setembro de 1927 sugerem é que *Roverandom* foi recontado em Lyme Regis, talvez porque a família estivesse mais uma vez passando férias na praia e recordasse o acontecido em Filey apenas dois anos antes. A dedicatória a Christopher Tolkien em *Casa em que tiveram início as aventuras de "Rover" como "Brinquedo"* também sugere que Christopher agora tinha idade suficiente para apreciar *Roverandom* (naturalmente ele era apenas um bebê de colo em setembro de 1925), e que a história pode ter sido recontada pelo menos em parte porque ele não a tinha ouvido na ocasião anterior. Esse aparente despertar do interesse por *Roverandom* no verão de 1927 pode ter sido o incentivo que levou

Tolkien afinal a pôr a história no papel, pois é isso que ele parece ter feito mais adiante naquele ano, provavelmente durante as férias de Natal. É nisso que nos dispomos a acreditar - e somente podemos fazer conjecturas, já que não existem manuscritos com datas ou outras provas sólidas - com base em dois pontos interessantes (embora reconhecidamente tênues). Esses pontos dizem respeito ao final do capítulo 2 de *Roverandom,* em que se conta como o Grande Dragão Branco é incomodado por Roverandom e seu amigo, o cão-da-lua, e os ataca numa perseguição desenfreada. O dragão é descrito como um encrenqueiro contumaz: "Às vezes, soltava chamas verdes e vermelhas de verdade de dentro da sua caverna quando estava se banqueteando ou quando estava tendo um acesso de raiva; e nuvens de fumaça eram frequentes. Soube-se que uma ou duas vezes ele tornou a lua inteira vermelha, ou conseguiu apagá-la de todo. Nessas ocasiões desagradáveis, o Ho-mem-da-Lua... descia aos subterrâneos, destampava seus melhores encantamentos e deixava tudo claro com a máxima rapidez possível". No episódio em questão, a perseguição aos dois cães pelo dragão é interrompida pelo Homem-da-Lua na última hora, por meio de um feitiço mágico lançado contra a barriga do dragão. Por esse motivo, "o eclipse seguinte foi um fracasso, porque o dragão estava muito ocupado lambendo a barriga para lhe dar atenção" - uma referência à noção, proposta na passagem anterior, de que os eclipses lunares são causados por fumaça de dragão.

Elementos desse capítulo de *Roverandom* - um dos quais (um inconveniente dragão na lua) sem dúvida fazia parte da história em setembro de 1927, como é demonstrado pela data da ilustração - também aparecem, de uma forma espantosamente similar, num trecho não publicado da carta-história que Tolkien escreveu para os filhos em dezembro daquele ano, fazendo-se passar por "Papai Noel". Nessa carta, uma entre as da notável série de **cartas de "Papai Noel"** que

Tolkien escreveu entre 1920 e 1943, o Homem-da-Lua visita o Pólo Norte e bebe conhaque demais enquanto come pudim de ameixas e brinca de **abocanhar passas em chamas**. Ele adormece e é empurrado pelo Urso do Pólo Norte para baixo do sofá, onde permanece até o dia seguinte. Na sua ausência, dragões surgem na lua e fazem tamanha fumaceira que causam um eclipse. O Homem-da-Lua é forçado a voltar às pressas e fazer uma tremenda magia para endireitar as coisas.

As semelhanças entre essa ficção e o episódio do Grande Dragão Branco em *Roverandom* são muito importantes para serem meras coincidências. E, a partir delas, pode ser razoável supor que Tolkien tinha *Roverandom* em mente ao escrever sua carta de "Papai Noel" em dezembro de 1927. Se ele apresentou a noção de dragões-da-lua como causa de eclipses primeiro na carta, ou se para esse fim recorreu a um conceito já existente em *Roverandom,* é impossível dizer; mas as duas obras devem necessariamente estar relacionadas.

As férias de Natal proporcionaram a Tolkien uma folga das suas responsabilidades acadêmicas, período no qual *Roverandom* poderia ter sido escrito. E, embora não seja possível afirmar categoricamente que ele o fez em dezembro de 1927, mais uma pista aponta para essa data, pelo menos como uma data de origem do mais antigo texto existente (sem data): a menção em *Roverandom* de um eclipse fracassado. No texto mais antigo "o eclipse seguinte foi um fracasso" (como citado acima) é acompanhado pela nota "foi isso o que disseram os astrônomos [fotógrafos]". E essa era de fato a opinião corrente, relatada no *Times* de Londres, a respeito do eclipse total da lua que ocorreu no dia 8 de dezembro de 1927, mas que aos observadores na Inglaterra permaneceu oculto por trás de nuvens. Quanto a esse ponto, a carta de "Papai Noel" de 1927 é mais uma vez útil, pois ela dá a data precisa de 8 de dezembro para o eclipse que ocorreu na ausência do Homem-da-Lua, confirmando, assim, o conhecimento de Tolkien do acontecimento na

vida real.

O mais antigo texto existente de *Roverandom* é uma de quatro versões encontradas entre os documentos de Tolkien na Bodleian Library, Oxford. Infelizmente, perdeu-se um quinto do texto, equivalente ao atual capítulo 1 e à primeira metade do capítulo 2. O restante está preservado em vinte e duas páginas, escritas às pressas, com uma caligrafia às vezes difícil, numa variedade de folhas em branco (possivelmente arrancadas de cadernos escolares), e com numerosas correções. Seguiram-se a esse texto três versões datilografadas, também sem data, ao longo das quais Tolkien foi progressivamente ampliando a história e efetuando muitos aperfeiçoamentos de expressão e detalhes, mas sem nenhuma alteração importante no enredo. O primeiro original datilografado, em trinta e nove páginas apinhadas de correções, baseou-se fielmente no manuscrito e foi de enorme ajuda na tarefa de decifrar as partes menos legíveis da versão anterior. No entanto, o texto datilografado apresenta uma diferença notável em relação ao seu predecessor na parte final, onde foi muito ampliada a passagem em que Rover volta ao seu tamanho e forma originais (antes quase um anticlímax; agora, um momento tanto de impacto quanto de humor). O novo texto foi intitulado originalmente *As aventuras de Rover,* mas Tolkien alterou o título a tinta para *Roverandom,* sendo esse, daí em diante, seu título preferido.

O segundo dos três textos datilografados é interrompido, aparentemente por decisão consciente do autor, depois de apenas nove páginas, com somente algumas linhas na última folha. Ele se estende do início da história até o ponto em que a lua "começou a estender seu caminho brilhante sobre a água". Além disso, um fragmento de texto está datilografado no que agora é o verso de uma folha, texto este que foi imediatamente rejeitado por Tolkien; e o texto foi retomado, sofreu mais revisões e prosseguiu na frente dessa folha. Até onde ele chega, o

segundo texto datilografado incorpora revisões anotadas no primeiro e inclui alguns aperfeiçoamentos. Mas talvez o mais importante seja ressaltar a aparência limpa dessa versão, em comparação com o primeiro texto datilografado. Tolkien agora estava interessado em questões de apresentação, como por exemplo datilografar os números das páginas em vez de acrescentá-los mais tarde a tinta; e dividir o diálogo em parágrafos para indicar interlocutores diferentes, enquanto antes (no que é nitidamente um documento a ser trabalhado) o texto era às vezes contínuo. E, também, o novo texto datilografado inclui apenas algumas correções manuscritas, todas feitas com cuidado e em sua maioria somente de erros tipográficos.

Essa forma de apresentação aprimorada leva-nos a suspeitar que Tolkien teria preparado o segundo texto datilografado para enviá-lo à sua editora, George Allen & Unwin, perto do final de 1936. Naquela ocasião, O *Hobbit* tinha sido aceito com entusiasmo. E, embora estivesse somente em produção e ainda não se tivesse revelado um sucesso, com base nele Tolkien foi convidado a apresentar outras histórias infantis a serem avaliadas para publicação. Ele atendeu ao convite, enviando a Allen *&* Unwin seu livro ilustrado *Mr. Bliss,* seu conto em imitação do estilo medieval *Mestre Gil de Ham* e *Roverandom.* Se, como acreditamos, o segundo texto datilografado incompleto de *Roverandom* foi feito para essa finalidade, pode ser que Tolkien o tenha abandonado por não ser ele ainda totalmente do seu agrado ou talvez porque, como os rascunhos anteriores, tivesse sido escrito em folhas arrancadas de cadernos, com uma longa borda ligeiramente desigual, e o autor quisesse que seu trabalho tivesse uma aparência mais profissional.

De fato, a terceira e última versão datilografada de *Roverandom* é limpa (embora não deixe de apresentar emendas), completa em sessenta folhas de papel bonde (se bem que não de todo uniforme); e foi aí que se introduziram divisões em capítulos, junto com outras modificações,

pequenas porém numerosas, de diálogo e descrição, além de pontuação e divisão de parágrafos. Esse é **quase com certeza o texto** que Tolkien apresentou a Allen & Unwin e que o presidente da firma, Stanley Unwin, deu a seu pequeno filho Rayner para avaliar.

Em um parecer com data de 7 de janeiro de 1937, Rayner Unwin considerou a história "divertida e bem escrita"; mas apesar de sua opinião favorável ela não foi aceita para publicação. Parecia que *Roverandom* era um dos "contos de fadas em vários estilos" que Tolkien tinha (segundo se acreditava) praticamente prontos para publicação em outubro de 1937, como Stanley Unwin ressaltou num memorando; mas àquela altura *O Hobbit* fazia tanto sucesso que Allen & Unwin quiseram uma continuação, com mais sobre os hobbits, antes de mais nada, e parece que *Roverandom* nunca mais foi levado em consideração pelo autor ou pelo editor. A atenção de Tolkien passava agora a se voltar direto para o "novo Hobbit", o trabalho que se tornaria sua obra-prima: *O Senhor dos Anéis.*

Não é exagero afirmar que O *Senhor dos Anéis* poderia não ter chegado a existir se não tivessem existido histórias como *Roverandom;* pois seu sucesso com as crianças da família Tolkien, e com o próprio Tolkien, acabou levando a um trabalho mais ambicioso - *O Hobbit* - e daí a sua continuação. Em sua maioria, essas histórias eram efêmeras. Poucas foram registradas em papel, e dessas não muitas foram terminadas. Tolkien estava perfeitamente feliz com seu papel de contador de histórias para os filhos, pelo menos desde 1920, quando escreveu a primeira das cartas de "Papai Noel". **Havia também histórias** sobre o vilão Bill Stickers e seu adversário Major Road Ahead, do homem minúsculo Timothy Titus e do extravagante Tom Bombadil, que era baseado num boneco holandês pertencente a Michael Tolkien. Nenhum desses se desenvolveu muito, se bem que Tom Bombadil mais tarde encontrasse um lugar para si em poemas e no *Senhor dos Anéis.* Uma história mais

longa e extremamente estranha, *The Orgog,* foi escrita em 1924 e permanece num texto datilografado; mas está inacabada e não foi desenvolvida.

Em comparação, *Roverandom* é completa e bem trabalhada, além de se distinguir ainda mais entre a ficção infantil de Tolkien naquele período pelo prazer desenfreado com que o autor se permitiu brincar com as palavras. O texto contém uma quantidade de quase-homônimos *(Persia* e *Pershore)* e de exemplos de onomatopéia e aliteração ("ganidos e gritos, uivos e urros, rosnados e resmungos, risinhos e roncos, lamentos e lamúrias, muxoxos e queixumes", de listas descritivas, cômicas por sua extensão (como por exemplo a "parafernália, insígnias, símbolos, memorandos, livros de receitas, elixires, aparelhos, e bolsas e potes de uma miscelânea de encantamentos" na oficina de Artaxerxes), bem como de fraseados inesperados ("[O Homem-da-Lua] sumiu como se fosse de ar rarefeito; e qualquer um que nunca tenha ido à lua poderá lhe dizer como o ar é extremamente rarefeito por lá,")- A história também inclui uma série de coloquialismos "infantis", como *whizz* (zum), *splosh* (chape), *tummy* (barriguinha) and *uncomfy* (nada gostoso), que são de especial interesse porque termos semelhantes são raramente encontrados nos textos publicados de Tolkien, tendo sido omitidos desde o início nos originais, ou excluídos durante a revisão (como *tummy* foi transformado em *stomach* [abdome] em *O Hobbit).* Aqui eles são decerto sobreviventes da história como foi contada em sua forma oral original às crianças da família Tolkien.

O fato de Tolkien também ter incluído em *Roverandom* palavras como *paraphernalia* (parafernália), *phosphorescent* (fosforescente), *primordial* (primordial) e *rigmarole* (palavrório) é um sinal revigorante nestes nossos tempos em que esse tipo de linguagem é considerado "difícil" demais para criancinhas - opinião da qual Tolkien teria discordado. "Um bom vocabulário", escreveu ele uma vez (abril de 1959), "não se adquire com

a leitura de livros escritos em conformidade com alguma idéia do que seja o vocabulário da faixa etária do leitor. Ele deriva da leitura de livros acima da sua capacidade" *(Letters of J. R. R. Tolkien* [1981], pp. 298-9).

Roverandom é também notável pela variedade de materiais biográficos e literários que foram aproveitados na sua criação. Em primeiro lugar, naturalmente, a própria família Tolkien e o próprio autor: em *Roverandom* são vistos os pais e os filhos da família ou (no caso do bebê Christopher) é feita referência a ele; o chalé e a praia em Filey aparecem em três capítulos; Tolkien expressa algumas vezes suas opiniões a respeito de lixo e poluição; e acontecimentos das férias de 1925 - a lua brilhando sobre o mar, a grande tempestade e acima de tudo a perda do cãozinho de brinquedo de Michael - são elementos do relato. A esses elementos Tolkien acrescentou grande número de referências a mitos e histórias de fadas, a sagas nórdicas e à literatura infantil contemporânea: aos Dragões Vermelho e Branco das lendas britânicas, a Artur e Merlin, a moradores míticos do mar (sereias, Niord e o Velho-do-Mar, entre muitos), e à serpente Midgar, além de empréstimos ou pelo menos reverberações dos livros de "Psammead" de E. Nesbit, de *Através do espelho* e *Sylvie and Bruno* de Lewis Carroll, até mesmo de Gilbert e Sullivan. É um amplo leque, mas esses materiais diversos se associaram bem nas mãos de Tolkien, com pouca incongruência e muita diversão - para os que reconhecerem as alusões.

Identificamos e examinamos muitas das fontes (definidas ou prováveis) de Tolkien para *Roverandom* - bem como termos obscuros, algumas questões que são específicas da Grã-Bretanha e podem não ser familiares aos leitores de outros países e assuntos de interesse especial - em notas sucintas que acompanham o texto. Mas aqui, nesta apresentação geral, parece conveniente chamar a atenção para alguns pontos mais detidamente.

Em sua conferência Andrew Lang de 1939, *Dos Contos de Fadas,*

Tolkien criticou a "miudeza típica de flores e borboletas" de muitas descrições das fadas, citando especialmente *Nymphidia* de Michael Drayton com o cavaleiro Pigwiggen montado numa "pequena centopeia brincalhona" e "marcando um encontro numa flor de prímula". Mas na época de *Roverandom* ele ainda não tinha começado a evitar idéias fantásticas como a de gnomos-da-lua montados em coelhos e fazendo panquecas com flocos de neve, e fadas-marinhas que passeavam em carruagens de concha puxadas por peixinhos minúsculos. Apenas dez anos antes, ele havia publicado uma obra agora famosa da sua produção juvenil, o poema "Goblin Feet" [Pés de Duende] (1915), no qual o autor ouve "minúsculas trompas de trasgos encantados" e se detém em "pequeninas túnicas" e "pezinhos felizes". E, como Tolkien admitiu uma vez, nas décadas de 1920 e 1930 ele ainda era "influenciado pela convenção de que os 'contos de fadas' são naturalmente dirigidos a crianças" *(Letters,* p. 297, rascunho de abril de 1959) - Por isso, ele às vezes adotava imagens e modos de expressão normais em "contos de fadas": os elfos cantantes e brincalhões de Valfenda em *O Hobbit,* por exemplo; e, tanto naquela obra quanto (talvez ainda mais) em *Roverandom,* uma nítida voz do autor (ou do pai) como narrador. Mais tarde Tolkien lamentou ter de algum modo "escrito em tom de superioridade" para seus filhos, e desejou em especial que "Goblin Feet" fosse enterrado e esquecido. Enquanto isso, as Fadas (posteriormente Elfos) da sua imaginada mitologia do "Silmarillion" eram altas e nobres, com pouquíssimos traços característicos do herói "Pigwiggen".

Era quase inevitável que *Roverandom* fosse atraído na direção da mitologia (ou *legendariuni)* que àquela altura Tolkien já vinha desenvolvendo havia uma década ou mais e que continuava a ser para ele um tema principal. Podem-se fazer algumas comparações entre essas obras. O jardim no lado escuro da lua em *Roverandom,* por

exemplo, é muito semelhante ao "Cottage of Lost Play" [Chalé do brincar perdido] em *The Book of Lost Tales* [O livro dos contos perdidos], o mais antigo tratamento em prosa dado ao *legendarium.* No segundo, as crianças "dançavam e brincavam..., colhendo flores ou correndo atrás de abelhas douradas e borboletas com asas bordadas" *(Part One* [publicada em 1983]), enquanto no jardim-da-lua elas estão "dançando sonolentas, caminhando como em sonho e falando consigo mesmas. Algumas começavam a se mexer como se estivessem despertando de um sono profundo; algumas já estavam correndo bem acordadas e riam: cavavam, colhiam flores, construíam cabanas e casas, perseguiam borboletas, chutavam bolas, subiam em árvores, e todas estavam cantando".

O Homem-da-Lua não quer dizer como as crianças chegam ao seu jardim, mas a certa altura Roverandom olha para a terra e parece ver "longas filas, desbotadas e bastante ralas, de pessoinhas flutuando velozes" pelo caminho da lua; e, como as crianças chegam ao jardim ainda adormecidas, parece certo que Tolkien tinha em mente sua visão já existente do *Olóre Malle* ou Caminho dos Sonhos, que levava ao "Cottage of Lost Play": "pontes esguias pousadas no ar cintilando cinzentas como que de brumas sedosas iluminadas por um luar delicado", um caminho que os olhos de homem algum contemplaram "a não ser nos sonos tranquilos da juventude do seu coração" *(The Book of Lost Tales, Part One,* p. 211).

A associação mais fascinante entre *Roverandom* e a mitologia ocorre, porém, quando a "baleia mais velha", Uin, mostra a Roverandom "a grande Baía do Reino Encantado (como o chamamos) para lá das Ilhas Mágicas", e ainda mais ao longe, "no extremo oeste, as Montanhas de Casadelfos e a luz da Terra das Fadas sobre as ondas" e "a cidade dos Elfos na colina verde ao pé das Montanhas". Pois é essa precisamente a geografia do Oeste do mundo no "Silmarillion", como aquela obra existia

na década de 1920 e 1930. As "Montanhas de Casadelfos" são as Montanhas de Valinor em Aman, e a "cidade dos Elfos" é Túna - para usar o nome que lhe foi dado tanto na mitologia quanto no primeiro texto (somente) de *Roverandom.* Também Uin foi tirada de *The Book of Lost Tales,* e embora aqui não seja exatamente sua homônima "a mais poderosa e mais antiga das baleias" *(Part One,* p. 118), ela ainda consegue levar Roverandom até onde se avistam as terras ocidentais, que àquela altura do desenvolvimento do *legendarium* estavam ocultas aos olhos mortais por trás de trevas e águas perigosíssimas.

Uin diz que levaria um sermão se descobrissem (presumivelmente os Valar, ou Deuses, que habitam em Valinor) que ela havia mostrado Aman a alguém (até mesmo a um cachorro!) das "Terras de Fora" - ou seja, da Terra-Média, o mundo dos mortais. Em *Roverandom,* sob certos aspectos, pretende-se que esse mundo seja o nosso, com a menção de muitos lugares reais pelo nome. O próprio Roverandom "afinal de contas era um cachorro inglês". Mas sob outros aspectos está claro que não se trata da nossa terra: para começar, ela tem bordas por cima das quais caem cachoeiras "direto para o espaço". Essa também não é exatamente a terra descrita no *legendarium,* embora ela também seja plana; mas a lua de *Roverandom,* exatamente da mesma forma que a lua de *The Book of Lost Tales,* passa por baixo do mundo quando não está no céu lá em cima.

À medida que uma quantidade maior das obras de Tolkien foi publicada no quarto de século decorrido desde sua morte, tornou-se claro que praticamente todos os seus escritos estão inter-relacionados, mesmo que apenas em detalhes, e que cada um lança uma luz propícia sobre os outros. *Roverandom* ilustra mais uma vez como o *legendarium,* que foi o trabalho de toda a vida de Tolkien, influenciou sua ficção, e ele prevê (ou espelha) textos nos quais o próprio *Roverandom* pode ter exercido uma influência - em especial O *Hobbit,* cuja composição (com possível início

em 1927) foi simultânea à redação e à revisão de *Roverandom.* Na realidade poucos leitores de *O Hobbit* deixarão de perceber *(inter alia)* semelhanças entre o vôo amedrontado de Rover com Mew até sua casa no penhasco e o vôo de Bilbo até o ninho da águia; e entre as aranhas que Roverandom encontra na lua e as da Floresta das Trevas; o fato de que tanto o Grande Dragão Branco quanto Smaug, o dragão de Erebor, têm o ventre vulnerável; e de que, dos três feiticeiros rabugentos em *Roverandom* - Artaxerxes, Psamatos e o Homem-da-Lua -, cada um a seu modo é um precursor de Gandalf.

Antes de passar ao texto, falta ainda dizer algumas palavras sobre as ilustrações que o acompanham. Já examinamos essas ilustrações detidamente em J. *R. R. Tolkien: Artist & Illustrator* (1995); mas aqui, quando elas afinal são impressas junto com o texto completo da história, podem-se melhor avaliar suas qualidades e imperfeições. Elas não foram planejadas como ilustrações para um livro impresso, e não estão uniformemente distribuídas ao longo da história de acordo com o tema (de fato, neste livro, sua localização obedeceu às exigências da produção). Elas também não estão em harmonia em termos de estilo ou de técnica: duas são em nanquim, duas em aquarela e uma principalmente em lápis de cor. Quatro foram plenamente desenvolvidas, em especial as aquarelas, enquanto a quinta, a vista de Rover chegando à lua, é um trabalho muito inferior, com Rover, Mew e o Homem-da-Lua inconvenientemente pequenos.

Nesse desenho, talvez Tolkien estivesse mais interessado na torre e na (precisa) paisagem árida, que entretanto não dá nenhuma sugestão das florestas lunares descritas em *Roverandom.* A *Paisagem Lunar,* de data anterior, é mais fiel ao texto: inclui árvores com folhas azuis, e "amplos espaços abertos de um verde e azul claros, nos quais as montanhas altas e pontiagudas lançavam compridas sombras que se estendiam longe pelo chão". Presume-se que ela ilustre o momento em que

Roverandom e o Homem-da-Lua, quando voltam da visita ao lado escuro, vêem "o mundo nascer, uma lua dourada e verde-clara, imensa e redonda, acima do espinhaço das Montanhas Lunares". Mas aqui o mundo obviamente não é plano: somente as Américas aparecem e, portanto, a Inglaterra e outros locais da terra mencionados na história devem estar no lado oposto de um globo. O título *Paisagem Lunar* está escrito na ilustração numa forma primitiva da escrita élfica *tengwar de* Tolkien.

O *Dragão Branco persegue Roverandom e o Cão-da-Lua* também é fiel ao texto e apresenta alguns pontos de interesse além do dragão e dos dois cães alados. Acima da legenda vê-se uma das aranhas da lua e, provavelmente, uma mariposa-dragão; e no céu mais uma vez a terra aparece como um globo. Quando ilustrou *O Hobbit,* Tolkien usou o mesmo dragão no seu mapa *Terras Ermas* e a mesma aranha no seu desenho da Floresta das Trevas. "Moondog", como aparece no título, foi usado (como variação para "moon-dog", com hífen) somente nos textos mais antigos.

A esplêndida aquarela *Os Jardins do Palácio do Rei-do-Mar* revela a estrutura de "pedra rosa e branca" como se fosse uma decoração de aquário, talvez com uma leve sugestão do Pavilhão Real em Brighton. Tolkien preferiu exibir o palácio e seus jardins em toda a sua beleza, em vez de mostrar a caminhada temerosa de Roverandom pela trilha acima. É provável que a intenção fosse a de que enxergássemos através dos seus olhos. A baleia Uin está no canto superior esquerdo, muito semelhante ao monstro numa das ilustrações de Rudyard Kipling para "How the Whale Got His Throat" em seu livro *Just So Stories* (1902). "Merking", como está no título, apareceu somente nos textos iniciais, como variante de "mer-king" [rei-do-mar] (a única forma presente no texto final datilografado).

Faltou também coerência a Tolkien em sua ortografia de outros

compostos do prefixo mer-, que neste texto foram padronizados como palavras separadas por hífen, à exceção dos termos de ortografia familiar *mermaid {mermaids, mermaidens)* [sereia, sereias] e *mermen* [tritões].

A ilustração *Casa em que tiveram início as aventuras de "Rover" como "Brinquedo",* uma aquarela de igual esmero, representa porém um enigma. Seu título sugeriria que ela descreve a casa em que Rover conheceu Artaxerxes, embora não seja dada nenhuma indicação no texto de que ela estivesse numa fazenda ou perto de uma. Além disso, a vista do mar ao fundo e a gaivota em vôo no alto estariam em contradição com a afirmação no texto de que Rover "nunca tinha visto o mar nem sentido seu cheiro" antes de ser levado à praia pelo menininho Dois, "pois o lugarejo de interior em que tinha nascido ficava a muitos e muitos quilômetros de qualquer som ou aroma dele". Nem poderia esta ser a casa do pai dos meninos, que é descrita como uma construção branca no alto de um penhasco, com jardins que se estendem até o mar lá embaixo. Quase somos tentados a nos perguntar se essa ilustração originalmente seria totalmente desvinculada da história, e então detalhes, como a gaivota, por exemplo, foram acrescentados enquanto ela estava sendo pintada para lhe conferir alguma pertinência. O cão preto-e-branco na parte inferior esquerda poderia pretender representar Rover, e o animal preto à sua frente - como Rover, parcialmente oculto por um porco - pode ser a gata Tinker, mas nada disso é certo.

O texto que se segue está baseado na versão mais recente de *Roverandom.* Tolkien nunca chegou a terminar a editoração da obra para publicação, e não se pode duvidar de que ele teria feito grande quantidade de revisões e correções, para torná-la mais adequada a um público maior que sua família mais próxima, caso o texto tivesse sido aceito por Allen & Unwin como sucessor de *O Hobbit.* O que acabou acontecendo foi que uma série de erros e incoerências foi deixada no

texto. Quando escrevia com pressa, Tolkien não costumava padronizar a pontuação e uso de maiúsculas. Para *Roverandom,* seguimos sua prática (geralmente minimalista) nos casos em que suas intenções eram claras, mas padronizamos os sinais de pontuação e o uso de maiúsculas quando pareceu necessário. Também corrigimos alguns erros tipográficos óbvios. Com o consentimento de Christopher Tolkien, também corrigimos um número muito pequeno de frases estranhas (mantendo outras), mas em sua maior parte o texto está como o autor o deixou.

Por seus conselhos e orientação na elaboração deste livro, nossa especial gratidão a Christopher Tolkien, a quem também agradecemos o fornecimento da afirmação encontrada no diário de seu pai, e a John Tolkien, que compartilhou conosco suas lembranças de Filey em 1925. Também gostaríamos de registrar nosso reconhecimento pelo auxílio e estímulo de Priscilla e Joanna Tolkien; Douglas Anderson; David Doughan; Charles Elston; Michael Everson; Verlyn Flieger; Charles Fuqua; Christopher Gilson; Cari Hos-tetter; Alexei Kondratiev; John Rateliff; Arden Smith; Rayner Unwin; Patrick Wynne; David Brawn e Ali Bai-ley da HarperCollins; Judith Priestman e Colin Harris da Bodleian Library, Oxford; e da equipe da Williams College Library, Williamstown, Massachusetts.

Christina Scull Wayne G. Hammond

ROVERANDOM

1

Era uma vez um cãozinho que se chamava Rover. Era muito pequeno e muito novinho, senão teria sido mais atento. E estava muito feliz brincando ao sol no jardim com uma bola amarela, senão não teria feito o que fez.

Nem todo velho de calça esfarrapada é má pessoa: alguns **catam ossos e garrafas**, e têm seus próprios cãezinhos; alguns são jardineiros; e alguns, pouquíssimos, são magos que perambulam num dia de férias, à procura de alguma coisa para fazer. Esse era um mago, esse que agora está entrando na história. Veio perambulando pelo caminho do jardim, com um casaco velho e esfarrapado, um cachimbo velho na boca e um chapéu verde também velho na cabeça. Se não estivesse tão ocupado latindo para a bola, Rover poderia ter notado **a pena azul fincada na parte de trás do chapéu verde**. E teria então suspeitado de que o homem era um mago, como teria feito qualquer cãozinho de juízo. Mas Rover não chegou a ver pena nenhuma.

Quando o velho se abaixou e apanhou a bola - sua intenção era transformá-la numa laranja ou até mesmo num osso ou num pedaço de carne para Rover - Rover rosnou e disse:

- Largue a minha bola! - sem nem sombra de "por favor".

É claro que o mago, por ser mago, compreendeu perfeitamente e respondeu da mesma forma:

- Cale a boca, seu bobo! - sem nem sombra de "por favor".

Guardou então a bola no bolso, só para provocar o cachorro, e se voltou para ir embora. Lamento informar que Rover na mesma hora mordeu a

calça do velho, rasgando um bom pedaço. Talvez ele tenha também arrancado um pedaço do mago. Seja como for, o velho de repente se virou furioso, aos gritos:

- Idiota! Agora você vai virar brinquedo!

Daí em diante, começaram a acontecer coisas estranhíssimas. Para começar, Rover era só um cãozinho, mas de repente ele se sentiu muito menor. A grama começou a crescer monstruosamente e a ondular muito acima da sua cabeça; e bem longe, em meio à grama, como o sol nascendo através das árvores de uma floresta, Rover podia ver a enorme bola amarela, ali onde o mago a havia jogado de volta. Ele ouviu o estalido do portão quando o velho saiu, mas não conseguiu vê-lo. Tentou latir, mas só saiu um barulhinho de nada, fraco demais para gente normal ouvir. E eu acho que nem mesmo um cachorro o teria percebido.

Rover tinha se tornado tão pequeno que, se uma gata tivesse aparecido por ali naquele instante, com certeza teria pensado que ele era um camundongo e o teria devorado. Era o que Tinker teria feito. Tinker era uma grande gata preta que morava na mesma casa.

Só de pensar em Tinker, Rover começou a sentir um pavor total; mas logo os gatos desapareceram da sua cabeça. De repente, o jardim ao redor desapareceu, e Rover sentiu que era transportado, sem saber para onde. Quando o movimento terminou, descobriu que estava no escuro, jogado no meio de um monte de coisas duras. E ali ficou, numa caixa abafada ao que lhe parecia, no maior desconforto por muito tempo. Nada havia para comer ou beber; mas o pior de tudo foi descobrir que não conseguia se mexer. De início, achou que isso era por estar apertado ali dentro, mas depois percebeu que durante o dia apenas conseguia se mexer muito pouco, com enorme esforço e, ainda por cima, só quando ninguém estivesse olhando. **Era só depois da meia-noite que ele conseguia andar** e abanar a cauda, e mesmo isso com movimentos um

pouco emperrados. Havia sido transformado em brinquedo. E, como não tinha dito "por favor" ao mago, agora precisava ficar o dia inteiro sentado como um cachorrinho pidão. Estava preso nessa posição.

Depois do que lhe pareceu um tempo muito longo e escuro, ele tentou mais uma vez latir bem alto para que as pessoas ouvissem. Tentou então morder os outros objetos que estavam com ele dentro da caixa, uns bichinhos de brinquedo bobos, só feitos de madeira ou de chumbo, não cachorros de verdade encantados como Rover. Mas não adiantou. Não conseguia latir nem morder.

De repente alguém chegou e tirou a tampa da caixa, deixando entrar luz.

- Seria bom colocarmos alguns desses bichinhos na vitrine hoje de manhã, Harry - disse uma voz, e uma mão entrou na caixa. - De onde é que veio este aqui? - disse a voz, enquanto a mão segurava Rover. - Não me lembro de tê-lo visto antes. Não devia estar na caixa dos de três *pence,* tenho certeza. Você já viu alguma coisa que pareça tão real? Olhe só o pêlo e os olhos!

- **Marque o preço de *seis pence*** - disse Harry - e ponha o cachorrinho na frente da vitrine!

Ali bem no primeiro plano da vitrine, em pleno sol quente, o coitadinho do Rover teve de ficar a manhã inteira e a tarde inteira, até quase a **hora do chá**. E o tempo todo ele teve de se manter sentado nas patas traseiras, fingindo implorar, apesar de por dentro estar morrendo de raiva.

- Vou fugir do primeiro que me comprar - disse ele aos outros brinquedos. - Sou de verdade. Não sou brinquedo, e não vou ser brinquedo. Mas queria que alguém viesse me comprar logo. Detesto esta loja, e não posso me mexer, exposto na vitrine desse jeito.

- E para que você quer se mexer? - perguntaram os outros brinquedos. - Nós não queremos. É mais confortável ficar parado sem pensar em nada. Quanto mais se descansa, mais se vive. Por isso, trate de calar a

boca! Não conseguimos dormir enquanto você está falando. E tempos difíceis, em quartos de crianças turbulentas aguardam alguns de nós.
Não quiseram dizer mais nada, e o pobre Rover não tinha mais ninguém com quem conversar. Sentia-se tremendamente infeliz e estava muito arrependido de ter mordido a calça do mago.
Não sei dizer se foi ou não o mago quem mandou a mãe tirar o cãozinho da loja. Seja como for, exatamen-te quando Rover não aguentava mais tanta tristeza, ela entrou na loja com uma sacola de compras. Tinha visto Rover na vitrine e achou que seria um belo cãozinho para seu filho. **Tinha três filhos**, e um deles era apaixonado por cãezinhos, especialmente por cãezinhos preto-e-branco. Por isso, ela comprou Rover, que foi **embrulhado em papel** e posto na sacola entre as compras que ela havia feito para o chá.
Rover logo conseguiu pôr a cabeça para fora do embrulho. Estava sentindo cheiro de bolo. Mas descobriu que não conseguiria alcançá-lo; e bem ali no meio dos sacos de papel deu um rosnado baixinho de brinquedo. Só os camarões o ouviram, e lhe perguntaram qual era o problema. Ele lhes contou toda a história, na esperança de que sentissem pena dele, mas os camarões só responderam:
- E o que você acha de ser cozido? Alguma vez você já foi cozido?
- Não! Nunca fui cozido, ao que eu lembre - disse Rover -, apesar de às vezes terem me dado banho, e isso não é muito bom, não. Mas imagino que ser cozido não seja tão ruim quanto ser enfeitiçado.
- Então, com certeza você nunca foi cozido mesmo - responderam. - Você não faz a menor idéia. É a pior coisa que pode acontecer a alguém. Ficamos vermelhos de raiva só de pensar.
Rover não estava gostando dos camarões.
- Não importa. Logo vão comer vocês todos, e eu vou só ficar sentado, olhando!
Depois disso, os camarões não tiveram mais nada a lhe dizer, e só

restou a Rover ficar se perguntando que tipo de gente o havia comprado. Isso ele logo descobriu. Foi levado até uma casa; a sacola foi posta em cima de uma mesa; e todos os embrulhos foram tirados. Os camarões foram levados para a despensa, mas Rover foi entregue direto ao menininho para quem tinha sido comprado, que o levou para o quarto e conversou com ele.

Rover teria gostado do menino, se não estivesse zangado demais para ouvir o que ele lhe estava dizendo. O menino latia para ele na **melhor língua-de-cães que conseguia** (e era muito bom nisso), mas Rover nunca tentou responder. O tempo todo estava pensando que tinha dito que fugiria da primeira pessoa que o comprasse, e agora se perguntava como poderia fugir. E o tempo todo tinha de ficar sentado nas patas traseiras, fingindo implorar, enquanto o menino lhe fazia carinho e o empurrava de um lado para o outro, em cima da mesa e no chão.

Anoiteceu afinal, e o menino foi dormir. **Puseram Rover numa cadeira junto à cabeceira da cama**, ainda em posição de pidão, até que escureceu totalmente. A veneziana estava fechada; mas lá fora **a lua nasceu no mar e estendeu seu caminho de prata sobre as águas, que é por onde se chega às bordas do mundo e mais além, para aqueles que conseguem caminhar por ele**. O pai, a mãe e os três meninos moravam perto do mar numa casa branca que dava por cima das ondas direto para lugar nenhum.

Quando os meninos adormeceram, Rover esticou as pernas cansadas e doloridas e deu um latidinho que ninguém ouviu, a não ser uma velha aranha malvada num canto no alto. Saltou então da cadeira para a cama; e da cama caiu para o tapete. Dali saiu correndo do quarto, escada abaixo, e percorreu a casa inteira.

Apesar de estar muito satisfeito por ser capaz de se mexer de novo e conseguir correr e pular muito melhor que a maioria dos brinquedos à noite, já que tinha sido de verdade, e bem vivo, Rover descobriu que era

muito difícil e perigoso ir de um lugar para o outro. Era agora tão pequeno que descer cada degrau da escada era como pular de cima de um muro; e subir a escada de novo foi muito cansativo e realmente incômodo. E de nada adiantou todo o seu esforço. Encontrou todas as portas fechadas e trancadas, é claro. E não havia nem uma fenda ou buraco pelo qual pudesse se esgueirar para sair. Assim o pobre Rover não pôde fugir naquela noite, e a manhã encontrou um cachorrinho muito cansado sentado nas patas traseiras, na pose de pidão, exatamente onde havia sido deixado.

Quando o tempo estava bom, os dois meninos maiores costumavam se levantar e correr pela praia antes do café da manhã. Naquele dia, quando acordaram e abriram a veneziana, viram o sol subindo do mar, vermelho como fogo com nuvens em volta da cabeça, como se tivesse tomado um banho frio e estivesse se secando com toalhas. Logo estavam de pé e vestidos. E lá foram eles descendo pelo penhasco até a praia para um passeio - e Rover foi junto.

Na hora em que estava saindo do quarto, o **menino Dois** (a quem Rover pertencia) viu Rover sentado na cômoda onde o tinha posto enquanto se vestia.

- Ele está implorando para sair! - disse o menino, e o enfiou no bolso da calça.

Mas Rover não estava implorando para sair e, sem a menor dúvida, não dentro de um bolso de calça. Ele queria descansar e se preparar de novo para a noite, porque acreditava que naquela noite talvez conseguisse encontrar uma maneira de fugir e seguir perambulando cada vez mais longe até voltar para sua casa, seu jardim e sua bola amarela no gramado. Rover tinha a impressão de que, se um dia conseguisse voltar ao gramado, tudo talvez desse certo: o encantamento poderia terminar, ou ele poderia acordar e descobrir que tudo tinha sido um sonho. Por isso, enquanto os garotos despencavam pela trilha do

penhasco e galopavam pela areia afora, ele tentava latir, se debater e se remexer dentro do bolso. Por mais que se esforçasse, conseguia se mover só um pouquinho, mesmo estando escondido e sem ninguém vendo. Ainda assim, ele fazia o que podia, e a sorte estava do seu lado. Havia um lenço no bolso, todo enrolado e amassado, de forma que Rover não estava muito no fundo. Somando-se a isso seus esforços e o galope do seu dono, em pouco tempo ele conseguiu pôr o focinho para fora e dar uma boa farejada.
Ficou muito surpreso com o que viu e com o cheiro que sentiu. Nunca tinha visto o mar nem sentido seu cheiro, pois o lugarejo de interior em que tinha nascido ficava a muitos e muitos quilômetros de qualquer som ou aroma dele.

De repente, enquanto estava debruçado para fora do bolso, um pássaro enorme, todo branco e cinzento, passou em alta velocidade logo acima da cabeça dos meninos, fazendo um barulho como se fosse um enorme gato com asas. Rover tomou um susto tão grande que caiu direto do bolso na areia fofa, e ninguém o ouviu. A ave enorme prosseguiu seu vôo e se afastou, sem perceber os latidos fraquinhos; e os meninos continuaram a caminhar pela areia sem pensar nele.
A princípio, Rover ficou satisfeitíssimo.
- Consegui fugir! Consegui fugir! - latia ele, com um latido de brinquedo que só outros brinquedos conseguiriam ouvir; e por ali não havia nenhum para escutar. Então rolou e ficou deitado na areia limpa e seca que ainda estava fresca da noite inteira passada sob as estrelas.
Mas, quando os meninos passaram voltando para casa sem percebê-lo e ele foi abandonado sozinho na praia deserta, não ficou tão satisfeito assim. Não havia ninguém na praia a não ser as gaivotas. Além das marcas de seus pés na areia, as únicas outras pegadas que se viam eram os rastros dos meninos. Naquele dia, tinham ido passear numa

parte muito solitária da praia que raramente visitavam. Na realidade, não era comum que alguém fosse ali pois, se bem que a areia fosse limpa e amarelada, os seixos brancos, e o mar azul com espuma de prata numa pequena enseada à sombra dos penhascos cinzentos, reinava uma sensação estranha no local, exceto no início da manhã, quando o sol acabava de nascer. Dizia-se que criaturas esquisitas frequentavam o lugar, às vezes até mesmo à tarde; e ao escurecer ele já estava cheio de sereias e tritões, isso para não mencionar os pequenos duendes-do-mar que cavalgavam seus pequenos cavalos-marinhos com rédeas de algas verdes até alcançar os penhascos, onde os deixavam deitados na espuma que se formava na beira d'água.

Ora, o motivo para todo esse mistério era simples: o mais antigo de todos os feiticeiros-da-areia morava naquela enseada; ***Psamatistas*** é como o povo-do-mar os chama em seu idioma respingante. **Psamatos Psamatides** era o nome daquele feiticeiro, ou era isso o que ele dizia, e fazia enorme questão da pronúncia correta. Mas era um velhinho sábio, e todos os tipos de gente estranha vinham procurá-lo porque era um mago excelente e muito prestativo (com as pessoas certas) ainda por cima, apesar de ser um pouco rabugento à primeira vista. O povo-do-mar costumava rir das suas piadas semanas a fio depois das festas que ele dava no meio da noite. Não era fácil encontrá-lo durante o dia. Ele gostava de ficar deitado, enterrado na areia quentinha quando o sol brilhava, de modo que **ficava aparecendo só a ponta de uma das suas longas orelhas**; e, mesmo que as duas orelhas fossem visíveis, a maior parte das pessoas, como vocês ou eu, pensaria que se tratava de pedacinhos de pau.

É possível que o velho Psamatos soubesse de tudo a respeito de Rover. Ele sem dúvida conhecia o velho mago que o havia encantado. É que os magos e os feiticeiros são muito poucos e se conhecem muito bem. Eles ficam de olho no que os outros estão fazendo, e nem sempre são

grandes amigos na intimidade. Seja como for, lá estava Rover deitado na areia macia e começando a se sentir muito só e bastante estranho; e lá estava Psamatos, embora Rover não o estivesse vendo, espiando o cãozinho a partir de um monte de areia que as sereias tinham preparado para ele na noite anterior.

Mas o feiticeiro-da-areia não disse nada. E Rover não disse nada. E passou a hora do café da manhã, e o sol ficou alto e quente. Rover olhou para o mar, que parecia fresco, e então levou um susto terrível. De início, achou que devia ter entrado areia nos seus olhos, mas logo viu que não podia estar enganado: o mar estava se aproximando cada vez mais, engolindo cada vez mais areia, e as ondas não paravam de crescer e de ficar mais espumosas o tempo todo.

Era a maré que estava subindo, e Rover estava pouco abaixo do nível máximo, mas disso ele não sabia. Foi ficando cada vez mais apavorado enquanto olhava e pensava nas ondas e seus borrifos chegando até os penhascos e arrastando-o para o mar espumante (muito pior que qualquer banheira cheia de sabão), tudo isso ainda na triste pose de pidão.

De fato, é o que poderia ter-lhe acontecido, mas não aconteceu. Eu diria que Psamatos teve algo a ver com o fato. Seja como for, imagino que o encantamento do mago não fosse tão forte naquela enseada misteriosa, tão perto da residência de outro mágico. O certo é que, no momento em que o mar tinha se aproximado muito, e Rover quase não aguentava mais de pavor, esforçando-se para rolar um pouco mais para cima na praia, de repente ele descobriu que conseguia se mexer.

Seu tamanho continuava o mesmo, mas ele não era mais um brinquedo. Conseguia se movimentar com rapidez e da forma certa com todas as patas, apesar de ainda ser dia claro. Não precisava mais ficar imóvel implorando e conseguia correr pela areia onde ela era mais firme. Além disso, conseguia latir - não latidos de brinquedo, mas latidinhos de

verdade, agudos, compatíveis com seu tamanho de cãozinho encantado. Estava tão feliz e latia tão alto que, se vocês estivessem lá naquela hora, teriam ouvido os latidos nítidos e meio distantes, como o eco de um cão pastor que desce dos montes com o vento.

Foi então que o feiticeiro-da-areia de repente pôs a cabeça para fora da areia. Sem dúvida ele era feio, e era mais ou menos do tamanho de um cachorro muito grande; mas, para Rover, no seu tamanho encantado, ele parecia horrendo e monstruoso. Rover sentou-se e parou de latir na mesma hora.

- Para que você está fazendo tanto barulho, cãozinho? - disse Psamatos Psamatides. - Esta é minha hora de dormir!

falar a verdade, todas as horas eram hora de dormir para ele, a menos que estivesse acontecendo alguma coisa que o divertisse, como uma dança de sereias na enseada (a seu convite). Nesse caso, ele saía da areia e sentava-se num rochedo para assistir ao espetáculo. As sereias podem ser muito graciosas dentro d'água mas, quando tentavam dançar com as caudas em terra firme, Psamatos achava muito engraçado.

- Esta é minha hora de dormir! - repetiu, quando Rover não lhe respondeu. Mesmo assim, Rover não disse nada e só abanava a cauda, pedindo desculpas.

- Você sabe com quem está falando? - perguntou ele. **- Sou Psamatos Psamatides, líder de todos os Psamatistas! - isso ele disse diversas vezes, com muito orgulho, pronunciando cada letra; e, a cada Pê, saía uma nuvem de areia do seu nariz.**

Rover quase foi soterrado por essa areia e ficou ali sentado com um ar tão assustado e tão infeliz que o feiticeiro-da-areia sentiu pena. De repente ele perdeu a aparência feroz e começou a rir.

- Você é um cãozinho engraçado, Cãozinho! Não consigo me lembrar de ter visto outro que fosse tão pequeno assim, Cãozinho.

E então riu de novo; e depois, de repente, ficou sério.

- Você andou tendo alguma briga com magos nestes últimos tempos? - perguntou, quase sussurrando, e fechou um olho. E com o outro olho parecia tão simpático e tão esperto que Rover lhe contou tudo. Era provável que fosse totalmente desnecessário, pois Psa-matos, como eu já disse, talvez soubesse de tudo de antemão. Mesmo assim, Rover sentiu-se muito melhor por falar com alguém que parecia compreender e ter mais juízo do que um simples brinquedo.

- Era um mago, sim, senhor - disse o feiticeiro, quando Rover terminou a história. - Pela sua descrição, deve ser o velho **Artaxerxes**. **Ele é da Pérsia**. Mas um dia se perdeu, como às vezes acontece com os melhores magos (a menos que sempre fiquem em casa como eu), e a primeira pessoa que ele encontrou na estrada foi logo lhe ensinar o caminho para Pershore. Desde aquela época, ele mora por aquelas bandas, menos nas férias. Dizem que é muito ágil na colheita de ameixas, para um velho, de dois mil anos no mínimo, e que adora **sidra**. Mas isso não vem ao caso. - Psamatos queria dizer que estava se afastando do que pretendia dizer. - A questão é: o que eu posso fazer por você?

- Não sei - disse Rover.

- Você quer ir para casa? Lamento não poder fazê-lo voltar ao seu devido tamanho, pelo menos não antes de pedir permissão a Artaxerxes, porque não quero brigar com ele por enquanto. Mas acho que eu poderia me arriscar a enviá-lo para casa. Afinal de contas, Artaxerxes sempre pode mandá-lo de volta, se quiser. Apesar de que, naturalmente, da próxima vez ele poderia mandá-lo para um lugar muito pior que uma loja de brinquedos, se estivesse realmente irritado.

Rover não gostou nem um pouco dessa idéia e arriscou dizer que, se voltasse para casa assim tão pequeno, poderia não ser reconhecido por ninguém, à exceção de Tinker, a gata, e não tinha muita vontade de ser reconhecido por Tinker no estado em que se encontrava.

- Muito bem! - disse Psamatos. - Vamos ter de pensar em alguma outra solução. Enquanto isso, como você voltou a ser de verdade, aceita comer alguma coisa?

Antes que Rover tivesse tempo de dizer "Aceito, sim, por favor. ACEITO! POR FAVOR!", surgiu diante dele na areia um pratinho de pão com molho de carne e dois ossinhos do tamanho certo, bem como uma tigelinha cheia de água com as palavras BEBA CACHORRINHO BEBA escritas em torno dela em pequenas letras azuis. Ele comeu e bebeu tudo antes de perguntar:

- Como foi que o senhor fez isso?... Obrigado!

De repente, achou que devia acrescentar o "Obrigado", já que os magos e pessoas desse tipo parecem se ofender com facilidade. Psamatos só deu um sorriso, e Rover deitou-se na areia morna e adormeceu. Sonhou com ossos; e que perseguia gatos que subiam em ameixeiras só para vê-los se transformarem em magos de chapéu verde que atiravam nele ameixas enormes, do tamanho de **abóboras**. E o tempo todo o vento soprava suave, enterrando-o quase até a cabeça com a areia amontoada.

Foi por isso que os meninos nunca mais o encontraram, apesar de terem descido até a enseada especialmente para procurá-lo assim que o menino Dois descobriu que ele estava perdido. Dessa vez, o pai estava com os filhos e, depois de procurarem sem parar até o sol começar a descer e chegar a hora do chá, ele os levou de volta para casa e não permitiu que continuassem ali. É que ele sabia de muitas coisas estranhas sobre aquele lugar. O menino Dois depois disso teve de se contentar com um reles cãozinho de brinquedo de três *pence* (da mesma loja), mas por algum motivo, apesar de ter tido Rover por tão pouco tempo, ele não se esqueceu do cãozinho pidão.

Naquela hora, porém, você pode imaginá-lo sentado muito triste à mesa do chá, sem nenhum cãozinho; enquanto ao longe, no interior, a senhora

que era dona de Rover e que o tinha mimado quando ele era um animal comum, do tamanho certo, estava redigindo um anúncio para procurar o filhote perdido - "branco com orelhas pretas, e atende pelo nome de Rover"; e enquanto o próprio Rover dormia sossegado na areia e Psamatos cochilava ali por perto com os braços curtos cruzados sobre a barriga gorducha.

2

Quando Rover acordou, o sol estava muito baixo, a sombra dos penhascos atravessava direto a areia, e não se via Psamatos em parte alguma. Uma grande gaivota estava ali perto olhando para ele, e por um instante Rover teve medo de que ela fosse comê-lo. No entanto, a gaivota disse:

- Boa noite! Já estava esperando há muito tempo que você acordasse. Psamatos disse que você despertaria por volta da hora do chá, mas ela já passou há muito.
- Por favor, Sr. Pássaro, por que está esperando por mim? - perguntou Rover com gentileza.
- Meu nome é **Mew** - disse a gaivota -, e estou esperando para levá-lo, assim que a lua nascer, pelo caminho da lua. Mas antes disso temos algumas coisinhas a fazer. Monte nas minhas costas e veja como vai se sentir voando!

De início, Rover não se sentiu nada bem. Nenhum problema quando Mew estava perto do chão, planando tranquila com as asas esticadas e rígidas, mas quando subia veloz e mudava abruptamente de direção, inclinando-se para um lado e para o outro alternadamente, ou quando descia de repente e quase na vertical, como se fosse mergulhar no mar,

nessas horas o cãozinho, com o vento assoviando nas orelhas, desejava estar seguro na terra de novo.

Isso ele disse algumas vezes, mas tudo o que Mew respondia era: "Aguente firme! Ainda nem começamos!"

Estavam voando por ali desse jeito um pouquinho, e Rover estava só começando a se acostumar, já cansado daquilo tudo, quando de repente Mew gritou: "Lá vamos nós!"; e por muito pouco Rover não se foi mesmo. É que Mew subiu no ar na vertical como um foguete e depois partiu a grande velocidade com o vento. Logo voavam tão alto que Rover pôde ver, muito ao longe e bem acima da terra, o sol que se punha atrás de montes escuros. Estavam se dirigindo a alguns **penhascos negros altíssimos de rocha escarpada**, escarpada demais para alguém escalar. Lá embaixo o mar batia e recuava aos seus pés, e nada crescia na face da rocha, muito embora ela estivesse coalhada de coisas brancas, pálidas à luz do crepúsculo. Centenas de aves marinhas estavam ali sentadas em saliências, às vezes conversando melancólicas, às vezes não dizendo nada e às vezes saindo de repente do poleiro para descrever um círculo no ar antes de mergulhar até o mar lá embaixo, onde as ondas pareciam pequenas rugas.

Era ali que Mew morava, e ela precisava ver algumas pessoas, entre elas a mais velha e mais importante de todas as Gaivotas de Dorso Negro, além de recolher recados antes de partir. Por isso, deixou Rover numa das saliências estreitas, muito mais estreita que a soleira de uma porta, e lhe disse que esperasse e não caísse dali.

Pode ter certeza de que Rover tomou cuidado para não cair; e, com um forte vento de lado, ele não estava gostando nada daquilo e se agachava bem grudado à parede do penhasco, ganindo. Era realmente um lugar terrível para um cachorrinho enfeitiçado e preocupado.

O sol desapareceu totalmente do céu, uma bruma cobriu o mar, e as primeiras estrelas apareceram na escuridão que se adensava. Então,

acima da bruma, muito distante, do outro lado do mar, a lua nasceu redonda e amarela, e começou a estender seu caminho brilhante sobre a água.

Pouco depois, Mew voltou e apanhou Rover, que tinha começado a tremer de aflição. As penas da ave pareceram morninhas e confortáveis depois da saliência gelada no penhasco, e ele se aconchegou o máximo que pôde. Então Mew saltou para o ar muito acima do mar, e todas as outras gaivotas saltaram das suas saliências, aos gritos e gemidos de despedida, enquanto eles seguiam velozes pelo caminho da lua que agora se estendia direto da praia até a borda escura de lugar nenhum.

Rover não fazia a menor idéia de para onde conduzia o caminho da lua; e naquele momento estava assustado demais e empolgado demais para perguntar. E, de qualquer maneira, estava começando a se acostumar a que lhe acontecessem coisas extraordinárias.

Enquanto seguiam no alto acima do cintilar de prata sobre o mar, a lua subiu cada vez mais e foi ficando cada vez mais branca e mais brilhante até que estrela nenhuma tivesse coragem de ficar perto dela, e ela foi deixada ali sozinha no lado leste do céu. Sem dúvida, Mew estava indo por ordem de Psamatos até onde Psamatos queria que ela fosse; e sem dúvida Psamatos ajudava Mew com um pouco de magia, pois estava claro que ela voava em maior velocidade e mais diretamente do que mesmo as gaivotas gigantes voam normalmente, mesmo quando estão com pressa e voam direto no sentido do vento. Mesmo assim, pareceu que Rover não viu nada além do luar e do mar lá embaixo por séculos, e o tempo todo a lua crescia cada vez mais, e o ar ia ficando ainda mais frio.

De repente, lá no fim do mar, ele viu algo escuro que ia crescendo à medida que eles voavam na sua direção, até que deu para ver que se tratava de uma ilha. Acima da água e até onde eles estavam, chegou o som de latidos tremendos, uma barafunda composta de todos os tipos e

tamanhos diferentes de latidos que existem: ganidos e gritos, uivos e urros, rosnados e resmungos, risinhos e roncos, lamentos e lamúrias, muxoxos e queixumes, e o ladrar mais monstruoso, como o de um sabujo gigantesco no quintal de um ogro. Todo o pêlo em torno do pescoço de Rover de repente tornou-se muito real e se eriçou, rígido como cerdas, enquanto ele pensava que gostaria de descer e brigar com todos aqueles cachorros lá embaixo de uma vez só até que se lembrou de como era pequeno.

- Essa é **a Ilha dos Cães** - disse Mew -, ou melhor, a Ilha dos Cães Perdidos, para onde todos os cachorros perdidos vão por merecimento ou por sorte. Dizem que não é um mau lugar para cães, e eles podem fazer o barulho que quiserem sem que ninguém lhes mande calar a boca ou atire alguma coisa neles. É um belo concerto, todos latindo em conjunto com sua voz preferida, sempre que brilha a lua cheia. Dizem que ali também há árvores-de-ossos, cujos frutos são suculentos ossos de carne que caem dos galhos quando estão maduros! Não! Não vamos lá agora, não! Veja só, não se pode dizer que você seja exatamente um cachorro, se bem que não seja mais um brinquedo. Na realidade, creio que Psamatos ficou muito em dúvida sobre o que fazer com você quando você disse que não queria voltar para casa.

- Então, para onde é que estamos indo? - perguntou Rover. Estava decepcionado por não poder dar uma olhada mais de perto na Ilha dos Cães, depois que soube das árvores-de-ossos.

- Vamos direto pelo caminho da lua até o fim do mundo, e depois por cima da borda até a lua. Foi o que o velho Psamatos disse.

Rover não gostou nem um pouco da idéia de passar por cima da borda do mundo, e a lua parecia um lugar meio frio.

- Por que para a lua? - perguntou ele. - No mundo há um monte de lugares que eu não conheço. Nunca soube que existissem ossos ou cachorros na lua.

- **Há pelo menos um cachorro lá, porque o Homem-da-Lua tem um**. E, como ele é um velhinho simpático, além de ser o maior de todos os magos, com toda certeza há ossos para o cachorro, e provavelmente para visitas. Agora, por que motivo você está sendo mandado para lá, eu diria que isso você vai descobrir quando for a hora, se conseguir se manter alerta e não desperdiçar tempo resmungando. Acho que, afinal, é muita gentileza de Psamatos se importar com você. Na realidade, não entendo por que ele se importa. Não é da sua natureza fazer nada sem um motivo bom e importante... e você não me parece nem bom nem importante.
- Obrigado - disse Rover, sentindo-se arrasado. - É muita gentileza todos esses magos se incomodarem comigo, embora seja bem desconcertante. Nunca se sabe o que vai acontecer em seguida quando a gente se envolve com os magos e seus amigos.
- É uma sorte muito maior do que qualquer cãozinho choramingas merece - disse a gaivota, e depois disso não conversaram mais por muito tempo.

A lua cresceu e brilhou mais forte, e o mundo lá embaixo foi escurecendo e se distanciando. Por fim, de repente, o mundo acabou, e Rover pôde ver as estrelas brilhando no negrume embaixo. Viu também à distância a chuva branca ao luar no lugar em que as cachoeiras caíam por cima da borda do mundo direto para o espaço. Isso lhe causou uma tontura desagradável, e ele se aninhou nas penas de Mew, ficando de olhos fechados por muito, muito tempo.

Quando os abriu de novo, a lua se estendia abaixo deles, um novo mundo branco, brilhante como a neve, com amplos espaços abertos de um verde e azul claros, nos quais as montanhas altas e pontiagudas lançavam compridas sombras que se estendiam longe pelo chão.

No topo de uma das mais altas dessas montanhas uma tão alta que parecia estar dando uma punhalada para o alto na direção deles à

medida que Mew ia planando para descer **Rover viu uma torre branca**. Era branca com linhas cor-de-rosa e verde-claras, e cintilava como se fosse construída de milhões de conchas do mar reluzentes e ainda molhadas de espuma. E essa torre ficava à beira de um precipício branco, branco como um penhasco de greda, que brilhava ao luar mais que uma vidraça ao longe numa noite sem nuvens.

Caminho algum descia do penhasco até onde Rover conseguia enxergar, mas isso não tinha importância no momento, porque Mew estava descendo num vôo rápido e tranquilo e logo pousou no telhado da torre, a uma altura estonteante acima do mundo-da-lua, uma altura que fazia os penhascos junto ao mar onde Mew morava parecerem baixos e seguros.

Para enorme surpresa de Rover, imediatamente abriu-se uma portinhola no telhado logo ao lado deles, e um velho com uma longa barba prateada pôs a cabeça para fora.

- Nada mal, hein? - disse ele. - Estou cronometrando seu vôo desde que passou por cima da borda: mil milhas por minuto, calculo. Está com pressa, hoje! Ainda bem que não bateu sem querer no meu cachorro. Eu me pergunto onde é que ele foi se meter.

Sacou um telescópio longuíssimo e o levou ao olho.

- Lá está ele! Lá está! - gritou. - Perturbando os raios de luar, o pestinha! Desça já! Desça! - gritou o velho para o ar, e então começou a assoviar uma nota longa e cristalina.

Rover olhou para o ar lá em cima, pensando que o velhote engraçado devia ser totalmente maluco para assoviar para o cachorro no céu; mas, para seu espanto, viu muito ao longe e acima da torre um cachorrinho branco de asas brancas que perseguia algo que pareciam ser borboletas transparentes.

- Rover! Rover! - chamava o velho, e, bem quando nosso Rover deu um salto nas costas de Mew pronto para dizer "Estou aqui!" sem esperar

para se perguntar como o velho sabia seu nome, ele viu o cãozinho voador mergulhar direto do céu e se acomodar nos ombros do velho.
Percebeu então que o cachorro do Homem-da-Lua também devia se chamar Rover. Não ficou nem um pouco satisfeito, mas, como ninguém sequer percebeu sua presença, ele voltou a se sentar e começou a rosnar consigo mesmo.
O Rover do Homem-da-Lua tinha bons ouvidos e de imediato pulou para o telhado da torre, latindo feito louco. Depois sentou-se e também rosnou.
- Quem foi que trouxe esse outro cachorro para cá?
- Que outro cachorro? - perguntou o Homem.
- Aquele filhotinho bobinho nas costas da gaivota - disse o cão-da-lua.
Então, é claro que Rover deu mais um pulo e latiu o mais alto que pôde.
- Filhotinho bobinho é você! Quem disse que você podia se chamar Rover, uma criatura que mais parece um gato ou um morcego que um cachorro? - Disso dá para perceber que eles se tornariam amigos em pouco tempo. Seja como for, é assim que os cachorrinhos conversam com desconhecidos da sua própria espécie.
- Ora, voem daqui, vocês dois! E parem de fazer tanto barulho! Quero conversar com o carteiro - disse o Homem.
- Vamos, totozinho! - disse o cão-da-lua; e então Rover se lembrou de como não passava de um totó pequenininho, mesmo em comparação com o cão-da-lua, que era só pequeno, e em vez de latir alguma grosseria ele só respondeu.
- Bem que eu gostaria... Ah, se eu tivesse asas e soubesse voar...
- Asas? - disse o Homem-da-Lua. - Isso é fácil! Tome um par, e fora daqui!
Mew deu uma risada e chegou a jogá-lo das costas, direto por cima da beira do telhado da torre! Rover só tinha arquejado uma vez e só começava a se imaginar caindo e caindo como uma pedra no meio das

rochas brancas no vale que ficava milhas abaixo dali, quando descobriu que tinha um lindo par de asas brancas com manchas pretas (para combinar com seu pêlo). Mesmo assim, como não estava acostumado a ter asas, antes de conseguir parar, já havia caído muito. Demorou um pouco para realmente se acostumar com elas. Mas, muito antes que o Homem tivesse terminado a conversa com Mew, ele já estava tentando perseguir o cão-da-lua em volta da torre. Estava só começando a se cansar desses primeiros esforços, quando o cão-da-lua mergulhou até o topo da montanha e se acomodou à beira do precipício junto à base das muralhas. Rover desceu atrás dele, e logo estavam sentados um ao lado do outro, ofegantes, com a língua de fora.

- Quer dizer que você **se chama Rover em homenagem a mim**? - disse o cão-da-lua.

- Em sua homenagem, não - disse nosso Rover. - Tenho certeza de que minha dona nunca tinha ouvido falar de você quando me deu esse nome.

- Não tem importância. Eu fui o primeiro cachorro a ser chamado de Rover, há milhares de anos. Por isso, você deve ter sido chamado Rover depois de mim! Além do mais, eu *era* um Rover[{1}]! Nunca parei em lugar nenhum, nem pertenci a ninguém antes de chegar aqui. Não fiz nada a não ser fugir desde que era filhotinho. E não parei de fugir e explorar novos lugares até que um belo dia, um belíssimo dia de manhã, com o sol nos olhos, caí da borda do mundo enquanto perseguia uma borboleta.

"Uma sensação péssima, posso lhe garantir. Felizmente **a lua estava passando por baixo do mundo exatamente naquele momento**. E, depois de uma terrível aflição enquanto caía através das nuvens e batia em estrelas cadentes, esse tipo de coisa, afinal despenquei nela. Direto

numa das enormes teias de prata que as aranhas cinzentas gigantes tecem de uma montanha a outra. E a aranha já estava vindo pela escadinha para me transformar em conserva e me levar para sua despensa, quando surgiu o Homem-da-Lua.

"Com aquele telescópio, ele vê absolutamente tudo o que acontece deste lado da lua. As aranhas têm medo dele porque ele só as deixa em paz se elas lhe fiarem linhas e cordas de prata. Ele tem mais do que suspeitas de que elas capturam, e isso ele não permite, apesar de elas fingirem que se alimentam só de mariposas-dragão e morcegos da sombra. Ele encontrou asas na despensa daquela aranha e a transformou, rápido como um raio, num monte de pedra. Então ele me apanhou e me fez um carinho, dizendo 'Essa foi uma queda e tanto! É melhor você ter um par de asas para evitar mais acidentes. Agora saia voando e divirta-se! **Não perturbe os raios de luar, e não mate meus coelhos brancos! E volte para casa quando sentir fome**. A janela no telhado costuma ficar aberta!'

"Achei que ele era um cara simpático, mas bem maluco. Mas não vá você se enganar sobre ele ser maluco, quero dizer. Eu no fundo não tenho coragem de ferir os raios de luar nem os coelhos. Ele pode transformar a gente em formas horrivelmente desconfortáveis. Agora me diga por que você chegou com o carteiro!"

- O carteiro? - disse Rover.

- É, Mew, o carteiro do velho feiticeiro-da-areia - disse o cão-da-lua.

Mal Rover tinha acabado de contar a história das suas aventuras quando os dois ouviram o assovio do Homem. Subiram velozes até o telhado. O velho estava sentado na beirada balançando as pernas. Jogava fora os envelopes com a mesma rapidez com que abria as cartas. O vento os fazia rodopiar pelo céu, e Mew voava atrás, apanhava todos eles e os guardava de volta numa bolsinha.

- Estive lendo sobre você, Roverandom[{2}], meu cãozinho -, disse ele -

(Roverandom eu o chamo, e Roverandom você terá de ser. Não posso ter dois Rovers aqui.) E concordo perfeitamente com meu amigo Samatos (Não vou pronunciar nenhum Pê ridículo só porque ele quer) que seria melhor você ficar aqui por uns tempos. Também recebi uma carta de Artaxerxes, se é que você sabe de quem se trata, e, mesmo que não saiba, com ordens de mandá-lo de volta imediatamente. Parece que ele está muitíssimo irritado com você por ter fugido, e com Samatos por ajudá-lo. Mas não vamos nos importar com ele; e você também não precisa se importar desde que permaneça aqui. Agora saia voando e divirta-se! Não perturbe os raios de luar, e não mate meus coelhos brancos! E volte para casa quando sentir fome. A janela no telhado costuma ficar aberta! Até logo!

Ele sumiu como se fosse de ar rarefeito; e qualquer um que nunca tenha ido à lua poderá lhe dizer como o ar é extremamente rarefeito por lá.

- Pois bem, até a vista, Roverandom! - disse Mew. - Espero que você se divirta criando confusão entre os magos. Adeus por enquanto. Não mate os coelhos brancos, e tudo ainda vai dar certo. Você voltará para casa em segurança, quer queira quer não.

Mew partiu então a uma velocidade tão grande que, antes que se pudesse dizer "zuni!", já era um pontinho no céu. Depois desapareceu. Agora, Rover não só estava transformado numa miniatura, como seu nome tinha sido mudado, e ele estava completamente sozinho na lua - completamente sozinho com exceção do Homem-da-Lua e seu cachorro. Roverandom - como é melhor que nós também o chamemos, por enquanto, para evitar confusão - não se importou. Suas asas novas eram uma maravilha, e a lua acabou se revelando um lugar interessantíssimo, tanto que ele se esqueceu de refletir mais sobre os motivos pelos quais Psamatos o tinha enviado para lá. **Só foi descobrir depois de passado muito tempo**.

Enquanto isso, viveu todos os tipos de aventura, sozinho e com o Rover-

da-lua. Não costumava voar muito longe da torre porque na lua, e especialmente no lado branco, os insetos são enormes e ferozes; e costumam ser tão claros, transparentes e silenciosos que mal se ouve ou mal se vê sua chegada. Os raios de luar só brilham e tremulam, e Roverandom não tinha medo deles. As grandes mariposas-dragão brancas com olhos incandescentes eram muito mais assustadoras; e havia **moscas-espada, e besouros de vidro** com mandíbulas como armadilhas de aço, vespões-unicórnio com ferrões como lanças, e **cinquenta e sete variedades** de aranhas prontas para comer qualquer coisa que conseguissem apanhar. E ainda pior que os insetos eram os morcegos da sombra.

Roverandom fazia o que faziam os pássaros naquele lado da lua: voava muito pouco, a não ser perto de casa, ou em espaços abertos com uma boa visão em todas as direções e longe dos esconderijos dos insetos; e andava sem fazer nenhum barulho, especialmente nos bosques. Em sua maior parte, as criaturas dos bosques se movimentavam sem fazer barulho, e os pássaros raramente chegavam a gorjear. Os sons que havia vinham principalmente das plantas. As flores - as campânulas brancas, as douradas e as de prata, as campainhas e as rosas-sonoras, as nobre-rimas e os silvos-de-lata, as trombetinhas e as trompas-creme (de um creme muito claro), bem como muitas outras com nomes intraduzíveis - compunham melodias o dia inteiro. E as flechilhas e fetos - cordas-de-rabecas encantadas, polifonias e línguas-de-metal, e as samambaias nos bosques -, além de todos os calamos junto aos laguinhos brancos como leite, todos acompanhavam a música, baixinho, mesmo noite adentro. Sempre se ouvia **uma música leve e delicada**.

Os pássaros, porém, eram silenciosos; e muito pequeninos em sua maioria, saltitando de um lado para o outro na grama cinzenta sob as árvores, esquivando-se das moscas e das florboletas que se precipitavam sobre eles; e muitos tinham perdido as asas ou já tinham

esquecido como usá-las. Roverandom costumava espantá-los nos pequenos ninhos no solo, quando se esgueirava devagarinho pela grama desbotada, caçando os pequenos camundongos brancos ou farejando para ver se encontrava esquilos cinzentos nas bordas dos bosques.

Os bosques estavam cheios de campânulas de prata, todas tocando juntas baixinho, quando ele as viu pela primeira vez. Os troncos negros e elevados subiam bem retos do tapete de prata, altos como igrejas, e **sua copa era de flores azul-claras que nunca caíam**, de modo que nem mesmo o telescópio mais longo da terra jamais chegou a ver aqueles troncos altos ou as campânulas de prata sob a copa. Mais adiante no ano, abrem-se ao mesmo tempo em todas as árvores flores de um dourado pálido; e, como os bosques da lua são praticamente intermináveis, sem dúvida isso altera a aparência da lua para quem está embaixo, no mundo.

Mas não se deve imaginar que todo o tempo de Roverandom era gasto movendo-se furtivamente desse jeito. Afinal de contas, os cachorros sabiam que o olho do Homem estava atento sobre eles; e eles participaram de muitas aventuras e se divertiram a valer. Às vezes, saíam a perambular por muitas e muitas milhas, e se esqueciam de voltar à torre por dias a fio. Uma vez ou duas, subiram pelas montanhas ao longe até que, ao olhar para trás, viam a torre-da-lua somente como uma agulha brilhante na distância; e sentavam-se nas rochas brancas para observar os carneirinhos (que não eram maiores que o Rover do Homem-da-Lua) que percorriam as encostas em rebanhos. Cada carneiro tinha um sininho dourado, e cada sininho soava quando cada carneiro movimentava um pé para a frente para pegar mais um bocado de capim cinzento. E todos os sinos soavam em harmonia, e todos os carneiros brilhavam como neve; e ninguém nunca os importunava. Os Rovers eram muito bem-educados (e tinham muito medo do Homem)

para fazer isso, e não havia mais nenhum cão em toda a lua, nem vacas, nem cavalos, nem leões, nem tigres, nem lobos. Na realidade, nada que fosse maior sobre quatro patas que coelhos e esquilos (e em miniatura ainda por cima), a não ser, de vez em quando, quando se via parado, solene, imerso em pensamentos, **um enorme elefante branco** quase do tamanho de um burro. Não mencionei os dragões porque eles ainda não entraram na história; e, seja como for, moravam a enorme distância, longe da torre, e todos tinham muito medo do Homem-da-Lua, exceto um (e mesmo esse tinha um pouco de medo).

Sempre que voltavam à torre e entravam voando pela janela, os cachorros encontravam o jantar pronto e fresquinho, como se tivessem combinado a hora; mas raramente viam ou ouviam as atividades do Homem. Sua oficina ficava lá embaixo nos subterrâneos, e nuvens de vapor branco e névoa cinzenta costumavam subir pela escada e sair flutuando pelas janelas superiores.

- O que será que ele faz o dia inteiro? - perguntou Roverandom a Rover.

- O que ele faz? - disse o cão-da-lua. - Ora, ele está sempre bastante ocupado, apesar de ultimamente, desde que você chegou, ele parecer mais ocupado do que eu me lembre de ter visto há muito tempo. Fazendo sonhos, acho.

- E para que ele faz sonhos?

- Ora! para o outro lado da lua. Ninguém tem sonhos deste lado; os sonhadores todos dão a volta até o outro lado.

Roverandom sentou-se e se coçou. Achou que a explicação não explicava nada. O cão-da-lua não quis lhe dizer mais nada de qualquer jeito. E, se vocês querem saber, acho que ele também não sabia grande coisa.

No entanto, logo depois aconteceu uma coisa que tirou totalmente esse tipo de pergunta da cabeça de Roverandom por um tempo. Os dois cachorros tiveram uma aventura muito empolgante, empolgante até

demais enquanto durou, mas foi por culpa deles mesmos. Desapareceram por alguns dias, indo muito mais longe do que já tinham ido desde a chegada de Roverandom; e não se importaram em pensar aonde estavam indo. A verdade é que eles se perderam e, tendo confundido o caminho, foram se afastando cada vez mais da torre quando pensavam que estavam voltando. O cão-da-lua disse que já tinha percorrido todo o lado branco da lua e que conhecia tudo de cor (era muito predisposto a exagerar), mas acabou tendo de admitir que a paisagem parecia um pouco estranha.

- Infelizmente parece que faz muito tempo que estive aqui pela última vez - disse ele - e estou começando a me esquecer um pouco.

Na realidade, nunca tinha estado ali antes. Sem se dar conta, eles tinham se aproximado demais da borda sombria do lado escuro, onde se demoram todos os tipos de coisas meio esquecidas, e os caminhos e as lembranças se confundem. Exatamente quando tinham certeza de afinal estar na direção certa para voltar para casa, foram surpreendidos pela descoberta de umas montanhas altas que se erguiam à sua frente, silenciosas, áridas e ameaçadoras; e essas o cão-da-lua nem tentou fingir que tinha visto antes. Eram cinzentas, não brancas, e davam a impressão de serem feitas de cinzas frias e velhas; e entre elas estendiam-se longos vales sombrios, sem um sinal de vida.

Então começou a nevar. Não costuma nevar na lua, mas ali a neve (como a chamam) geralmente é morninha e bem seca. Ela vira uma areia branca muito fina e é toda levada pelo vento. Aquela era mais parecida com a nossa neve. Era úmida e gelada; e ainda era suja.

- Isso me dá saudade de casa - disse o cão-da-lua. - É igualzinha à que costumava cair na cidade quando eu era filhote, no mundo, quer dizer. Ai! As **chaminés que havia por lá**, altas como árvores-da-lua; e a fumaça negra; e o vermelho do fogo nas fornalhas! Às vezes eu me canso um pouco do branco. É muito difícil ficar sujo de verdade na lua.

Isso deixa bem claro o gosto vulgar do cão-da-lua. E, como não havia nenhuma cidade desse tipo no mundo centenas de anos atrás, vocês podem ver que ele havia exagerado tremendamente o tempo passado desde que tinha caído da borda. Porém, naquele exato momento, um floco particularmente grande e sujo acertou-lhe o olho esquerdo, e ele mudou de opinião.

- Acho que esse troço está perdido e que também caiu daquela droga de mundo - disse ele. - **Que porcaria**! E parece que nós também estamos totalmente perdidos. Quanta amolação! Vamos procurar um buraco para nos abrigar!

Levou algum tempo para que descobrissem algum buraco, e estavam muito molhados e com frio quando o acharam. Na verdade, estavam tão aflitos que **se abrigaram no primeiro lugar que encontraram, sem nenhuma precaução**, que é a primeira coisa que se deve tomar em locais desconhecidos na borda da lua. O abrigo em que entraram sorrateiros não era um buraco, mas uma caverna; e uma caverna muito grande ainda por cima. Era escura porém seca.

- Aqui está tão quentinho - disse o cão-da-lua, fechando os olhos e caindo no sono quase imediatamente. - Ai! - ganiu ele pouco depois, acordando direto de um sonho agradável, como os cachorros acordam. - Está quente demais!

Levantou-se de um salto. Ouvia o pequeno Roverandom latindo a mais não poder para dentro da caverna e, quando foi ver o que estava acontecendo, viu um filete de fogo que escorria pelo piso na direção deles. Não sentiu nenhuma saudade de fornalhas vermelhas nessa hora, apanhou o pequeno Roverandom pelo cangote, saiu da caverna rápido como um raio e voou até o topo de um pico de pedra logo ali do lado de fora.

Nele os dois ficaram sentados na neve, tremendo e vigiando, o que não foi nada inteligente da parte deles. Deveriam ter saído voando de volta

para casa, ou para qualquer lugar, mais velozes que o vento. Como estão vendo, o cão-da-lua não conhecia tudo a respeito da lua, senão ele saberia que ali era o covil do Grande Dragão Branco - aquele que só tinha um pouco de medo do Homem (e nem isso quando estava zangado). Esse dragão até perturbava um pouco o próprio Homem. "Aquela criatura maldita" era como o Homem o chamava, quando chegava a se referir a ele.

Como é provável que vocês saibam, todos os dragões brancos são provenientes da lua, mas aquele ali tinha ido ao mundo e voltado. Com isso tinha aprendido algumas coisinhas. **Ele combateu o Dragão Vermelho em Caerdragon na época de Merlin**, como se pode encontrar em todos os livros de história mais atualizados. Depois dessa luta, o outro dragão ficou Vermelhíssimo. Mais tarde causou muitos estragos **nas Três Ilhas** e foi morar no topo do **Snowdon** por um tempo. Ninguém se interessou em escalá-lo enquanto ele ficou por lá - a não ser um homem, e o dragão o apanhou bebendo de uma garrafa. O homem acabou de beber com tanta pressa que deixou a garrafa no alto do monte, e seu exemplo foi seguido por muita gente desde então. Faz muito tempo mesmo, até que o dragão voou para **Gwynfa, algum tempo depois do desaparecimento do Rei Artur, numa época em que cauda de dragão era considerada uma iguaria perfeita pelos reis saxões.**

Gwynfa não fica muito longe da borda do mundo, e é fácil voar dali até a lua para um dragão tão colossal e de uma maldade tão imensa quanto esse dragão tinha se tornado. Ele agora morava na borda da lua, pois não tinha muita certeza do que o Homem-da-Lua poderia fazer com seus encantamentos e maquinações. Mesmo assim, às vezes chegava a arriscar uma interferência no esquema de cores. Às vezes, soltava chamas verdes e vermelhas de verdade de dentro da sua caverna quando estava se banqueteando ou quando estava tendo um acesso de

raiva; e nuvens de fumaça eram frequentes. Soube-se que uma ou duas vezes ele **tornou a lua inteira vermelha**, ou conseguiu apagá-la de todo. Nessas ocasiões desagradáveis, o Homem-da-Lua trancava-se em casa (com seu cachorro) e não dizia nada além de "De novo, aquela criatura maldita". Nunca explicava de que criatura se tratava, ou onde ela morava. Apenas descia aos subterrâneos, destampava seus melhores encantamentos e deixava tudo claro com a máxima rapidez possível.

Agora vocês sabem tudo a respeito da criatura; e, se os cachorros soubessem pelo menos a metade disto, nunca teriam ficado parados ali. Mas foi o que fizeram, pelo menos pelo tempo que levei para dar uma explicação sobre o Dragão Branco, e ao final desse período ele inteiro, branco de olhos verdes, soltando fogo verde por todas as articulações, soltando fumaça preta como um navio a vapor, tinha saído da caverna. Soltou então o mais apavorante dos urros. **As montanhas balançaram** e ecoaram, a neve secou, avalanches se precipitaram, e as cachoeiras pararam imóveis.

Esse dragão tinha asas, **como as velas que os navios tinham quando ainda eram navios e não máquinas a vapor**. E não se recusava a matar nada desde um camundongo até a filha de um imperador. Pretendia matar aqueles dois cachorros. E foi o que lhes disse diversas vezes antes de levantar vôo. Esse foi seu erro. Os dois saíram zunindo da rocha como foguetes e fugiram a favor do vento a uma velocidade que teria deixado a própria Mew orgulhosa. O dragão veio atrás deles, **batendo as asas e abrindo a bocarra**, derrubando o cume de montanhas e fazendo com que todos os sinos dos carneiros bimbalhassem como um incêndio na cidade. (Agora vocês sabem por que todos eles tinham sinos.)

Por muita sorte, o vento soprava na direção certa. Além disso, um foguete assombroso subiu da torre assim que os sinos começaram a soar frenéticos. Dava para vê-lo de todos os pontos da lua como um

guar-da-sol dourado que explodiu em mil borlas prateadas e provocou uma queda imprevista de estrelas cadentes no mundo não muito depois. Se servia de orientação para os pobres cãezinhos, também pretendia ser um aviso ao dragão, mas este já tinha acumulado raiva demais para prestar atenção.

Portanto, a perseguição prosseguia feroz. Se vocês já viram alguma vez um passarinho perseguindo uma borboleta, e se puderem imaginar um passarinho mais que gigantesco perseguindo duas borboletas perfeitamente insignificantes em meio a montanhas brancas, poderão começar a imaginar as manobras sinuosas, os desvios, as escapadas **por um triz** e a desenfreada corrida em ziguezague naquele vôo de volta para casa. Mais de uma vez, antes de terem chegado à metade do caminho, a cauda de Roverandom foi chamuscada pelo bafo do dragão.

E o que o Homem-da-Lua estava fazendo? Bem, ele disparou um foguete realmente magnífico; depois disso exclamou "Maldita criatura!" e também "Malditos cachorrinhos! Vão provocar um eclipse antes da hora!' E então desceu aos subterrâneos e abriu um encantamento escuro, negro, que parecia alcatrão gelificado e mel (e tinha cheiro de **fogos de artifício** e de repolho fervendo).

Naquele exato momento, o dragão ia descrevendo uma curva logo acima da torre e ergueu uma garra enorme para bater em Roverandom - para dar-lhe uma raquetada que o lançasse para o vazio em lugar nenhum. Mas não chegou a conseguir. O Homem-da-Lua lançou o encantamento para cima de uma janela inferior e atingiu o dragão direto na barriga (onde todos os dragões são especialmente vulneráveis), derrubando-o de lado. O dragão perdeu a consciência e bateu direto numa montanha antes de conseguir acertar seu sentido de direção. E era difícil dizer qual estava mais danificado, o focinho ou a montanha - ambos estavam deformados.

E assim os dois cãezinhos entraram caindo pela janela do alto e só

foram recuperar o fôlego daí a uma semana. E o dragão voltou devagar, todo manco, para casa, onde ficou esfregando o focinho por meses. **O eclipse seguinte foi um fracasso**, porque o dragão estava muito ocupado lambendo a barriga para lhe dar atenção. E nunca conseguiu tirar as nódoas pretas de onde o encantamento o atingiu. Infelizmente creio que elas vão ficar ali para sempre. Agora, as pessoas o chamam de Monstro Malhado.

3

No dia seguinte, o Homem-da-Lua olhou para Roverandom e disse:

- Essa foi por um triz! Você parece ter explorado o lado branco muito bem para um cão tão novo. Quando você recuperar o fôlego, acho que estará na hora de visitar o outro lado.

- Posso ir junto? - perguntou o cão-da-lua.

- Não seria bom para você - disse o Homem -, e eu não o aconselho a ir. Poderia ver coisas que lhe provocariam mais saudade do que o fogo e grupos de chaminés, e que se revelariam tão perigosas quanto dragões.

O cão-da-lua não corou, porque não tinha como corar; e não disse nada, mas foi sentar-se num canto perguntando-se quanto o velho sabia de tudo o que acontecia e também de tudo o que se dizia. Além disso, por algum tempo, refletiu sobre o que o velho queria dizer exatamente, mas isso não o perturbou muito tempo - era um camarada despreocupado.

Quanto a Roverandom, quando recuperou o fôlego daí a alguns dias, o Homem-da-Lua veio e assoviou para chamá-lo. Então, os dois foram descendo juntos, pela escadaria, até os subterrâneos que tinham sido escavados no interior do penhasco e tinham janelinhas que davam para o lado do precipício com vista para as vastidões da lua; e depois por

uma escada secreta que parecia levar direto para baixo das montanhas, até que depois de um bom tempo chegaram a um lugar totalmente escuro e pararam, embora a cabeça de Roverandom continuasse a girar, tonta, depois de descer todas aquelas milhas em espiral.

Na escuridão total, o Homem-da-Lua lançava um brilho pálido como um pirilampo, e essa era toda a luz que eles tinham. Mas foi perfeitamente suficiente para que vissem a porta - uma grande porta no piso. Essa o velho levantou; e, enquanto era erguida, a escuridão pareceu jorrar do vão como um nevoeiro, de tal modo que através dele Roverandom não conseguiu mais enxergar nem mesmo o fraco bruxuleio do Homem.

- Para baixo, cachorro bonzinho! - disse a voz do Homem do meio da escuridão. E vocês não vão se surpreender ao saber que Roverandom não foi um cachorro bonzinho e não quis se mexer. Ele recuou para o canto mais distante do cubículo e pôs as orelhas para trás. Tinha mais medo daquele buraco do que do velho.

Mas de nada adiantou. O Homem-da-Lua simplesmente o apanhou no colo e o largou direto no buraco negro. E, enquanto ia caindo e caindo no vazio, Roverandom o ouviu gritar, já muito ao longe lá de cima. - Caia direto e depois siga voando com o vento! Espere por mim na outra ponta!

Isso deveria tê-lo tranquilizado, mas não foi o que aconteceu. Depois, Roverandom sempre disse que achou que nem mesmo cair da borda do mundo poderia ser pior; que, fosse como fosse, aquela era a parte mais terrível de todas as suas aventuras; e que ainda sentia um buraco no estômago sempre que pensava na queda. Dá para perceber que ele ainda está pensando na queda quando gane e se contorce dormindo no tapete diante da lareira.

Mesmo assim, terminou. Depois de um bom tempo, a queda foi aos poucos se desacelerando, até afinal quase parar. No resto do caminho ele precisou usar as asas. E era como se estivesse subindo, sempre

subindo, por uma grande chaminé, felizmente com uma forte corrente de ar a ajudá-lo. Bem contente ele ficou quando finalmente chegou ao alto.
Ali ficou arquejando na beirada do buraco da outra ponta, esperando obediente e ansioso pelo Homem-da-Lua. Demorou bastante até ele aparecer, e Roverandom teve tempo para ver que estava na parte mais baixa de um vale profundo e escuro, cercado de montes baixos e sombrios. Nuvens negras pareciam estar pousadas nos cumes, e para além das nuvens havia somente uma estrela.
De repente, o cãozinho sentiu muito sono. Um pássaro junto a alguns arbustos lúgubres ali perto cantava uma canção sonolenta, que lhe pareceu estranha e maravilhosa depois dos passarinhos mudos do outro lado aos quais estava acostumado. Ele fechou os olhos.
- Acorde, projeto de cão! - gritou uma voz, e Roverandom deu um pulo bem a tempo de ver o Homem sair do buraco por uma corda de prata que uma grande aranha cinzenta (muito maior que ele mesmo) estava amarrando em uma árvore próxima.
O Homem saiu.
- Obrigado! - disse ele à aranha. - E agora suma daqui!
E a aranha sumiu, e de bom grado. Há aranhas negras no lado escuro, venenosas, apesar de não tão grandes quanto os monstros do lado branco. Elas odeiam tudo o que for branco, pálido ou claro, e em especial aranhas pálidas, que detestam como parentes ricos que só fazem raras visitas.
A aranha cinzenta lançou-se pela corda buraco adentro, e uma aranha negra jogou-se da árvore na mesma hora.
- Alto lá! - gritou o velho para a aranha negra. - Volte para onde estava! Esta é minha porta particular, e você não se esqueça disso. Basta me fazer uma boa rede naqueles dois teixos, e eu lhe perdôo.
"É uma boa escalada para descer e depois subir do meio da lua - disse ele a Roverandom -, e acho que um descansinho me faria bem antes

que elas cheguem. Elas são boazinhas, mas requerem muita energia. É claro que eu poderia usar asas, só que eu acabo com elas muito rápido. Além disso, seria preciso alargar o buraco, já que dificilmente caberia nele com asas. E sou excelente na escalada com corda.

"Pois bem, o que você acha deste lado? - prosseguiu o Homem. - Escuro com um céu claro, enquanto o outro era claro com o céu escuro, hein? Uma mudança e tanto, só que no fundo não se tem aqui muito mais cor do que lá, não o que eu chamo de **cores de verdade**, fortes e muitas juntas. Há alguns lampejos de cor à sombra das árvores, se você olhar, vaga-lumes, besouros-diamante, mariposas-rubi e semelhantes. Pequenos demais, porém, muito pequenos como tudo o que é brilhante deste lado. E ainda levam uma vida terrível, seja pelas **corujas que parecem águias** e são negras como o carvão, seja pelos corvos que parecem abutres e são numerosos como pardais, seja por todas essas aranhas negras. Mas é das **bruxas** de veludo negro, que voam todas juntas em nuvens, que eu pessoalmente gosto menos. Elas nem mesmo abrem caminho para *mim.* Eu quase não tenho coragem de emitir uma luzinha, para que elas não se emaranhem todas na minha barba.

"Mesmo assim, este lado tem seus encantos, cãozinho; e um deles é que ninguém e nenhum cachorrinho na terra jamais chegou a vê-lo, quando estavam acordados, a não ser você!"

Então o Homem de repente pulou para a rede que a aranha negra estivera tecendo para ele enquanto falava e adormeceu profundamente num piscar de olhos.

Roverandom ficou ali sentado sozinho, vigiando o velho, e também com um olho atento às aranhas negras. Aqui e ali, à sombra das árvores escuras e sem vento, faiscavam e dançavam pequenos lampejos de fogo vermelho, verde, dourado e azul. O céu era claro com estrelas estranhas acima dos fiapos flutuantes de nuvens de veludo. Milhares de rouxinóis pareciam cantar em algum outro vale do outro lado dos montes

mais próximos. E então Roverandom ouviu o som de vozes de crianças, ou o eco das suas vozes que descia com uma súbita brisa de sopro suave. Sentou-se nas patas traseiras e deu o latido mais alto desde o início desta história.

- Minha nossa! - exclamou o Homem-da-Lua, acordando de um salto direto da rede para o chão, quase pisando na cauda de Roverandom. - Elas já chegaram?

- Elas quem? - perguntou Roverandom.

- Bem, se você não as ouviu, para que saiu latindo? - disse o velho. - Vamos! É por aqui.

Seguiram por um longo caminho cinzento, sinalizado nos lados com pedras levemente luminosas e sombreado por arbustos. Ele parecia interminável, e os arbustos se transformaram em pinheiros. E o ar estava impregnado do perfume dos pinheiros durante a noite. Então, a trilha começou a subir; e, depois de algum tempo, eles chegaram ao topo do ponto menos alto no círculo de montes que os cercava.

Então Roverandom olhou para o vale seguinte lá embaixo; e todos os rouxinóis pararam de cantar, como uma torneira que é fechada, e vozes de crianças surgiram doces e cristalinas, pois estavam cantando uma bela canção com muitas vozes entremeadas numa melodia.

O velho e o cachorro saíram correndo e pulando juntos morro abaixo. Palavra! O Homem-da-Lua conseguia saltar de rocha em rocha!

- Vamos, vamos! - gritava ele. - Posso ser um bode barbudo, um bode selvagem ou domesticado, mas você não vai conseguir me alcançar! - E Roverandom precisou voar para acompanhar seu passo.

E assim os dois chegaram de repente a um precipício escarpado, não muito alto, mas escuro e polido como azeviche. Olhando para baixo, Roverandom viu **um jardim na penumbra**; e, enquanto estava olhando, a luz mudou para o fulgor delicado do sol da tarde, embora ele não conseguisse ver de onde vinha a luz suave que iluminava todo aquele

recanto abrigado e que dele nunca se afastava. Havia ali chafarizes cinzentos, extensos gramados e crianças por toda parte, dançando sonolentas, caminhando como em sonho e falando consigo mesmas. Algumas começavam a se mexer como se estivessem despertando de um sono profundo; algumas já estavam correndo bem acordadas e riam: cavavam, colhiam flores, construíam cabanas e casas, perseguiam borboletas, chutavam bolas, subiam em árvores, e todas estavam cantando.

- De onde é que vêm todas elas? - perguntou Roverandom, aparvalhado e deliciado.

- Da casa e da cama de cada uma, é claro - respondeu o Homem.

- E como chegam aqui?

- Isso eu não vou lhe dizer mesmo; e você nunca vai descobrir. Você teve sorte de chegar aqui de alguma forma, e isso vale para qualquer um mas, de qualquer maneira, **as crianças não vêm pelo mesmo caminho**. Algumas vêm muitas vezes, outras raramente; e eu crio a maior parte dos sonhos. Parte elas trazem consigo, é claro, como a merenda para a escola; e parte (lamento dizer) são as aranhas que fazem, mas não neste vale e não se eu as apanhar em flagrante. E agora vamos participar da festa!

A encosta do penhasco de azeviche era íngreme. Era lisa demais até mesmo para uma aranha escalar - não que alguma aranha jamais tivesse ousado tentar, pois poderia escorregar lá para baixo, e nem ela nem qualquer outra criatura conseguiria voltar a subir. E naquele jardim havia sentinelas ocultas, para não falar no Homem-da-Lua, sem cuja presença nenhuma festa estava completa, porque eram suas próprias festas.

E ele agora deslizava direto para o meio daquela festa. Simplesmente sentou-se e escorregou pelo tobogã, zum! bem no meio de uma porção de crianças, com Roverandom rolando por cima dele, totalmente

esquecido de que podia voar. Ou podia ter voado - pois, quando se endireitou lá embaixo, descobriu que suas asas tinham desaparecido.
- O que aquele cachorrinho está fazendo? - perguntou um menininho ao Homem. Roverandom estava girando sem parar como um pião, tentando olhar para as próprias costas.
- Está procurando as asas, meu filho. Ele acha que as perdeu na descida no tobogã, mas elas estão no meu bolso. Aqui embaixo é proibido o uso de asas. As pessoas não saem daqui sem permissão, certo?
- Não! Papai Barba-longa - disseram cerca de vinte crianças todas de uma vez, e um menino agarrou a barba do velho e subiu por ela até seu ombro. Roverandom esperou vê-lo transformado numa mariposa, num pedaço de borracha ou em alguma coisa ali na mesma hora.
- Minha nossa! Como você sabe escalar, meu filho! - disse o Homem, porém. - Preciso dar-lhe umas lições. E jogou o menino para o alto. Ele não caiu de volta, nem um pouquinho. Ficou parado no ar, e o Homem-da-Lua lançou-lhe uma corda de prata que tirou do bolso.
- É só descer com a mesma rapidez! - disse ele, e o menino escorregou para os braços do velho, onde este lhe fez muitas cócegas. - Você vai acordar se rir tão alto assim - disse o Homem, pondo-o na grama, e se afastou para entrar na multidão.
Restava a Roverandom divertir-se, e mal ele estava se encaminhando para uma bela bola amarela ("Igualzinha à que eu tinha em casa", pensou ele) quando ouviu uma voz conhecida.
- Olha só meu cachorrinho - disse a voz. - Olha só meu cachorrinho! Eu sempre achei que ele era de verdade. Incrível ele estar aqui, quando eu o procurei um tempão por toda parte na areia e todos os dias grito e assovio chamando por ele!
Assim que ouviu aquela voz, Roverandom sentou nas patas traseiras e fez pose de pidão.
- Meu cãozinho pidão! - disse o menino Dois (é claro); e correu até ele

para lhe fazer um carinho. - Por onde você andou?
Mas a princípio Roverandom só conseguiu fazer uma pergunta.
- Você está ouvindo o que estou dizendo?
- Claro que estou - disse o menino Dois. - Mas quando a mamãe o trouxe para casa daquela vez, você não quis me ouvir de jeito nenhum, mesmo eu fazendo minha melhor fala na língua-dos-cães para conversar com você. E acho que você também não tentou me dizer muita coisa. Parecia que estava com a cabeça em outro lugar.
Roverandom pediu muitas desculpas e contou ao menino como tinha caído do seu bolso. Contou tudo sobre Psamatos e Mew, além de muitas outras aventuras pelas quais tinha passado desde que se perdera. Foi assim que o menino e os irmãos ficaram sabendo do cara estranho na areia e aprenderam um monte de coisas úteis que. de outra forma, teriam deixado de saber. O menino Dois achou Roverandom um nome magnífico.
- Eu também vou chamá-lo por esse nome. E não se esqueça de que você ainda é meu!
Depois, eles jogaram bola, brincaram de esconde-esconde, correram e deram uma longa caminhada, além de caçar coelhos (naturalmente, sem nenhum resultado, a não ser a emoção: os coelhos eram pouco mais que sombras); espadanaram nos laguinhos e todos os outros tipos de diversão, uma após a outra, por séculos sem conta. E passaram a gostar cada vez mais um do outro. O menino estava rolando sem parar na grama orvalhada, numa luz que parecia a da hora de dormir (mas naquele lugar parece que ninguém se importava com grama molhada ou com a hora de dormir); e o cãozinho rolava com ele e ficava parado de ponta-cabeça, como nenhum cachorro na terra jamais conseguiu ficar desde **o cachorro morto de Mamãe Hubbard**. E o menino ria até que... desapareceu de repente, deixando Roverandom totalmente só no gramado!

- Ele acordou, só isso - disse o Homem-da-Lua, que surgiu de repente. - Foi para casa, e já estava mais que na hora. Nossa! Só faltam quinze minutos para o café da manhã. Hoje ele não vai poder dar a caminhada pela areia. Pois bem! Acho que também chegou nossa hora de ir embora.

E assim, com muita relutância, Roverandom voltou com o velho para o lado branco. Foram a pé o tempo todo, o que demorou muito. E Roverandom não apreciou o passeio tanto quanto devia. Pois eles viram todo tipo de coisa esquisita e passaram por muitas aventuras - em perfeita segurança, é claro, com o Homem-da-Lua bem ali perto. E ainda bem que estava, porque havia montes de criaturas asquerosas e horripilantes nos pântanos que, se não fosse por ele, teriam agarrado o cãozinho num piscar de olhos. O lado escuro era úmido, como o lado branco era seco. E era cheio das criaturas e plantas mais extraordinárias, sobre as quais eu poderia lhes falar se Roverandom tivesse lhes prestado alguma atenção. Mas não prestou. Estava pensando no jardim e no menino.

Chegaram afinal à borda cinzenta e olharam por cima dos vales de cinzas onde moravam muitos dos dragões, através de uma brecha nas montanhas, para a imensa planície branca e os penhascos reluzentes. Viram o mundo nascer, uma lua dourada e verde-clara, imensa e redonda, acima do espinhaço das Montanhas Lunares; e Roverandom pensou: "É lá que meu menino mora!" Parecia uma distância enorme e terrível.

- Os sonhos se realizam? - perguntou ele.

- Alguns dos meus, sim - disse o velho. - Alguns mas não todos. E é raro que algum se realize direto ou exatamente igual ao que era em sonho. Mas por que você quer saber de sonhos?

- Eu estava só pensando - disse Roverandom.

- Naquele menininho - disse o Homem. - Foi o que imaginei. - Tirou

então do bolso um telescópio, que se estendia por um comprimento enorme. - Acho que uma olhadinha não vai lhe fazer mal.

Roverandom olhou - quando conseguiu finalmente fechar um olho e manter o outro aberto. Viu o mundo com clareza. Em primeiro lugar, viu a outra ponta do caminho da lua caindo direto no mar; e achou que viu longas filas, desbotadas e bastante ralas, de pessoinhas flutuando velozes pelo caminho abaixo, mas não pôde ter certeza. O luar logo desapareceu. A luz do sol começou a aumentar; e de repente lá estava a enseada do feiticeiro-da-areia (mas nenhum sinal de Psamatos - Psamatos não se deixava espionar); e, daí a algum tempo, os dois meninos entraram na imagem redonda, caminhando de mãos dadas pela praia. "Procurando conchas ou procurando por mim?", perguntou-se o cachorro.

Logo em seguida a imagem mudou, e ele viu a casa branca do pai dos meninos sobre o penhasco, com o jardim que descia na direção do mar; e junto ao portão estava - uma surpresa desagradável - o velho mago sentado numa pedra, fumando seu cachimbo, como se não tivesse mais nada a fazer além de ficar ali vigiando para sempre, com o velho chapéu verde na nuca e o colete desabotoado.

- O que é que o velho Arta-sei-lá-como-se-chama está fazendo ali no portão? - perguntou Roverandom.

- Eu achava que ele já devia ter se esquecido de mim há muito tempo. E as férias dele ainda não terminaram?

- Não, ele está à sua espera, meu cãozinho. Ele não esqueceu. Se você aparecer por lá neste instante, de verdade ou como brinquedo, ele lhe fará algum novo feitiço rapidinho. Não que ele se importe tanto assim com a calça. Ela logo foi remendada. Mas está muito irritado com Samatos por intrometer-se. E Samatos ainda não terminou de tomar providências para lidar com ele.

Naquele instante, Roverandom viu o vento arrancar o chapéu de

Artaxerxes da cabeça, e lá se foi o mago correndo atrás do chapéu. E bem à vista lá estava um maravilhoso remendo na sua calça, um remendo cor de laranja com bolas pretas.

- Eu imaginava que um mago tivesse condições de remendar melhor a calça! - disse Roverandom.

- Mas ele acha que a solução foi fantástica! - disse o velho. - Com um feitiço ele arrancou um pedaço das cortinas da janela de alguém, que conseguiu receber o seguro contra incêndio, e ele ganhou uma pincelada de cor. Os dois ficaram satisfeitos. Mesmo assim, você tem razão. Ele não é mais o mesmo, é o que acho. Triste, depois de todos esses séculos, ver um homem perder sua magia, mas talvez isso seja uma vantagem para você.

- Então, o Homem-da-Lua fechou o telescópio com um estalo, e os dois continuaram a caminhar.

- Tome suas asas de novo - disse ele, quando chegaram à torre. - Agora saia voando e divirta-se! Não perturbe os raios de luar, e não mate meus coelhos brancos! E volte para casa quando sentir fome! Ou quando sentir qualquer outro tipo de dor.

Roverandom logo saiu voando para encontrar o cão-da-lua e lhe falar sobre o outro lado, mas o outro cachorro estava com um pouco de inveja por permitirem a um visitante ver coisas que ele não podia ver. Por isso, fingiu que não estava interessado.

- Parece um lugarzinho totalmente desagradável - rosnou. - Tenho certeza de que não quero ver nada de lá. Imagino que agora você não vá mais se interessar pelo lado branco, além de só ter a mim como companhia, em vez de todos os seus amigos de duas pernas. É uma pena que o mago persa seja tão teimoso e você não possa voltar para casa.

Roverandom ficou bastante magoado; e repetiu ao cão-da-lua inúmeras vezes que estava muito feliz de estar de volta à torre e que nunca

deixaria de se interessar pelo lado branco. Logo os dois voltaram a ser bons amigos e a fazer um monte de coisas juntos. Mesmo assim, o que o cão-da-lua tinha dito de mau humor acabou se revelando verdadeiro. Não era culpa de Roverandom, e ele fazia o que podia para não deixar transparecer, mas de alguma forma nenhuma das aventuras ou explorações lhe parecia tão empolgante quanto antes; e ele estava sempre pensando nas brincadeiras no jardim com o menino Dois. Visitaram os vales dos gnomos-da-lua (lunomos, para resumir) que passeiam montados em coelhos, fazem panquecas com flocos de neve e cultivam pequenas macieiras douradas do tamanho de ranúnculos em pomares bem organizados. Puseram cacos de vidro e tachas de metal do lado de fora do covil de alguns dos dragões menores (enquanto eles estavam dormindo) e ficaram acordados até o meio da noite para ouvir seus urros de raiva. É que os dragões costumam ter a barriguinha muito delicada, como já lhes disse, e saem para beber água à meia-noite, todas as noites, a vida inteira, isso sem falar em outros intervalos. Às vezes os cães até mesmo ousaram provocar as aranhas - dando mordidas nas teias para libertar os raios de luar e saindo voando na horinha, enquanto as aranhas tentavam laçá-los do alto dos morros. Mas o tempo todo Roverandom estava alerta à chegada do Carteiro Mew e de ***Notícias do Mundo*** (na maior parte, assassinatos e partidas de futebol, como até mesmo um cãozinho sabe, mas às vezes pode vir algo melhor num canto ou outro).

Ele perdeu a visita seguinte de Mew, já que estava fora a passeio, mas o velho ainda estava lendo as cartas e as notícias quando Roverandom chegou (e parecia estar também em perfeito bom humor, sentado na beira do telhado balançando os pés, pitando um enorme cachimbo de argila branca, soltando nuvens de fumaça como uma locomotiva e com um sorriso em toda a volta da velha cara redonda).

Roverandom sentiu que não agüentava mais.

- Estou com uma dor por dentro - disse ele. - Quero voltar para o menino, para que o sonho dele se torne realidade.
O velho largou a carta (era sobre Artaxerxes, e muito divertida) e tirou o cachimbo da boca.
- Você precisa ir? Não pode ficar? Assim tão de repente! Foi um prazer conhecê-lo! Você deve aparecer por aqui de novo um dia. Vou a-a-a-dorar vê-lo a qualquer hora! - disse de uma vez. - Muito bem - continuou o Homem, com palavras que faziam mais sentido. - O caso de Artaxerxes está resolvido.
- Como?? - perguntou Roverandom, realmente empolgado mais uma vez.
- Ele se casou com uma sereia e foi morar no fundo do Mar Azul Profundo.
- Espero que ela remende a calça dele melhor! Um remendo de algas verdes combinaria bem com aquele chapéu verde.
- Meu querido cachorro! Ele se casou com um terno novinho em folha, cor verde-alga com botões de coral rosa e dragonas de anêmonas-do-mar; e queimaram o chapéu velho na praia! Foi Samatos quem organizou tudo. Ah! Samatos é muito profundo, profundo como o Mar Azul Profundo, e imagino que ele pretenda resolver um monte de casos a seu gosto dessa forma, muitos outros além do seu caso, meu cachorrinho.
"E me pergunto como vai ser! Artaxerxes está entrando na vigésima ou vigésima primeira infância, ao que me parece, e ele faz uma questão enorme de coisas sem nenhuma importância. Teimosíssimo é o que ele é, com certeza. Costumava ser um mágico bastante bom, mas está se tornando irritadiço e uma total amolação. Quando ele chegou e desenterrou o velho Samatos com uma pá de madeira no meio da tarde, puxando-o para fora do buraco pelas orelhas, o Samatista achou que assim já era demais, e isso não me surpreende. 'Uma perturbação

daquelas, bem na minha melhor hora de sono, e tudo por causa de um mísero cachorrinho': é isso o que ele me escreveu, e você não precisa ficar envergonhado.

"Ele então convidou Artaxerxes para uma festa de sereias, quando a raiva dos dois já tinha esfriado um pouco, e foi assim que aconteceu. Levaram Artaxerxes para nadar ao luar, e agora ele nunca mais vai voltar para a Pérsia nem para Pershore. **Ele se apaixonou pela filha idosa porém linda do rico rei-do-mar**, e os dois se casaram na noite seguinte.

"E talvez seja melhor assim. Já há algum tempo o Oceano não tem um Mágico residente. **Proteu, Posêidon, Tritão, Netuno**, e toda aquela turma, esses já viraram barrigudinhos ou mexilhões há muito tempo. E, de qualquer maneira, eles nunca souberam ou se importaram muito com o que acontecia fora do Mediterrâneo: é que adoravam sardinhas. O velho **Niord** também aposentou-se há muito tempo. É claro que ele só conseguia prestar metade da atenção aos negócios depois daquela bobagem de casamento com a giganta. Você se lembra: ela se apaixonou por ele porque seus pés eram limpos (o que é muito conveniente na vida doméstica) e se desapaixonou quando era tarde demais porque os pés estavam molhados. Ouvi dizer que ele também está quase acabado, totalmente caduco, pobre coitado. O petróleo deu-lhe uma tosse apavorante, e ele se recolheu ao litoral da Islândia para pegar um pouco de sol.

"É claro que havia o **Velho-do-Mar**. Ele era meu primo, e disso eu não tenho muito orgulho. Era mais ou menos um peso para os outros: recusava-se a andar e sempre queria ser carregado, como imagino que você tenha ouvido falar. Foi isso que causou sua morte. Ele se sentou **numa mina flutuante** (se você sabe do que estou falando) há um ano ou dois, direto em cima de um dos botões! Nem mesmo *minha* magia adiantou alguma coisa nesse caso. Foi pior do que o que aconteceu com

o ovo falante, **Humpty Dumpty**."

- E a Grã-Bretanha? - perguntou Roverandom, que afinal de contas era um cachorro inglês, apesar de no fundo estar um pouco entediado com aquilo tudo e querer saber sobre seu próprio mago. - **Eu achava que a Grã-Bretanha dominava as ondas**.

- Ela na realidade nunca chega a molhar os pés. Prefere fazer carinho nos leões na praia e ficar ali sentada na moedinha com um garfo de enguia na mão. E além do mais, nos mares há outras coisas a controlar além das ondas. Agora, eles têm Artaxerxes, e eu espero que ele seja útil. Imagino que vá passar os primeiros anos tentando cultivar ameixas em pólipos, se deixarem. E isso vai ser mais fácil do que manter o povo-do-mar em ordem.

"Ora, ora, ora! Onde é mesmo que eu estava? Ah, é claro, você agora pode voltar, se quiser. Na verdade, para não ser educado demais, já era hora de você voltar assim que fosse possível. O velho Samatos é quem você deve procurar primeiro. E n**ão vá seguir meu mau exemplo e se esquecer dos Pês quando vocês se encontrarem**!"

Mew apareceu de novo bem no dia seguinte, com uma mala extra de correspondência - uma quantidade imensa de cartas para o Homem-da-Lua e pilhas de jornais: *A Alga Semanal Ilustrada, Notícias do Oceano, O Correio do Mar, A Concha* e *O Mergulho da Manhã.* Todos eles tinham as mesmas fotografias (exclusivas) do casamento de Artaxerxes na praia sob a lua cheia, com o Sr. Psamatos Psamatides, o célebre financista (mero título respeitoso), com um largo sorriso em segundo plano. Mas os retratos eram melhores que os nossos, porque **pelo menos eram coloridos**; e a sereia estava mesmo linda (com a cauda na espuma).

Chegou a hora da despedida. O Homem-da-Lua sorria radiante para Roverandom; e o cão-da-lua procurava demonstrar desinteresse. Roverandom estava com o rabo entre as pernas, e só conseguiu dizer:

- Adeus, filhote! Cuide-se bem, não perturbe os raios de luar, não mate

os coelhos brancos e não coma demais à noite!

- Filhote é você! - disse o Rover-da-lua. - E veja se pára de comer calças de magos! - Só isso. E mesmo assim, acho que ele vivia importunando o velho Homem-da-Lua, pedindo-lhe que o mandasse em férias para uma visita a Roverandom, e que desde então recebeu permissão para fazer a viagem diversas vezes.

Depois, Roverandom foi embora com Mew, e o Homem entrou de novo nos subterrâneos. E o cão-da-lua ficou sentado no telhado, olhando até que eles desaparecessem.

4

VINHA um vento frio da Estrela Polar quando eles chegaram à borda do mundo, e o borrifo gelado das cataratas os atingiu em cheio. O caminho de volta foi mais difícil, porque a magia do velho Psamatos não estava com tanta pressa naquela hora, e eles ficaram felizes de poder descansar na Ilha dos Cães. Mas, como ainda estava do tamanho encantado, Roverandom não se divertiu muito por lá. Os outros cães eram grandes e barulhentos demais, além de serem muito dados a zombarias; e os ossos da árvore-dos-ossos eram demasiadamente grandes e duros para ele.

Era o amanhecer de depois de depois de amanhã quando finalmente avistaram os penhascos negros que eram o lar de Mew; e o sol já aquecia suas costas; e as pontas das duninhas de areia já estavam claras e secas quando pousaram na enseada de Psamatos.

Mew deu um gritinho e cutucou com o bico um pedaço de pau jogado no chão. O pedaço de pau imediatamente se endireitou no ar, revelando ser a orelha esquerda de Psamatos, à qual se juntou mais uma orelha e logo

em seguida o resto da feia cabeça e o pescoço do feiticeiro.

- O que vocês querem a esta hora do dia? - resmungou Psamatos. - É minha hora preferida de dormir.

- Voltamos! - disse a gaivota.

- E você se deixou carregar nas costas dela, pelo que estou vendo - disse Psamatos, voltando-se para o cãozinho. - Depois de caçar dragões, imaginei que fosse achar bem fácil voltar voando para casa.

- Mas por favor, senhor - disse Roverandom -, deixei minhas asas lá. Na realidade não me pertenciam. E eu gostaria muito de voltar a ser um cachorro normal.

- Ah! Tudo bem. Mesmo assim, espero que tenha se divertido como "Roverandom". É o que deveria ter feito. Agora pode voltar a ser simplesmente Rover, se é isso o que de fato quer; e pode voltar para casa e brincar com sua bola amarela, dormir em poltronas quando tiver oportunidade, sentar no colo das pessoas e ser de novo um respeitável cãozinho de voz esganiçada.

- E o menino? - disse Rover.

- Mas eu achei que você estivesse fugindo dele, seu bobo, fugindo até chegar à lua! - disse Psamatos, fingindo irritação e surpresa, mas com um olho sabido faiscando alegre. - Eu disse para casa, e para casa eu quis dizer. Não quero saber de conversa nem de salpicos de cuspe.

O pobrezinho do Rover estava lançando salpicos porque tentava pronunciar com muita educação um "Sr. P-samatos". Acabou conseguindo.

- P-P-Por favor, Sr. P-P-P-samatos - disse ele, em um tom muito comovente. - P-P-Perdoe-me, p-por favor, mas eu estive com ele outra vez, e agora não fugiria mais. E na verdade eu sou dele, não sou? Por isso, deveria voltar para ele.

- Baboseiras! É claro que não é, e que não deveria! Você pertence àquela senhora que o comprou em primeiro lugar, e terá de voltar para

ela. Não se pode comprar mercadoria roubada, nem enfeitiçada, como você saberia, se conhecesse a Lei, seu filhote bobinho. A mãe do menino Dois desperdiçou seis *pence* com você, e ponto final. E além do mais, qual é a importância de encontros em sonhos? - arrematou Psamatos com uma enorme piscada.

- Achei que alguns dos sonhos do Homem-da-Lua se transformassem em realidade - disse o pequeno Rover, com tristeza.

- Ah! Você achou? Pois bem, isso é problema do Homem-da-Lua. Minha função é fazê-lo voltar imediatamente ao seu tamanho normal e mandá-lo de volta para seu lugar. Artaxerxes partiu para outras esferas de utilidade, e por isso não precisamos nos preocupar mais com ele. Venha cá!

Ele segurou Rover, abanou a mão gorda acima da cabeça do cachorrinho, e pronto... não mudou absolutamente nada! Repetiu tudo e, mesmo assim, nenhuma mudança.

Psamatos então levantou-se direto da areia, e Rover viu pela primeira vez que suas pernas eram como as de um coelho. Ele bateu com os pés no chão e empinou-se, chutou areia para o alto e pisoteou as conchas, bufou como um dogue zangado e, ainda assim, nada aconteceu!

- Obra de um mago das algas, que se cubra de bolhas e verrugas! - praguejou ele. - Obra de um persa colhedor de ameixas! **Que morra e o enforquem**! - gritou e não parou de gritar até se cansar. Depois, sentou-se. - Ora, ora! - disse afinal, quando se acalmou. - Vivendo e aprendendo! Mas Artaxerxes é estranhíssimo. Quem teria imaginado que, no meio de toda a empolgação do casamento, ele fosse se lembrar de você e desperdiçar seu feitiço mais forte num cachorro antes de seguir para a lua-de-mel? Como se o primeiro encantamento já não tivesse sido mais do que qualquer filhote bobinho merecia! Simplesmente não dá para entender...

"Bem, seja como for, não preciso pensar muito sobre o que deve ser

feito - prosseguiu Psamatos. - Só existe uma possibilidade. Você terá de ir encontrá-lo e pedir-lhe perdão. Mas, palavra de honra, isso eu vou guardar contra ele até que o mar fique duas vezes mais salgado e tenha só a metade da água. Vão vocês dois dar um passeio e voltem em meia hora, quando meu humor estiver melhor.

Mew e Rover seguiram pela praia e subiram no penhasco, Mew voando devagar e Rover acompanhando-a num trote tristonho. Pararam diante da casa do pai dos meninos, e Rover até entrou pelo portão e sentou num canteiro embaixo da janela dos meninos. Ainda era muito cedo, mas ele latia e latia mais um pouco, esperançoso. Ou os meninos estavam dormindo a sono solto ou não estavam em casa, porque ninguém apareceu à janela. Ou foi isso o que Rover imaginou. Tinha se esquecido de que as coisas no mundo são diferentes daquelas do quintal da lua, e de que o encanto de Artaxerxes ainda interferia em seu tamanho e na altura do seu latido.

Daí a pouco, Mew levou-o mortificado de volta até a enseada. Lá, uma surpresa o aguardava. Psamatos estava conversando com uma baleia! Uma baleia muito grande, **Uin, a mais velha das Baleias Francas**. Para o pequeno Rover, ela parecia uma montanha, deitada com a cabeça enorme numa piscina profunda perto da beira da água.

- Desculpe, mas de uma hora para a outra, não consegui nada menor - disse Psamatos. - No entanto, ela é muito confortável.

- Pode entrar! - disse a baleia.

- Até logo! Vamos, entre! - disse a gaivota.

- Entre! - disse Psamatos. - E depressa! E não morda nem arranhe nada aí dentro. Uin poderia acabar tossindo, e isso você não ia achar nada gostoso.

Aquilo era quase tão ruim quanto ser convidado a pular no buraco nos subterrâneos do Homem-da-Lua, e Rover recuou, de tal modo que Mew e Psamatos precisaram empurrá-lo. E foi o que fizeram, sem nem tentar

convencê-lo; e as mandíbulas da baleia se fecharam com um estalo.
Lá dentro estava muito escuro mesmo, e com cheiro de peixe. Rover sentou-se trêmulo e, quando se sentou (sem ousar nem mesmo coçar as próprias orelhas), ele ouviu, ou achou que ouviu, o zunido e a batida da cauda da baleia nas águas; e sentiu, ou achou que sentiu, a baleia mergulhar cada vez mais fundo e mais para baixo na direção do fundo do Mar Azul Profundo.
Porém, quando a baleia parou e abriu bem a boca novamente (feliz de poder fazê-lo: as baleias preferem deslocar-se com a boca bem aberta, como uma rede de arrasto, deixando uma boa maré de alimentos entrar, mas Uin era cheia de consideração), e Rover deu uma espiada lá fora, estavam no fundo, imensamente no fundo, mas nem um pouco azul. Havia apenas uma fraca luz verde, e Rover saiu para se descobrir num caminho de areia branca que atravessava sinuoso uma floresta sombria e fantástica.
- Avance direto! Não vai precisar andar muito - disse Uin.
Rover seguiu direto, tanto quanto o caminho permitia, e logo viu à sua frente o portão de um imponente palácio, feito do que parecia ser pedra rosa e branca, que refulgia com uma luz pálida que a atravessava; e pelas inúmeras janelas brilhavam com nitidez luzes verdes e azuis. Em torno das muralhas, cresciam enormes árvores-marinhas, mais altas que as cúpulas do palácio que se erguiam bojudas, vastas, a reluzir na água escura. Os vigorosos troncos de borracha das árvores curvavam-se e dançavam como se fossem capim alto; e a sombra dos seus galhos intermináveis estava apinhada de peixinhos dourados, prateados, vermelhos, azuis e peixes fosforescentes que pareciam pássaros. Só que os peixes não cantavam. As sereias cantavam dentro do palácio. E como cantavam! E todas as fadas-do-mar cantavam em coro; e a música saía flutuando pelas janelas, com o povo-do-mar às centenas, tocando em chifres, flautas e trombetas de concha.

Gnomos-do-mar sorriam para ele do meio da escuridão à sombra das árvores, e Rover seguia apressado tanto quanto podia - achava que seus passos estavam muito lentos e pesados ali nas profundezas submarinas. E por que não se afogava? Não sei, mas suponho que Psamatos Psamatides tivesse resolvido essa parte (ele tem um conhecimento muito maior sobre o mar que a maioria das pessoas imagina, apesar de nunca molhar um dedo do pé nele, se tiver essa opção) enquanto Rover e Mew davam aquele passeio e ele ficara sentado, contando até dez para se acalmar e maquinando um novo plano.

Seja como for, Rover não se afogou, mas já estava desejando estar em qualquer outro lugar, mesmo no interior molhado da baleia, antes de chegar à porta.

Eram tão esquisitas as formas e os rostos que o espiavam do meio dos arbustos roxos e das moitas esponjosas ao lado do caminho que ele realmente sentia que não estava nem um pouco seguro. Chegou afinal à porta enorme - um arco dourado com franjas de coral, e uma porta de madrepérola tacheada de dentes de tubarão. A aldrava era um enorme anel incrustado com cracas brancas, e todos os pequenos tentáculos vermelhos das cracas estavam voltados para fora, mas é claro que Rover não conseguia alcançar a aldrava, nem poderia tê-la movido, de qualquer modo. Por isso, ele latiu. E, para sua surpresa, o latido saiu bem alto. A música lá dentro parou ao terceiro latido, e a porta abriu-se.

Quem vocês acham que a abriu? Artaxerxes em pessoa, vestido no que parecia ser veludo cor de ameixa e calças de seda verde. E ainda tinha um grande cachimbo na boca, só que dele saíam lindas bolhas da cor do arco-íris, em vez de fumaça de tabaco, mas não estava de chapéu.

- Olá! - disse ele. - Quer dizer que você apareceu! Eu achava que você ia se cansar do velho P-samatos - como resfolegou com aquele Pê exagerado! - em pouco tempo. Ele não consegue fazer de tudo. Pois

bem, o que o trouxe aqui? Estamos numa festa, e você está interrompendo a música.

- Por favor, Sr. Arterxaxes, quer dizer, Ertaxarxes - começou Rover, bastante nervoso e tentando ser muito educado.

- Ora, não se importe em acertar a pronúncia! Eu não me importo! - disse o mago, bastante irritado. - Passe já à explicação, e que ela seja curta. Não tenho tempo para longos palavrórios. - Ele se havia tornado muito cheio de si (com desconhecidos) desde o casamento com a filha do rico rei-do-mar e de sua nomeação para o posto de Mágico do Atlântico e do Pacífico (o **MAP** era como o chamavam de forma abreviada quando ele não estava por perto). - Se quiser falar comigo sobre algum assunto urgente, é melhor entrar e esperar no saguão. Talvez eu consiga um momento para você depois do baile.

Ele fechou a porta atrás de Rover e se foi. O cachorrinho se encontrava num espaço enorme e escuro sob uma abóbada pouco iluminada. Havia arcos pontudos com cortinas de algas em toda a volta; e a maioria estava escura, mas um deles estava repleto de luz e por ali saía música alta, música que parecia continuar eternamente, nunca se repetindo e nunca parando para um descanso.

Rover logo ficou muito cansado de esperar, e por isso foi andando até o portal iluminado para espiar pela cortina. Estava olhando para um enorme salão de baile com sete abóbadas e dez mil colunas de coral, iluminado com a mais pura mágica e cheio de água morna e cristalina. Ali todas as sereias de cabelos dourados e as sirenas de cabelos escuros estavam dançando coreografias sincronizadas enquanto cantavam: não dançando em pé nas caudas, mas uma fantástica dança aquática, para baixo e para cima, e de um lado para o outro na água transparente.

Ninguém percebeu o focinho do cachorrinho que espiava através das algas na porta, de modo que, depois de olhar algum tempo, ele entrou

sorrateiro. O piso era de areia prateada e de conchas-borboleta cor-de-rosa, todas abertas e batendo as asas no delicado remoinho da água. E ele vinha pisando com cuidado entre elas por algum tempo, mantendo-se perto da parede, quando de repente ouviu uma voz mais acima.

- Que gracinha de cachorrinho! É um cão-da-terra, não um **cão-do-mar**, tenho certeza. Como será que conseguiu chegar aqui? Uma coisinha tão pequenininha!

Rover olhou para cima e viu uma linda senhora-sereia com um enorme pente preto no cabelo dourado, sentada numa saliência não muito no alto, com sua lastimável cauda pendurada, consertando uma das meias verdes de Artaxerxes. Era, naturalmente, a nova Sra. Artaxerxes (geralmente conhecida como Princesa Map; era pessoa muito querida, o que era mais do que se poderia dizer do marido). Artaxerxes naquela hora estava sentado ao seu lado; e, quer tivesse tempo para longos palavrórios, quer não, estava ouvindo um da própria mulher. Ou estivera ouvindo, antes que Rover surgisse. A Sra. Artaxerxes encerrou seu palavrório e parou de consertar as meias assim que o avistou. E, flutuando até onde ele estava, apanhou-o e o levou até seu sofá. Este era na realidade um assento no vão da janela no primeiro andar (uma janela interna). Nas casas-do-mar não há escadas, nem guarda-chuvas, e pelo mesmo motivo. Também não há grande diferença entre portas e janelas.

A senhora-sereia logo acomodou seu corpo bonito (e bastante avantajado) de novo no sofá e pôs Rover no colo. E imediatamente ouviu-se um terrível rosnado debaixo do assento.

- Deitado, Rover! Deitado, muito bem! - disse a Sra. Artaxerxes. Só que ela não estava falando com o nosso Rover; estava falando com um cão-do-mar branco que agora aparecia, apesar do que ela dissera, rosnando, resmungando, batendo a água com seus pezinhos de pato, açoitando-a com a cauda larga e chata e soltando bolhas pelo focinho pontudo.

- Que coisa horrível! - disse esse novo cachorro. - Olhem só esse mísero rabinho! Olhem só esses pés! Essa pelagem idiota!
- Olhe para si mesmo! - disse Rover de cima do colo da senhora-sereia. - E você não vai mais ter vontade de se olhar! Quem lhe deu o nome de Rover? Sua mistura de pato com girino, fingindo ser cachorro.

Disso tudo, dá para ver que os dois se encantaram um com o outro à primeira vista.

De fato, eles logo se tornaram grandes amigos, não amigos tão bons, talvez, quanto Rover e o cão-da-lua, no mínimo porque a estada de Rover no fundo do mar foi mais curta e porque as profundezas não são um lugar tão divertido quanto a lua para cãezinhos, já que são cheias de lugares escuros e detestáveis onde nunca houve luz nem nunca haverá, porque eles só serão descobertos quando a luz se extinguir totalmente. E seres horríveis vivem ali, mais antigos do que se possa imaginar, fortes demais para encantamentos, grandes demais para serem medidos. Artaxerxes já tinha descoberto essa verdade. O cargo de MAP não é o emprego mais agradável do mundo.

- Agora saiam nadando e divirtam-se! - disse a senhora, quando a discussão entre os cães se abrandou e os dois animais só estavam se farejando. - Não perturbem os peixes-fogo; não mastiguem as anêmonas-do-mar, não fiquem presos em mexilhões e voltem para o jantar!
- Por favor, eu não sei nadar - disse Rover.
- Minha nossa! Que amolação! - disse ela. - Pois bem, Map! - Ela era a única pessoa até então que o chamava desse modo na sua presença. - Afinal, temos alguma coisa que você realmente pode fazer.
- Sem dúvida, minha cara! - disse o mago, muito ansioso por lhe fazer a vontade e feliz por ser capaz de demonstrar que tinha realmente algum poder mágico, e que não era um funcionário totalmente inútil ("**parasitas**" é como se chamam na linguagem-do-mar). Ele tirou do

bolso do colete uma pequena vara de condão - na realidade era sua caneta-tinteiro, mas já não lhe era de nenhuma serventia para escrever: o povo-do-mar usa uma tinta esquisita e pegajosa que não funciona de jeito nenhum em canetas-tinteiro - e fez um gesto com ela na direção de Rover.

Apesar do que diziam algumas pessoas, Artaxerxes era um mágico muito bondoso a seu próprio modo (ou Rover nunca teria vivido nenhuma dessas aventuras) - **uma arte sem muita importância, mas que ainda assim necessita de alguma prática**. Seja como for, depois do primeiro movimento da mão, a cauda de Rover começou a ficar mais parecida com a de um peixe, seus pés tornaram-se palmados, e seu pêlo cada vez mais parecido com uma capa de chuva. Quando a metamorfose terminou, ele logo se acostumou; e descobriu que aprender a nadar era mais fácil que aprender a voar, quase tão gostoso e não tão cansativo - a menos que se quisesse descer.

Depois de uma nadada experimental em torno do salão de baile, a primeira coisa que ele fez foi dar uma mordida na cauda do outro cachorro. De brincadeira, naturalmente; mas, de brincadeira ou não, quase houve uma briga ali na mesma hora, pois o cão-do-mar tinha o pavio um pouco curto. Rover somente se salvou porque saiu na maior disparada possível; e era preciso mesmo que fosse ágil e veloz. Minha nossa! Houve uma perseguição, entradas e saídas por janelas, passagens por corredores escuros, em torno de colunas, para cima, por fora e em torno das cúpulas, até que afinal o cão-do-mar ficou exausto, da mesma forma que sua irritação, e os dois se sentaram juntos no alto da cúpula mais alta junto ao mastro da bandeira. O estandarte do rei-do-mar, uma flâmula de algas verdes e escarlate, salpicado com pérolas, tremulava ali.

- Como é que você se chama? - perguntou o cão-do-mar depois de uma pausa sem fôlego. - Rover? - disse ele. - Esse nome é meu, e não pode

ser seu. Era meu primeiro!

- Como é que você sabe?

- É claro que eu sei! Dá para ver que você é só um filhotinho, e não está aqui há mais de cinco minutos. Eu fui encantado há muitas e muitas eras, há centenas de anos. Imagino que eu seja o primeiro de todos os cachorros Rovers.

"Meu primeiro dono era um pirata[1], um pirata de verdade que navegava pelas águas do norte. **O navio era comprido**, com velas vermelhas, e tinha um dragão esculpido na proa. Ele o chamava de Lagarto Vermelho, e o adorava. Eu adorava meu dono, mesmo sendo só um filhote; e ele não prestava muita atenção em mim porque eu ainda não tinha tamanho suficiente para ir caçar, e ele não levava cachorros quando navegava. Um dia, fui passear de navio sem ser convidado. Ele estava se despedindo da mulher, o vento soprava, e os homens estavam empurrando o Lagarto Vermelho pela arrebentação mar adentro. A espuma estava branca em torno do pescoço do dragão, e eu de repente tive a sensação de que não o veria de novo depois daquele dia se não fosse junto. De algum modo embarquei sorrateiramente e me escondi atrás de um barril de água. E nós já estávamos longe no mar, com os pontos da terra bem baixos na água, quando eles me encontraram.

1. O primeiro dono do Rover-do-mar era um Rover, no sentido de "pirata". (N. da T.)

"Foi aí que me deram o nome de Rover, quando me arrastaram do esconderijo pela cauda. 'Olhem só, que belo Rover marinho!', disse um deles. 'E como é estranho o destino dele, de nunca voltar para casa', disse outro, de olhos esquisitos. E de fato eu nunca voltei para casa e

nunca mais cresci, apesar de ter envelhecido muito e me tornado, naturalmente, mais sábio.

"Naquela viagem houve luta no mar, e eu corria no convés de proa enquanto flechas caíam e espadas se chocavam com escudos. Mas os homens do Cisne Negro nos abordaram e jogaram todos os homens do meu dono ao mar. Ele foi o último. Parou ao lado da cabeça do dragão e então mergulhou no mar com sua cota de malha. E eu mergulhei atrás.

"Ele chegou ao fundo mais rápido que eu, e **as sereias o apanharam**, mas eu lhes disse que o carregassem rápido para a terra, pois muitos iriam chorar se ele não voltasse para casa. Elas sorriram para mim e o ergueram para levá-lo embora. E agora há quem diga que o levaram para terra firme, e há quem só abane a cabeça para mim. Não se pode confiar nas sereias, a não ser para guardar os próprios segredos delas. Nisso são melhores que as ostras.

"Costumo pensar que realmente o enterraram na areia branca. Muito longe daqui, ainda existe um pedaço do Lagarto Vermelho que os homens do Cisne Negro afundaram; ou estava lá quando passei pela última vez. Uma floresta de algas crescia em torno e por cima dele, menos na cabeça do dragão. Não sei por que motivo, nem mesmo cracas cresciam ali, e por baixo havia um monte de areia branca.

"Deixei aquele lugar há muito tempo. Aos poucos fui me transformando num cão-do-mar: as mulheres-do-mar mais velhas costumavam fazer muita bruxaria naquela época, e uma delas foi muito boa para mim. Foi ela quem me deu de presente ao rei-do-mar, o avô do que reina agora, e eu vivo por aqui pelo palácio desde aquela época. Essa é a minha história. Tudo aconteceu há centenas de anos, e já vi muito alto mar e baixo mar desde então, mas nunca voltei para casa. Agora, fale-me de você! Imagino que você não seja do Mar do Norte por acaso, certo? (Naquele tempo, nós o chamávamos de Mar da Inglaterra.) Ou que conheça algum dos antigos lugares lá para os lados **das Órcades**!"

Nosso Rover teve de confessar que nunca tinha ouvido falar de nada antes a não ser só do "mar", e mesmo assim não muito.
- Mas eu estive na lua - disse ele, e contou ao novo amigo tudo o que conseguiu fazê-lo entender.
O cão-do-mar adorou a história de Rover, e acreditou pelo menos na metade dela.
- Excelente história - disse ele - e a melhor que ouço há muito tempo. Já vi a lua. De vez em quando, vou à superfície, sabe, mas nunca imaginei que fosse assim. Mas é incrível o atrevimento daquele cãozinho-do-céu! Três Rovers! Dois já é terrível, mas três é impossível! E nem por um instante eu acredito que ele seja mais velho que eu. Se ele tivesse cem anos, já seria uma tremenda surpresa para mim.
E era bem provável que tivesse razão. O cão-da-lua, como vocês perceberam, exagerava muito.
- Seja como for - prosseguiu o cão-do-mar -, ele só se deu esse nome. O meu me foi dado.
- E o meu também - disse nosso cãozinho.
- E absolutamente sem nenhum motivo; e antes que você tivesse começado a fazer por merecê-lo de alguma forma. Gostei da idéia do Homem-da-Lua. Eu também vou chamá-lo de Roverandom; e, se eu fosse você, ficaria com esse nome. Parece que você nunca sabe para onde vai mesmo! Vamos descer para jantar!
Foi um jantar com gosto de peixe, mas Roverandom logo se acostumou. Parecia adequado aos seus pés palmados. Depois do jantar, ele de repente se lembrou da razão pela qual tinha vindo tão longe até o fundo do mar, e lá foi ele procurar Artaxerxes. Encontrou-o soprando bolhas e as transformando em bolas de verdade para agradar às pequenas crianças-do-mar.
- Por favor, Sr. Artaxerxes, o senhor poderia se dar ao trabalho de me transformar... - começou Roverandom.

- Ora! Suma-se daqui! - disse o mago. - Será que não dá para ver que não posso ser incomodado? Agora não. Estou ocupado. - Isso era o que Artaxerxes infelizmente dizia às pessoas que não considerava importantes. Sabia muito bem o que Rover queria, mas ele próprio não estava com pressa.

E assim Roverandom saiu nadando e foi para a cama, ou melhor, foi empoleirar-se numa moita de algas que crescia numa rocha alta no jardim. Lá estava a velha baleia descansando logo abaixo. E, se alguém lhes disser que as baleias não vão até o fundo nem ficam paradas lá cochilando horas a fio, vocês não precisam se perturbar. A velha Uin era extraordinária sob todos os aspectos.

- E então? - disse ela. - Como você se saiu? Vejo que ainda está do tamanho de um brinquedo. Qual é o problema com Artaxerxes? Será que ele não consegue mais fazer nada, ou não quer?

- Acho que ele consegue - disse Roverandom. -Veja só minha nova forma! Mas, sempre que tento tocar no assunto do tamanho, ele não pára de dizer que está muito ocupado e não tem tempo para longas explicações.

- Hum! - disse a baleia, e derrubou uma árvore para o lado com a cauda. Só o deslocamento da água quase arrastou Roverandom de cima da sua rocha. - Acho que o MAP não vai fazer sucesso nessas paragens, mas eu não me preocuparia. Tudo vai dar certo mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso, você tem um monte de coisas novas a ver amanhã. Vá dormir! Até logo! - E foi embora nadando. Ainda assim, o relato que levou à enseada deixou o velho Psamatos zangadíssimo.

As luzes do palácio estavam todas apagadas. Nem lua nem estrela conseguia atravessar aquela água escura e profunda. O verde ia se tornando cada vez mais sombrio até ficar totalmente negro; e não havia sequer um bruxuleio, a não ser quando grandes peixes luminosos passavam lentamente pelas algas. Mesmo assim, Roverandom dormiu a

sono solto a noite inteira, a noite seguinte e diversas noites depois. E no dia seguinte, bem como depois do dia seguinte, ele procurou pelo mago sem conseguir encontrá-lo em parte alguma.

Um dia de manhã, quando já estava começando a se sentir um perfeito cão-do-mar e a se perguntar se tinha vindo ali para ficar para sempre, o cão-do-mar falou com ele.

- Vá incomodar o mago! Ou melhor, não o incomode! Dê um gelo nele hoje. Vamos sair para um passeio realmente longo!

E lá se foram os dois, e o longo passeio transformou-se numa excursão que durou alguns dias. Nesse período, cobriram uma distância incrível. Eram criaturas encantadas, vocês devem se lembrar, e nos mares havia poucas criaturas normais que conseguiam acompanhar seu ritmo. Quando ficaram cansados dos penhascos e das montanhas no fundo, e de apostar corridas nas profundezas médias, eles subiram mais e mais, direto através da água por pouco mais de uma milha e, quando chegaram à superfície, não se avistava terra alguma.

O mar em toda a sua volta estava liso, tranqüilo e cinzento. E então de repente ele se encrespou e escureceu em trechos sob o efeito de um ventinho frio, o vento da madrugada. Veloz, o sol espiou, com um grito, por cima da borda do mar, vermelho com se tivesse bebido vinho quente; e, veloz, saltou para o alto e partiu em seu trajeto diário, dourando todas as cristas das ondas e deixando as sombras entre elas de um verde escuro. Uma embarcação navegava no limite entre o mar e o céu, e seguia direto para o sol, de modo que seus mastros pareciam negros em contraste com o fogo.

- Para onde estará indo? - perguntou Roverandom.

- Ora! Para o Japão ou Honolulu; Manila ou a ilha de Páscoa, para a ilha de Thursday ou Vladivostok, ou algum outro lugar, imagino - disse o cão-do-mar, cujos conhecimentos de geografia eram um pouco falhos, apesar das centenas de anos de explorações de que se gabava. - **Aqui**

é o Pacífico, acho, mas não sei que parte.

Uma região quente, ao que parece. É uma enorme porção d'água. Vamos procurar alguma coisa para comer! Quando voltaram, alguns dias depois, Roverandom foi imediatamente procurar o mago de novo. Achava que tinha lhe dado um bom e longo descanso.

- Por favor, Sr. Artaxerxes, o senhor poderia... - começou, como de costume.

- Não! Eu não poderia! - disse Artaxerxes, em tom ainda mais categórico que o normal. Só que dessa vez ele realmente estava ocupado. As Queixas tinham chegado pelo correio. Naturalmente, como vocês podem imaginar, todo tipo de coisa dá errado nos mares, coisas que nem mesmo o melhor MAP no oceano poderia impedir; e com algumas das quais ele nem mesmo deveria ter nada a ver. De vez em quando é uma embarcação que naufraga e cai direto no telhado da casa-do-mar de alguém; **ocorrem explosões no leito do mar** (É verdade! Eles têm vulcões e todo tipo de perturbação semelhante, tanto quanto nós) que destroem o rebanho premiado de peixinhos dourados ou o canteiro premiado de anêmonas de alguém, um exclusivíssimo jardim de ostras de pérolas ou um quintal famoso de rochas e corais; ou ainda pode ocorrer que peixes selvagens briguem numa estrada e atropelem crianças-do-mar; ou tubarões distraídos entrem pela janela da sala de jantar e estraguem a refeição; ou, mesmo, que os monstros profundos, escuros, indizíveis das negras profundezas cometam atos horríveis e perversos.

O povo-do-mar sempre tolerou tudo isso, mas não sem se queixar. Eles gostavam de se queixar. É claro que costumavam escrever cartas para *A Alga Semanal, O Correio do Mar* e *Notícias do Oceano;* mas agora dispunham de um MAP e escreviam também para ele, culpando-o por *tudo,* mesmo se suas próprias lagostas de estimação lhes dessem uma beliscada na cauda. Diziam que a magia dele era insuficiente (e às

vezes era mesmo) e que seu salário deveria ser reduzido (o que era verdade, apesar de ser uma grosseria). Que, de tanta arrogância, ele não cabia mais nas botas (o que não estava longe da verdade, mas deveriam ter dito chinelos. Ele era preguiçoso demais para usar botas com freqüência); e diziam muitas outras coisas para atormentar Artaxerxes todas as manhãs, e em especial na segunda-feira. A segunda-feira era sempre o pior dia (por uma margem de algumas centenas de envelopes), e aquela era uma segunda-feira. Por isso, Artaxerxes atirou uma pedra em Roverandom, que escapuliu como um camarão de uma rede.

Roverandom ficou muito feliz quando saiu para o jardim e descobriu que ainda mantinha sua forma. E eu diria que, se ele não tivesse se retirado rapidinho, **o mago o teria transformado numa lesma-do-mar, o teria mandado para onde o vento faz a curva** (onde quer que seja) ou até mesmo para o beleléu (que é no fundo do mar mais profundo). Roverandom estava muito irritado, e foi resmungando queixar-se ao Rover-do-mar.

- Melhor você lhe dar um descanso até acabar a segunda-feira, de qualquer modo - aconselhou o cão-do-mar -, e, se eu fosse você, no futuro deixaria as segundas totalmente de lado. Venha, vamos sair nadando por aí!

Depois desse dia, Roverandom deu ao mago um descanso tão longo que eles quase se esqueceram um do outro. Não totalmente: os cães não se esquecem muito depressa de pedras atiradas. Mas parecia que Roverandom estava resignado a ser um animal de estimação permanente do palácio. Estava sempre passeando em algum lugar com o cão-do-mar, e muitas vezes as crianças-do-mar também vinham junto. Elas não eram tão divertidas quanto crianças de verdade, de duas pernas, na opinião de Roverandom (mas a verdade é que naturalmente Roverandom de fato não pertencia ao mar, e não era um juiz imparcial),

mas elas o deixavam feliz, e poderiam tê-lo mantido por lá para sempre, fazendo com que acabasse se esquecendo do menino Dois, não fossem os acontecimentos que se deram mais adiante. Vocês poderão decidir se Psamatos teve ou não algo a ver com esses acontecimentos, quando chegarmos a eles.

De qualquer maneira, havia uma quantidade dessas crianças entre as quais escolher. O velho rei-do-mar tinha centenas de filhas e milhares de netos, todos no mesmo palácio; e todos, como também a Sra. Artaxerxes, gostavam dos dois Rovers. Pena que Roverandom nunca tivesse pensado em lhe contar sua história, porque ela conseguia lidar com qualquer humor do MAP. Mas nesse caso, é claro, Roverandom teria voltado antes e teria perdido muitas das coisas que viu. Foi com a Sra. Artaxerxes e algumas das crianças-do-mar que ele visitou as Grandes Cavernas Brancas, onde estão armazenadas e escondidas todas as jóias que são perdidas no mar e muitas que sempre estiveram dentro da água, além de pérolas e mais pérolas, é claro.

Em outra ocasião, foram também visitar as menores fadas-do-mar em suas pequenas casas de vidro no leito marinho. As fadas-do-mar raramente nadam, mas passeiam cantarolando pelo fundo do mar em locais planos; ou são transportadas em carruagens de conchas atreladas aos menores dos peixes; ou ainda montam de lado pequenos caranguejos verdes com rédeas de fios finíssimos (o que naturalmente não impede que os caranguejos andem de lado, como sempre insistem em fazer). E elas enfrentam problemas com os duendes-do-mar, que são maiores, feios e arruaceiros, e não fazem nada a não ser brigar, pescar e galopar para lá e para cá em cavalos-marinhos. Esses duendes conseguem sobreviver fora da água um bom tempo, e brincam na espuma da beira-mar nas tempestades. Algumas das fadas-do-mar têm a mesma capacidade, mas preferem as noites calmas e mornas do verão em praias desertas (e naturalmente o resultado é que é muito raro

que sejam vistas).

Em um outro dia a velha Uin apareceu novamente e levou os dois cachorros a passeio para variar. Era como estar montado numa montanha em movimento. Passaram dias e mais dias fora, e só deram a volta nos confins orientais do mundo no último instante. Ali a baleia subiu à superfície e soprou um esguicho tão alto que grande parte da água foi lançada direto para fora do mundo por cima da borda.

Em outra ocasião, ela os levou até o outro lado (ou o mais próximo que ousou), e essa foi uma viagem muito longa e empolgante, a mais maravilhosa de todas as viagens de Roverandom, como ele se deu conta mais tarde, quando tinha se tornado um cachorro mais velho e mais sábio. Seria preciso no mínimo toda uma outra história para eu poder lhes narrar todas as aventuras deles em Águas Inexploradas e falar de terras avistadas desconhecidas pela geografia, antes que entrassem nos **Mares Sombrios** e alcançassem a grande Baía do Reino Encantado (como o chamamos) para lá das Ilhas Mágicas; e vissem muito ao longe, no extremo oeste, as Montanhas de Casadelfos e a luz da Terra das Fadas sobre as ondas. Roverandom achou que conseguiu vislumbrar a cidade dos Elfos na colina verde ao pé das Montanhas, um coruscar branco na distância; mas Uin mergulhou de novo tão de repente que ele não pôde ter certeza. Se vislumbrou mesmo, ele seria uma das pouquíssimas criaturas, de duas pernas ou quatro, que podem andar por aí na nossa própria terra dizendo que viram de relance essa outra terra, embora a uma grande distância.

- Eu levaria um belo sermão, se descobrissem isso! - disse Uin. - Ninguém das **Terras de Fora** deve jamais vir aqui, e agora são poucos os que vêm. Bico calado!

O que eu disse a respeito de cachorros? Eles não se esquecem de pedras lançadas com raiva. Pois bem, apesar de todas essas várias excursões e dessas viagens espantosas, Roverandom mantinha aquela

recordação em segundo plano o tempo todo. E ela voltava ao primeiro plano, assim que ele chegava em casa.
Seu primeiro pensamento era: "Onde é que está aquele mago velho? De que adianta ser educado com ele? Vou estragar sua calça de novo, se tiver alguma chance."
Era essa sua disposição de espírito quando, depois de tentar em vão ter uma conversinha a sós com Artaxerxes, ele viu o mágico passar, seguindo por uma das estradas reais que saíam do palácio. É claro que, na sua idade, o mago era orgulhoso demais para deixar crescer cauda ou barbatanas, ou para aprender a nadar direito. **A única coisa que ele fazia como peixe era beber** (mesmo no mar; ou seja, ele devia ter sede). Desperdiçava muito tempo que poderia empregar para tratar de assuntos oficiais enchendo de sidra por meios mágicos enormes barris em seus aposentos pessoais. Quando queria se locomover rapidamente, ele dirigia. Quando Roverandom o viu, ele estava no seu expresso: uma concha gigantesca, com a forma de uma amêijoa, puxada por sete tubarões. As pessoas abriam caminho depressa porque os tubarões mordiam.
- Vamos atrás! - disse Roverandom ao cão-do-mar. E foi o que fizeram. E os dois cães mal comportados deixavam cair pedaços de pedra na carruagem sempre que ela passava debaixo dos penhascos. Eles conseguiam se movimentar a uma velocidade incrível, como já lhes disse. Passavam zunindo à frente do expresso, escondiam-se em moitas de algas e empurravam qualquer coisa que estivesse solta por cima da beira. Isso causava forte irritação no feiticeiro, mas os dois Rovers tomavam cuidado para que ele não os descobrisse.
Antes de sair, Artaxerxes estava de péssimo humor e, antes de ter ido muito longe, já estava furioso, uma fúria não totalmente isenta de ansiedade. É que ele estava indo investigar os danos causados por um turbilhão extraordinário que havia aparecido subitamente - e numa parte

do mar da qual não gostava nem um pouco. Ele achava (e com total razão) que para aqueles lados havia criaturas perversas que era melhor deixar em paz. Imagino que vocês possam adivinhar qual era o problema. Artaxerxes adivinhou. **A antiga Serpente-marinha estava despertando**, ou como que pensando em começar a despertar.

Ela estava imersa num sono profundo havia anos, mas agora se virava. Desenrolada, sem dúvida atingiria cem milhas de comprimento (há quem diga que ela se estenderia de uma Borda à outra, mas aí já é exagero). E, toda enrodilhada, havia somente uma caverna além da caverna do Beleléu (onde costumava morar, e muita gente gostaria que voltasse para lá), somente uma caverna em todos os oceanos com a capacidade de contê-la, que infelizmente ficava a menos de cem milhas do palácio do rei-do-mar.

Quando ela desfazia uma ou duas voltas suas, ainda dormindo, a água se erguia, sacudia e inclinava a casa das pessoas, prejudicando seu repouso num raio de milhas e milhas. Mas não era nada inteligente mandar o MAP investigar o assunto, porque é claro que a Serpente-marinha era por demais imensa, forte, velha e idiota para ser controlada (primordial, pré-histórica, **autotalássica**, fabulosa, mítica e irracional são outros adjetivos aplicados a ela); e Artaxerxes sabia muito bem de tudo isso.

Nem mesmo o Homem-da-Lua dando duro por cinqüenta anos poderia elaborar um encantamento grande, longo ou forte o suficiente para enfeitiçá-la. O Homem-da-Lua só havia tentado uma vez (quando isso lhe foi solicitado especificamente), e o resultado foi que **pelo menos um continente afundou no mar**.

O coitado do velho Artaxerxes seguiu direto para a boca da caverna da Serpente-marinha. Mas ele mal tinha saído da carruagem quando **viu a ponta da cauda da Serpente-marinha para fora da entrada da caverna**: maior do que uma fileira de barris de água gigantes, verde e

lodosa. Aquilo foi a conta para ele. Quis voltar de uma, vez para casa **antes que o Réptil se virasse outra vez**, como todos eles fazem em momentos estranhos e inesperados.

Foi o pequeno Roverandom que estragou tudo! Ele nada sabia sobre a Serpente-marinha ou seu tamanho enorme. Só estava pensando em atormentar o mago mal-humorado. Por isso, quando surgiu uma oportunidade - Artaxerxes estava parado olhando embasbacado para a ponta visível da serpente, e seus corcéis não estavam prestando muita atenção a nada - ele se esgueirou e mordeu a cauda de um dos tubarões, de brincadeira. Para se divertir! Que engraçado! O tubarão deu um pinote direto para a frente, e a carruagem também saltou para a frente; e Artaxerxes, que acabava de dar meia-volta para embarcar nela, caiu de costas.

Então, o tubarão mordeu a única coisa que conseguiu alcançar naquela hora, que era o tubarão diante dele, e esse tubarão por sua vez mordeu o seguinte; e assim por diante, até que o último dos sete, não vendo mais nada para morder - Deus me livre! -, não é que o idiota foi e mordeu a cauda da Serpente-marinha?

A Serpente-marinha deu uma outra virada muito inesperada! E o que os cachorros perceberam em seguida foi que estavam sendo levados para todos os cantos num turbilhão de água enlouquecida, batendo em peixes tontos e árvores-marinhas que giravam, mortos de medo numa nuvem de algas desenraizadas, areia, conchas, lesmas, **litorinas** e bugigangas. E as coisas foram piorando cada vez mais, e a serpente não parava de se virar. E lá estava o velho Artaxerxes, agarrado às rédeas dos tubarões, sendo também levado no turbilhão, e dizendo as coisas mais apavorantes para eles. Para os tubarões, quer dizer. Felizmente para esta história, ele nunca soube o que Roverandom tinha feito.

Não sei como os cachorros voltaram para casa. De qualquer forma, demorou muito para eles chegarem. Para começar, foram jogados na

praia numa daquelas terríveis marés causadas pelos movimentos da Serpente-marinha e depois foram apanhados por pescadores do outro lado do mar e por pouco não foram mandados para um Aquário (um destino revoltante); e então, tendo escapado por um triz, eles precisaram percorrer toda aquela distância sozinhos da melhor maneira possível, em meio a uma perpétua comoção subterrânea.

Quando afinal chegaram em casa, também ali ocorria uma terrível comoção. Todo o povo-do-mar estava apinhado em torno do palácio, gritando a uma só voz:

- Que o MAP apareça! - (É! Eles o chamavam dessa forma em público, nada menos abreviado ou mais digno.) - QUE O MAP APAREÇA! QUE O MAP APAREÇA!

E o MAP estava escondido nos subterrâneos. A Sra. Artaxerxes finalmente o encontrou lá e o forçou a sair. E todo o povo-do-mar gritou quando ele espiou por uma janela do sótão:

- Pare com esse absurdo! PARE COM ESSE ABSURDO! PARE COM ESSE ABSURDO!

E tamanha era a algazarra que as pessoas em todos os litorais do mundo acharam que o mar estava roncando mais alto que o normal. E estava!

E o tempo todo a Serpente-marinha não parava de se virar, **distraída, tentando pegar a ponta da cauda com a boca**. Mas graças a Deus ela não estava bem acordada mesmo, ou poderia ter saído para sacudir a cauda, enfurecida, e então mais um continente teria afundado. (É claro que saber se isso teria sido realmente lamentável ou não depende do continente atingido e do continente em que se vive.)

Mas o povo-do-mar não morava num continente, e sim no mar, e bem no meio da confusão, que estava ficando ainda mais confusa. E eles insistiam que cabia ao rei-do-mar forçar o MAP a criar algum encantamento, remédio ou solução para acalmar a Serpente-marinha:

não conseguiam levar as mãos ao rosto para se alimentar ou assoar o nariz, de tanto que a água sacudia. Todos davam encontrões uns nos outros. E todos os peixes estavam mareados de tanto que a água balançava. E a água estava tão turva e tão cheia de areia que todos sofriam de tosse, e ninguém mais dançava.

Artaxerxes gemia, mas tinha de fazer alguma coisa. Por isso, foi até sua oficina e se trancou ali por quinze dias, período durante o qual houve três terremotos, dois furacões submarinos e diversos tumultos entre o povo-do-mar. Saiu então e lançou um feitiço prodigiosíssimo (acompanhado de um encantamento tranqüilizante) a certa distância da caverna. E todos foram para casa e se sentaram em subterrâneos à espera - todos à exceção da Sra. Artaxerxes e seu pobre marido. O mago foi obrigado a ficar ali (a alguma distância, mas não a uma distância segura) para observar o resultado; e a Sra. Artaxerxes foi obrigada a ficar e vigiar o mago.

Tudo o que o feitiço conseguiu foi dar à Serpente um sonho terrível. Ela sonhou que estava toda coberta de cracas (muito irritante, e parcialmente verdadeiro) e também que estava sendo assada lentamente num vulcão (muito doloroso e infelizmente pura imaginação). E isso a acordou!

Provavelmente a magia de Artaxerxes era melhor do que se supunha. De qualquer modo, a Serpente-marinha não saiu da caverna - o que foi uma felicidade para esta história. Pôs só a cabeça onde a cauda estava e bocejou, com a boca aberta da largura da caverna, e res-folegou tão alto que todos os que estavam nos subterrâneos a ouviram em todos os reinos do mar.

- Parem com esse ABSURDO! - disse a Serpente-marinha. E acrescentou: - Se este mago desprezível não for embora imediatamente, e se um dia ele ousar sequer molhar os pés no mar de novo, eu SAIO DAQUI e o devoro antes de todos os outros. Depois, destruo tudo em mil

caquinhos. É só. Boa noite!
E a Sra. Artaxerxes levou o MAP para casa, desmaiado.
Quando este voltou a si - e foi rápido, porque todos se encarregaram disso -, ele livrou a Serpente do encantamento e fez as malas. E todo o povo dizia aos gritos:
- Fora com o MAP! Já vai tarde! Chega! Adeus!
E o rei-do-mar disse: - Não queremos perdê-lo, mas achamos que você deveria ir. - E Artaxerxes sentiu-se muito pequeno e totalmente sem importância (o que foi bom para ele). Até mesmo o cão-do-mar ria dele.
Mas, por estranho que pareça, Roverandom ficou muito perturbado. Afinal de contas, tinha suas razões para saber que a magia de Artaxerxes não era desprovida de efeito. E era ele quem tinha mordido a cauda do tubarão, não é? Além disso, era ele quem tinha começado a história inteira com aquela mordida na calça. E ele mesmo pertencia à terra e considerava um pouco duro que um pobre mago da terra fosse perseguido por todo aquele povo-do-mar.
De qualquer forma, ele se aproximou do velhote.
- Por favor, Sr. Artaxerxes...!
- Pois não? - disse o mago, com gentileza (estava muito feliz de não ser chamado de MAP, e havia semanas que não ouvia um "Senhor"). - Pois não, o que foi, cãozinho?
- Peço perdão, de coração. Peço desculpas, com sinceridade. Eu nunca pretendi prejudicar sua reputação. - Roverandom estava pensando na Serpente-marinha e na cauda do tubarão, mas (felizmente) Artaxerxes achou que ele estava se referindo às calças.
- Ora, ora! - disse ele. - Não vamos nos lembrar de águas passadas. Quanto menos se fala, menos se briga ou mais se consertam as coisas. Acho que o melhor para nós dois é voltarmos para casa juntos.
- Mas, por favor, Sr. Artaxerxes - disse Roverandom -, o senhor não poderia me devolver ao meu tamanho certo?

- Claro que posso! - disse o mago, feliz por encontrar alguém que ainda acreditava que ele pudesse fazer alguma coisa, qualquer coisa. - Sem dúvida! Mas você está melhor e mais seguro como está, enquanto estiver aqui por baixo. Vamos primeiro nos afastar disso aqui! E neste momento eu realmente estou ocupado mesmo.

E realmente estava mesmo. Ele entrou nas oficinas e recolheu toda a sua parafernália, insígnias, símbolos, memorandos, livros de receitas, elixires, aparelhos, e bolsas e potes de uma miscelânea de encantamentos. Queimou tudo o que era incinerável na sua fornalha à prova d'água, e o resto jogou no jardim dos fundos. Ocorreram coisas extraordinárias ali depois: todas as flores enlouqueceram, e os legumes ficaram monstruosos; e os peixes que os comiam transformavam-se em **lagartos-marinhos, gatos-marinhos, vacas-marinhas**, leões-marinhos, tigres-marinhos, demônios-marinhos, golfinhos, dugongos, cefalópodes, manatis e calamidades; ou eram simplesmente envenenados. E fantasmas, visões, espantos, ilusões e alucinações brotavam em tal quantidade que ninguém tinha paz no palácio de modo algum; todos foram obrigados a mudar-se dali. Na realidade, começaram a respeitar a memória daquele mago depois que o perderam. Mas isso foi muito mais tarde. Naquele instante, um clamor pedia que ele se fosse.

Quando tudo estava pronto, Artaxerxes despediu-se do rei-do-mar, com bastante frieza; e nem mesmo as crianças-do-mar pareceram se importar muito. É que ele vivia muito ocupado, e as ocasiões de bolhas (como a que lhes relatei) tinham sido raras. Algumas das suas inúmeras cunhadas tentaram ser gentis, especialmente se a Sra. Artaxerxes estava presente, mas no fundo todo o mundo estava impaciente para vê-lo saindo pelo portão, para que pudessem mandar um humilde recado para a Serpente-marinha:

- O lamentável mago partiu e não mais voltará, Vossa Reverência.

Imploramos que vá dormir!
É claro que a Sra. Artaxerxes foi junto. O rei-do-mar tinha tantas filhas que podia se dar ao luxo de perder uma sem muita dor, em especial a décima mais velha. Ele lhe deu uma bolsa de jóias e um beijo molhado junto à porta antes de voltar para o trono. Mas todos os outros estavam muito tristes. Em especial a multidão de sobrinhas e sobrinhos-do-mar da Sra. Artaxerxes. E estavam também muito tristes por perderem Roverandom.
O mais triste e o mais deprimido de todos era o cão-do-mar.
- Basta me mandar uma cartinha quando for ao litoral - disse ele -, que eu dou uma subida para a gente se ver.
- Não vou me esquecer! - disse Roverandom. E então foram embora.
A mais velha das baleias estava aguardando. Roverandom sentou-se no colo da Sra. Artaxerxes; e, quando todos estavam acomodados nas costas do animal, partiram.
E todo o povo disse "Adeus!" bem alto e "Que bom a gente se livrar dessa porcaria" baixinho, mas não baixo demais. E foi assim que terminou o tempo de Artaxerxes no cargo de Mágico do Atlântico e do Pacífico. Desde então, quem é que faz os feitiços para eles, eu não sei. Imagino que o Velho Psamatos e o Homem-da-Lua tenham conseguido resolver isso entre si. Disso eles são perfeitamente capazes.

5

A BALEIA aportou numa praia tranqüila longe, bem longe da enseada de Psamatos. Disso, Artaxerxes fez a maior questão. Ali a Sra. Artaxerxes e a baleia ficaram, enquanto o mago (com Roverandom no bolso) percorria a pé algumas milhas até a cidadezinha litorânea vizinha para comprar um terno velho, um chapéu verde e um pouco de fumo, em troca do

maravilhoso terno de veludo (que provocou sensação nas ruas). Ele também comprou uma **cadeira de banho** para a Sra. Artaxerxes (não se pode esquecer que ela tinha cauda).

- Por favor, Sr. Artaxerxes - começou Roverandom mais uma vez, quando estavam sentados de novo na praia naquela tarde. O mago estava fumando cachimbo, encostado na baleia, com um ar feliz que não se via há muito tempo, e nem um pouco ocupado. - **E a minha forma certa**, se o senhor não se importa? E meu tamanho certo, também, por favor!

- Ora, muito bem! - disse Artaxerxes. - Achei que podia tirar uma soneca antes de me ocupar com esse problema, mas não me importo. Vamos resolver isso de uma vez! Onde é que está minha... - E então de súbito parou de falar. De repente lembrou-se de ter queimado e jogado fora todos seus encantamentos no fundo do Mar Azul Profundo.

Era verdadeira sua tremenda perturbação. Levantou-se e apalpou os bolsos da calça, os bolsos do colete e os do casaco, internos e externos, e não conseguiu sentir a menor quantidade de magia em parte alguma em nenhum deles. (Claro que não, que velhote pateta! Estava tão alvoroçado que até mesmo esqueceu que tinha comprado aquele terno uma hora ou duas antes, numa loja de penhores. Por sinal, o antigo dono do terno, ou pelo menos quem o tinha vendido, era um mordomo idoso que tinha revistado meticulosamente os bolsos.)

O mago sentou-se e enxugou a testa com um lenço roxo, novamente com uma expressão de total desespero.

- Lamento muitíssimo! - disse ele. - Nunca pretendi deixá-lo desse jeito para sempre. Mas agora vejo que não há o que se possa fazer. Que lhe sirva de lição para não sair mordendo a calça de magos gentis e simpáticos!

- Ridículo! Bobagem! - disse a Sra. Artaxerxes. - Mago gentil e simpático, uma ova! Não há nada de gentil, de simpático nem de mago

nessa história, se você não devolver ao cãozinho sua forma e tamanho imediatamente. E, ainda por cima, eu volto para o fundo do Mar Azul Profundo e nunca mais subo de novo para visitar você.

O pobre do velho Artaxerxes parecia quase tão preocupado quanto na época em que a Serpente-marinha estava causando problemas.

- Minha querida - disse ele. - Estou muito arrependido, mas fui aplicar no cachorro meu fortíssimo protetor-contra-remoção-de-encantamentos, isso depois que Psamatos começou a interferir (aquele infeliz!), foi só para mostrar a ele que ele não pode tudo, e que eu não vou permitir que magos do tipo coelho-da-areia atrapalhem minha diversão particular; e me esqueci completamente de guardar o antídoto quando estava fazendo a limpeza lá embaixo! Ele ficava numa bolsinha preta pendurada na porta da oficina.

"Ai, ai, meu Deus! Tenho certeza de que você vai concordar que a intenção era só um pouco de diversão" disse ele voltando-se para Roverandom, e o velho nariz ficou muito grande e muito vermelho de aflição.

Ele continuou a dizer "ai, ai, meu Deus!" e a sacudir a cabeça e a barba, e não chegou a perceber que Roverandom não estava prestando nenhuma atenção e que a baleia estava piscando um olho. A Sra. Artaxerxes tinha se levantado para ir até sua bagagem; e agora ria segurando na mão uma velha bolsa preta.

- Agora pare de sacudir essa barba, e mãos à obra! - disse ela. Mas, quando Artaxerxes viu a bolsa, por um instante sua surpresa foi grande demais para ele fazer qualquer coisa além de olhar para ela com a boca muito aberta.

- Vamos! - disse a mulher. - Esta é sua bolsa, não é? Eu a recolhi, com outras pequenas bugigangas que *me* pertenciam, no desagradável monte de lixo que você empilhou no jardim. - Ela abriu a bolsa para espiar dentro, e dali saiu a caneta-tinteiro-varinha-de-con-dão do mago,

além de uma nuvem de fumaça engraçada, que se retorcia para criar formas estranhas e caras interessantes.
Foi então que Artaxerxes acordou.
- Passe a bolsa para cá! Você a está desperdiçando! - gritou ele. E agarrou Roverandom pela nuca e o jogou - o cãozinho dava chutes e gania - dentro da bolsa num piscar de olhos. Virou então a bolsa três vezes, movimentando a caneta-tinteiro com a outra mão.
- Muito obrigado! Assim está bom! - disse, abrindo a bolsa.
Houve uma forte explosão, e vejam só! Não havia mais bolsa alguma, só Rover, exatamente como sempre tinha sido antes de conhecer o mago naquela manhã no gramado. Bem, talvez não exatamente igual: estava um pouco maior, já que agora estava alguns meses mais velho.
Não adianta tentar descrever a sensação eletrizante que ele teve; ou como tudo parecia engraçado e menor, até mesmo a velha baleia; nem como Rover se sentia forte e feroz. Por um momento apenas, ele lançou um longo olhar para a calça do mago, mas não quis que a história toda começasse de novo. Por isso, depois de correr milhas em círculos de pura alegria, e de latir a mais não poder, ele voltou e disse "Muito obrigado!", e chegou mesmo a acrescentar: "Foi um prazer conhecê-lo", o que realmente foi muito educado.
- Tudo bem! - disse Artaxerxes. - E essa foi a última mágica que fiz. Vou me aposentar. E seria melhor você começar a ir para casa. Não me resta magia nenhuma para mandá-lo para casa. Por isso, terá de ir andando. Mas isso não vai fazer mal a um cachorrinho forte.
E assim Rover despediu-se, a baleia piscou um olho, e a Sra. Artaxerxes lhe deu um pedaço de bolo. E ele ficou sem vê-los por muito tempo. Muito, muito tempo depois, quando estava visitando um lugar à beira-mar onde nunca tinha estado antes, Rover descobriu o que havia acontecido com eles, porque estavam lá. A baleia, não, é claro, mas o mago aposentado e a mulher.

Tinham se instalado naquela cidadezinha litorânea; ; Artaxerxes, tendo adotado o nome de Sr. A. Map, tinha aberto uma lojinha para vender cigarros e chocolate perto da praia mas ele tomava um cuidado exremo para nunca tocar na água (até mesmo em água doce, e isso ele não achava difícil). Não era uma ativiiade à altura de um mago, mas ele pelo menos tentava impar a sujeira inconveniente que seus fregueses deitavam na praia, e ganhava um bom dinheiro com a '**Bala do Map**", que era muito cor-de-rosa e grudenta. Talvez houvesse um tiquinho de magia nessa bala, porque as crianças gostavam tanto dela que continuavam a chupá-la mesmo depois de ela cair na areia.

Mas a Sra. Artaxerxes, eu deveria dizer Sra. A. Map, ganhava muito mais dinheiro. Seu negócio eram **furgões e cabines de banho**. Ela dava aulas de natação e ia para casa numa cadeira de banho, de rodas, puxada por dois pôneis brancos. À tarde, usava as jóias do rei-do-mar e se tornou muito famosa, tanto que ninguém amais fazia menção à sua cauda.

Nesse meio tempo, porém, Rover está percorrendo incansável as estradas e os caminhos, avançando pelo faro, que deverá acabar por levá-lo para casa, que é o que o faro dos cães faz.

"Quer dizer que nem todos os sonhos do Homem-da-Lua se realizam, como ele mesmo disse", pensava Rover enquanto seguia em frente. "É óbvio que este aqui foi um que não se realizou. Eu nem mesmo sei o nome do lugar onde os meninos moram. Que pena!"

Ele descobriu que a terra firme costumava ser tão perigosa para um cachorro quanto a lua ou o oceano, pesar de ser muito mais sem graça. **Automóveis e mais automóveis** passavam ruidosos, ocupados (na opinião de Rover) pelas mesmas pessoas, todos à máxima velocidade (com o máximo de poeira e mau cheiro) indo algum lugar.

- Acho que nem a metade deles sabe aonde está indo ou por que está indo para lá. Nem saberiam se chegassem lá - resmungou Rover

enquanto se engasgava e tossia. E as patas se cansavam nas estradas duras, negras, tenebrosas. Por isso, ele se voltou para os campos e teve muitas aventuras amenas do tipo que envolve coelhos e passarinhos meio a esmo, mais de uma briga divertida com outros cachorros e diversas fugas apressadas diante de cães maiores.

E assim, afinal, semanas ou meses depois do início da história (ele não teria condições de determinar), Rover voltou ao portão do seu próprio jardim. E lá estava o menino brincando no gramado com a bola amarela! E o sonho tinha se tornado realidade, exatamente orno ele nunca tinha esperado!

- Ali está Roverandom!!! - exclamou o menino Dois, com um grito.

E Rover sentou nas patas traseiras, fez pose de pidão e não conseguiu encontrar voz para dar nem um latido. E o menininho beijou sua cabeça e entrou disparado na casa, berrando.

- Meu cachorrinho pidão voltou. Voltou grande e de verdade!!!

Ele contou toda a história à avó. Como Rover ia saber que tinha pertencido à avó do menininho o tempo todo? Só tinha sido dela um mês ou dois quando foi enfeitiçado. Mas eu me pergunto o quanto Psamatos e Artaxerxes sabiam disso.

A avó (realmente muito surpresa com a volta do cachorro com tão boa aparência, nem esmagado por um carro, nem achatado por um caminhão) não conseguia entender do que o menino estava falando, apesar de ele lhe contar tudo o que sabia com os detalhes exatos, e repetir tudo muitas vezes. Ela concluiu com muita dificuldade (é claro que era só um pouquinho surda) que o cachorro agora deveria se chamar Roverandom e não Rover, porque o Homem-da-Lua mandou ("Francamente, essa criança tem cada idéia estranha"); e que o animal no final das contas não pertencia a ela mas ao menino Dois porque mamãe o levou lá para casa com os camarões ("Tudo bem, meu amor, como você quiser, mas eu acho que o comprei do filho do irmão do

jardineiro").

É lógico que não lhes contei toda a discussão entre eles. Foi demorada e complicada, como costuma acontecer quando os dois lados estão com a razão. Tudo o que você precisa saber é que dali em diante ele passou a se chamar Roverandom, que passou a pertencer *mesmo* ao menininho e que, quando terminou a visita dos meninos à avó, voltou para a casa onde um dia tinha ficado em cima da cômoda. É claro que *isso* ele nunca mais fez. Às vezes morava no interior, e às vezes, a maior parte do tempo, na casa branca no penhasco junto ao mar.

Rover chegou a conhecer o velho Psamatos muito bem, nunca o bastante para deixar de pronunciar o Pê; mas, quando cresceu e se tornou um cachorro grande e majestoso, tinha intimidade suficiente para desenterrá-lo da areia, acordá-lo e bater muitos papos com ele. Na realidade, Roverandom tornou-se um cão muito sábio, com uma enorme reputação no lugar, e viveu todos os tipos de aventuras (muitas delas com o menino). Mas essas que acabei de contar foram provavelmente as mais extraordinárias e mais empolgantes. Só Tinker diz que não acredita numa palavra delas. Que gata invejosa!

Notas

noticiário nos jornais. O *Times* de 7 de setembro de 1925 informou que "em Whitley Bay todas as barracas de diversões e desembarcadouros foram destruídos, e madeira e ferro estavam espalhados por toda a praia... As ondas do mar chegaram a mais de 12 metros de altura em Hornsea, arrancando bancos de caramanchões no novo passeio público e inundando uma área extensa dos campos. Grandes pedras do remate da piscina de South Beach em Scarborough foram arrancadas" e assim por diante. A previsão do tempo tinha sido de pancadas ocasionais.

as cinco ilustrações que ele fez para a história. A arte original está na Bodleian Library, Oxford University, como MS Tolkien Drawings 88, *(Lunar Landscape* [Paisagem lunar]); (sem título, "Rover Arrives on the Moon" [Chegada de Rover à Lua]); *(House Where "Rover" Began His Adventures as a "Toy"* [Casa em que tiveram início as aventuras de "Rover" como "Brinquedo"]); *(The White Dragon Pursues Roverandom & the Moondog* [O Dragão Branco persegue Roverandom e o Cão-da-Lua]); e *(The Gardens of the Merking's Palace*[Os Jardins do Palácio do Rei-do-Mar]).

1. Quando a referência dos autores se aplica apenas ao texto em inglês, mantive-o e acrescentei a tradução entre colchetes para facilitar a localização. (N. da T.)

cartas de "Papai Noel". A maioria dessas cartas foi publicada em 1976 como *The Father Christmas Letters,* organização de Baillie Tolkien.

***snapdragon* [abocanhar passas em chamas].** Neste sentido, "uma brincadeira ou diversão (geralmente da época do Natal) que consiste em pegar passas de uma tigela ou prato com conhaque ou outra bebida em chamas para comê-las ainda acesas" *(Oxford English Dictionary).*

quase com certeza o texto... parecer com data de 7 de janeiro de 1937. O parecer de Rayner Unwin cita o nome "Psamatos" e o preço de "seis *pence',* características que só entraram no texto de Roverandom na segunda versão (fragmento) e na terceira versão (completa) datilografadas.

Havia também histórias. Ver ainda, *J. R. R. Tolkien: A Biography* de Humphrey Carpenter (1977).

catam ossos e garrafas. Catadores ambulantes de ossos e garrafas, ou de outros materiais (cf. *catadores de trapos e ossos)* que vendiam como meio de subsistência, por exemplo, para fábricas de papel e fábricas de farinha de ossos.

a pena azul fincada na parte de trás do chapéu verde. Tom Bombadil, o herói de uma das primeiras histórias de Tolkien e personagem do *Senhor dos Anéis* (1954-55), também usa um chapéu com uma pena azul.

Era só depois da meia-noite que ele conseguia andar. A fantasia de que os brinquedos ganham vida à noite, ou quando ninguém está olhando, aparece em muitas histórias como, por exemplo, "O soldadinho de chumbo" de Hans Christian Andersen (1838) e "A boneca de cera" de E. H. Knatchbull-Hugessen (1869).

Marque o preço de *seis pence.* No primeiro texto datilografado, Rover teve seu preço fixado em “quatro *pence”.* Esse preço foi alterado para “seis *pence”* no segundo texto datilografado, talvez um reflexo do aumento dos preços ao longo dos anos que supomos terem transcorrido entre esses dois rascunhos.

hora do chá. Por volta das 4h da tarde, quando se serve uma leve refeição com chá, pão, bolos etc. Cf. "chegar a hora do chá"**.**

Tinha três filhos. Naturalmente a mãe é Edith (Sra. J. R. R.) Tolkien, e seus três meninos são John, Michael e Christopher. Michael é o que é "apaixonado por cãezinhos".

embrulhado em papel. Embrulhado para a freguesa em papel bem torcido nas duas pontas.

melhor língua-de-cães que conseguia. As fadas epônimas das histórias de *Sylvie and Bruno* de Lewis Car-roll (1889-93), que Tolkien apreciava, falam *"doggeé'* [cachorrês] fluente.

Puseram Rover numa cadeira junto à cabeceira da cama. No rascunho mais antigo dessa parte (o primeiro texto datilografado), Rover é posto em cima de uma *cômoda.* Tolkien pode ter achado que esse lugar seria alto demais para Rover descer dali de um salto, mesmo que fosse em cima da cama, para explorar a casa - e para tornar a escalar antes do amanhecer. Afinal, Rover era um cachorro de brinquedo e era muito pequeno (embora às vezes pareça maior). A frase "[o menino] viu Rover sentado na cômoda", é remanescente do rascunho anterior, à qual Tolkien acrescentou uma explicação ligeiramente canhestra "onde o tinha posto enquanto se vestia". Tolkien manteve a referência à "casa onde um dia tinha ficado em cima da cômoda".

a lua nasceu no mar e estendeu seu caminho de prata sobre as águas, que é por onde se chega às bordas do mundo e mais além, para aqueles que conseguem caminhar por ele. Essa invenção pode ter sido do próprio Tolkien, mas ela apresenta uma espantosa semelhança com o "luminoso caminho da lua que se estende da terra escura... na direção da lua" que aparece em *The Garden behind the*

Moon de autoria do escritor e artista plástico norte-americano Ho-ward Pyle (1895). O personagem principal daquele livro caminha a partir da praia pelo caminho de luz e visita o Homem-da-Lua. Em *Roverandom,* Rover não anda ele mesmo pelo caminho-da-lua, mas é carregado pelo alto.

menino Dois. Michael, o segundo filho da família Tolkien.

Psamatistas*.* No primeiro texto (manuscrito), o feiticeiro-da-areia chama-se *Psammead,* palavra tomada emprestada diretamente da "fada-da-areia" de *Fite Chil-dren and It* (1902) e *The Story of theAmulet* (1906) de E. Nesbit. Como o psamatista de Tolkien, o *"psammead"* de Nesbit tem uma personalidade ríspida porém extravagante, e o que mais gosta de fazer é ficar deitado na areia morna. No primeiro texto datilografado, Tolkien às vezes grafava "psammead" como "sam-yad", e poucas vezes chamou Psamatos de "nilbog" ("goblin" [duende] de trás para a frente). Na segunda versão datilografada, Psamatos é designado pelo nome ou apenas como "o psamatista".

Psamatos Psamatides. *Psamatos, Psamatides* e *Psamatista* contêm todas o radical grego *psammos,* "areia". Em consonância com os hábitos da criatura, *Psamatos* deriva do grego "areia do mar". *Psamatides* contém o patronímico – ides, "filho de"; e *Psamatista,* o sufixo -ista, "alguém que se dedica a um ramo do conhecimento" (como em *cientista).* Daí, aproximadamente, *Psamatos Psamatides,* "Areento, filho de Areento"; e *Psamatista,* "especialista em areias".

ficava aparecendo só a ponta de uma das suas longas orelhas. Em todas as versões as "longas orelhas" do psamatista eram "cornos", até serem alteradas no manuscrito final. O *"psammead"* de Nesbit tem os

olhos "em longos cornos, como os olhos de um caracol".

Sou Psamatos Psamatides, líder de todos os Psama-tistas! - Isso ele disse diversas vezes, com muito orgulho, pronunciando cada letra; e, a cada Pê, saía uma nuvem de areia do seu *nariz.* "e fazia enorme questão da pronúncia correta". Tolkien está brincando com o fato de que em Psamatos, Psamatides e Psamatistas a pronúncia "correta" em inglês é com o Pê mudo. O *Oxford English Dictionary* alega que deixar de pronunciar o "pê" em palavras iniciadas com "ps" em inglês é "uma prática de pouca erudição que costuma levar à ambigüidade ou a disfarçar a composição da palavra", e recomenda, portanto, a pronúncia opcional do "pê" em todos os empréstimos do grego, à exceção do grupo de *"psalm"* [salmo], *"psalter"* [saltério].

Artaxerxes. Nome adequado, tendo em vista o país de origem do mago (ver a nota seguinte), nome de três reis da Pérsia nos séculos V e IV a.C, bem como do fundador da dinastia sassânida no século III a.C.

Ele é da Pérsia... foi logo lhe ensinar o caminho para Pershore... Dizem que é muito ágil na colheita de ameixas. Pershore é uma cidadezinha perto de Evesham em Worcestershire. Tolkien está naturalmente fazendo um trocadilho com os quase homônimos "Pérsia" e "Pershore" [em inglês]; mas também é significativo o fato de o Vale de Evesham ser famoso pelas ameixas (entre elas a variedade Pershore amarela) e de um irmão de Tolkien, Hilary, possuir um pomar e uma horta perto de Evesham onde cultivou ameixeiras por muitos anos. — "Ágil na colheita de ameixas" sugere que Artaxerxes era bom em agarrar o que havia de melhor ou mais selecionado.

sidra. Na Inglaterra, uma bebida alcoólica elaborada a partir do suco

fermentado de maçãs. Dizem que a melhor sidra vem do oeste da Inglaterra, o que inclui o Vale de Evesham.

abóboras. Abóboras ovaladas [" *marrowst'],* que nos Estados Unidos costumam ser chamadas de *"gourds'* ou "*summer squash".*
Mew. Outra palavra para designar *gull* [gaivota].
penhascos negros altíssimos de rocha escarpada. Perto de Filey ficam Speeton e Bempton, dois lugares famosos por seus penhascos altos (mais de 120 metros de queda vertical), viveiros de inúmeras aves marinhas, mas esses penhascos são de greda, não negros. Ilhas desabitadas com penhascos semelhantes e colônias de aves são comuns ao longo do litoral norte da Grã-Bretanha.

a Ilha dos Cães. A verdadeira Ilha dos Cães é uma faixa de terra que avança pelo rio Tâmisa a sudeste de Londres. Seu nome, com o qual Tolkien está brincando, pode ter como origem o fato de Henrique VIII ou Elizabeth I manterem cães de caça ali quando residiam na outra margem do rio, em Greenwich.

Há pelo menos um cachorro lá, porque o Homem-da-Lua tem um. Isso está em harmonia com algumas tradições; cf. Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão,* v, i: "Esse homem, com lanterna, cão e moita de espinheiro, / é quem fornece o Luar".

Rover viu uma torre branca... um velho com uma longa barba prateada. Em "The Tale of the Sun and the Moon [A história do Sol e da Lua]" no *Book of Lost Tales,* Tolkien escreveu a respeito da embarcação da lua que navega pelos céus e na qual um "Elfo idoso com a cabeleira grisalha" embarcou como clandestino "e lá mora ele desde aquela época..., e uma pequena torre branca ele construiu na Lua, onde

costuma subir para observar o firmamento, ou o mundo cá embaixo... Já houve quem o chamasse de Homem-da-Lua" *(Part One* [1983]). No poema de Tolkien "Why the Man in the Moon Came Down Too Soon" [Por que o Homem da Lua caiu antes da hora] (publicado em 1923) o Homem mora num "alvo minarete / Tonto e pálido com sua altura lunar / Num mundo engastado em prata"; ver *The Book of Lost Tales, Part One*. Uma ilustração dessa cena, com o Homem escorregando na direção da terra ao longo de um "fio de aranha" (cf. as "linhas e cordas de prata" fiadas pelas aranhas-da-lua, *Roverandom*), está reproduzida em *J. R. R. Tolkien: Artist & lllustrator,* de autoria de Wayne G. Hammond e Christina Scull (1995).

se chama Rover em homenagem a mim. Tolkien está brincando com os dois significados diferentes dessa frase[3]. A pergunta do cão-da-lua *"So you are called Rover after me?"* [Quer dizer que você se chama Rover "depois de mim"?] é interpretada por Roverandom com o significado de "So *you are called Rover in my honour"* [Quer dizer que você se chama Rover em homenagem a mim?]. Mas na resposta, "Por isso, você deve ter se chamado Rover depois de mim!" o cão-da-lua quer dizer "mais tarde em termos cronológicos".

a lua estava passando por baixo do mundo exatamente naquele momento. A esse respeito, ver *The Book of Lost Tales, Part One* ("the Moon dares not the utter loneliness of the outer dark... and he journeys still beneath the world" — "a Lua não ousa sair para a total solidão das trevas exteriores... e passeia ainda por baixo do mundo").

Não perturbe os raios de luar, e não mate meus coelhos brancos! E volte para casa quando sentir fome. Esse tipo de proibição conjugada com conselho é característica dos contos de fadas tradicionais. A

advertência do Homem-da-Lua é repetida de várias formas, e mais tarde encontra ressonância nas palavras da Sra. Artaxerxes: "Não perturbem os peixes-fogo" etc.

Só foi descobrir depois de passado muito tempo. Na realidade, não chegamos a saber por que Psamatos mandou Rover à lua. Segundo o texto mais antigo, "Ele nunca descobriu tudo, pois os magos costumam ter razões profundas que não são descobertas por gerações de gatos, muito menos de cachorros - e aquilo que ele realmente descobriu foi muito tempo depois."

moscas-espada, e besouros de vidro. O trecho traz à lembrança "Rockinghorse-fly", "Snap-dragon-fly" e "Bread-and-butter-fly"[{4}] de *Through the Looking Glass* de Lewis Carroll (1872). Cf. também *"florboletas"* (uma inversão de " *butterflies*[{5}], mas análogo a *"flittermicé'* ou morcegos), e "besouros-diamante" e "maripo-sas-rubi".

cinqüenta e sete variedades. Alusão às famosas cinqüenta e sete variedades de alimentos prontos da Heinz Co.

uma música leve e delicada. A música dá uma enorme contribuição à atmosfera de *Roverandom:* ela é gerada pela flora no lado branco da lua, pelos rouxinóis e crianças no jardim no lado escuro e pelo povo-do-mar nas profundezas. Os nomes de flores (verdadeiros e fantasiosos) neste parágrafo sugerem a música ou instrumentos musicais: campânulas, silvos, trombetas, trompas, rabecas, metais, cálamos (instrumentos de sopro de madeira). *"Ringaroses"* [rosas-sonoras] lembram a cantiga infantil "Ring-a-ring o'roses". "Rhymeroyals" [nobre-rimas] e "pennywhistles" [silvos-de-lata] tanto repetem o som de "pennyroyal

[poejo], a planta rasteira Mentha pulegium, quanto de "rhyme royal", em poesia uma estrofe de sete versos pentâmetros iâmbicos. Polifonias é um trocadilho com as polipodiáceas (fetos do gênero Polypodium), bem como com polifonia, termo usado para a música em contraponto. Línguas-de-metal sugere o feto "hart's tongue" ["língua-de-cervo", escolopêndrio, em português] e também lembra 1 Cor 13,1: "Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa ou o sino que tine". "Cracken" é uma variante (com a implicação de um som) de "bracken" [samambaia].

sua copa era de flores azul-claras que nunca caíam... Mais adiante no ano, abrem-se ao mesmo tempo em todas as árvores flores de um dourado pálido... Um prenúncio, talvez, das árvores *mallorn* do *Senhor dos Anéis* (livro 2, cap. 6): "Pois no outono as folhas não caem, mas se tornam douradas."

um enorme elefante branco. Possível referência ao caso de Sir Paul Neale, ilustre cientista do século XVII, que alegou ter descoberto um elefante na lua; a verdade é que um camundongo, que ele confundiu com um elefante, tinha entrado no seu telescópio sem que ninguém percebesse.
chaminés que havia por lá... e a fumaça negra; e o vermelho do fogo nas fornalhas! Tanto Birming-ham, na juventude de Tolkien, quanto Leeds, onde ele e a família moravam quando da concepção de *Roverandom,* eram cidades industriais sujas e enfumaçadas, agora muito mais limpas.

rat and rabbit it **[Que porcaria!].** Uma imprecação vulgar, adequada para um cão de "gosto vulgar". *"Rat"* provém de *"od rat",* "God rot" = *drat; "rabbit"* é uma alteração de *"rat"com* o mesmo significado de maldição.

se abrigaram no primeiro lugar que encontraram, sem nenhuma precaução. Cf. O *Hobbit,* cap. 4, no qual a companhia se abriga numa caverna sem fazer uma exploração meticulosa. "Este, sem dúvida, é o perigo das cavernas: às vezes, não se sabe a profundidade delas, ou aonde um corredor pode levar, ou o que está esperando lá dentro."

Ele [o Dragão Branco] combateu o Dragão Vermelho em Caerdragon na época de Merlin... Depois dessa luta, o outro dragão ficou Vermelhíssimo. Segundo a lenda, o rei britânico Vortigern tentou construir uma torre perto do monte Snowdon para defender-se de seus inimigos, mas o que era construído durante o dia desmoronava à noite. O jovem Merlin aconselhou Vortigern a descobrir um charco junto aos alicerces da torre para então drená-lo. No fundo do charco havia dois dragões adormecidos, um branco e o outro vermelho, que ao despertar começaram a lutar. O dragão vermelho, disse Merlin, era o povo britânico-, e o branco, o povo saxão, que sairia vencedor. O dragão vermelho ficaria então "vermelhíssimo" - ou seja, coberto de sangue ao ser derrotado. Isso supostamente se realizaria em Dinas Emrys, em Gwynedd, País de Gales, aqui chamado de *Caerdragon,* "castelo [ou fortaleza] do dragão". O manuscrito apresenta *Caervyrddin,* "forte de Myrddin [Merlin]" (i.e., Carmarthen, Dyfed), alterado a mão para *? Caerddreichion.* Isso foi riscado e modificado para o equivalente *Caerdragon* na primeira versão datilografada.

as Três Ilhas. Do galês *Teir Ynys Prydein,* em que *ynys* (literalmente "ilha") significa "reino". Portanto, os Três Reinos da Grã-Bretanha: Inglaterra, Escócia e País de Gales.

Snowdon. O ponto culminante no País de Gales (1.085 m), localizado

no Snowdonia National Park, Gwynedd. O comentário de Tolkien sobre um homem que deixou uma garrafa no cume do monte Snowdon é uma referência à atração que a montanha exerce sobre os turistas e, conseqüentemente, ao lixo que eles geram. No primeiro texto Tolkien escreveu sobre os visitantes do monte Snowdon que "fumavam cigarros e bebiam refrigerante para depois largar as garrafas jogadas".

Gwynfa, algum tempo depois do desaparecimento do Rei Artur, numa época em que cauda de dragão era considerada uma iguaria perfeita pelos reis saxões. O galês *gwynfa* (ou *gwynva)* tem o significado literal de "lugar branco (ou abençoado)", em termos poéticos "paraíso" ou "céu". Não conseguimos encontrar um "Gwynfa" nem em lendas nem em folclore que se adequasse ao seu uso em *Roverandom;* mas sua associação aqui ao "desaparecimento do Rei Artur" (o primeiro texto diz "morte do Rei Artur"), ou seja, sua remoção para um outro-mundo (Avalon), sugere que Gwynfa seja um local desse tipo, "não tão longe da beira do mundo". Talvez, cf. Gwynvyd, o celestial mundo superior na tradição galesa. Ou pode ser simplesmente que um "lugar branco" seja para onde um dragão branco iria; e que seu nome é um trocadilho com a palavra Snowdon, literalmente "monte de neve". - A idéia de que cauda de dragão seria uma iguaria ocorre também (e em rascunho, mais ou menos na mesma época) em *Farmer Giles of Ham:* "Ainda se costumava servir Cauda de Dragão no Banquete de Natal do Rei" (publicado em 1949). Mas aquela história transcorre antes do tempo dos reis saxões. -Tolkien parece insinuar que o dragão teria ido embora para não ser caçado por sua cauda. Mas, "numa época em que cauda de dragão era considerada" etc. também serviu, na primeira versão datilografada, como introdução para um comentário (excluído) a respeito dos "Reis Saxões": "uma raça feroz [i.e., os saxões] que alguns franceses acham que nunca existiu". Christopher Tolkien sugeriu que

essa frase pode ser uma crítica ao estudioso francês Emile Legouis; e de fato, na história da literatura inglesa de Legouis e seu colaborador Louis Cazamian, publicada na Inglaterra em 1926 (em data anterior em francês), há uma argumentação de que os anglo-saxões eram um povo tranqüilo e acomodado (ou seja, não uma "raça feroz") e que é ilusório encontrar na sua literatura um "reflexo da barbárie germânica".

tornou a lua inteira vermelha. Quando em eclipse, a lua às vezes assume um tom vermelho acobreado.

As montanhas balançaram... e as cachoeiras pararam imóveis. Depois disso no texto definitivo, mas assinalado para ser excluído, está "nenhum rapaz de motocicleta atravessando um subúrbio de madrugada produziria maior efeito".

como as velas que os navios tinham quando ainda eram navios e não máquinas a vapor. O dragão em *The Faerie Queene* de Edmund Spenser (1590) tem asas "como duas velas, nas quais o vento vazio / Se avoluma e ganha velocidade: / E também as penas que unem suas asas, / Eram do tamanho de vergas forradas de lona a voar".

batendo as asas [*flapdragon]* e abrindo a bocarra *[snapdragon].* Nesse sentido tanto *flapdragon* quanto *snapdragon* se referem a uma representação de um dragão ou de uma cabeça de dragão construída para abrir e fechar a boca e levada por pantomimei-ros no Natal ou em desfiles e espetáculos cívicos ou municipais.

Fifth of November [fogos de artifício]. O cinco de novembro é o dia em que a Grã-Bretanha celebra, com fogos de artifício e fogueiras, a descoberta e o impedimento em 1605 de um complô dos católicos para

explodir o Parlamento. Também se chama "Noite de Guy Fawkes", nome do conspirador mais conhecido.

O eclipse seguinte foi um fracasso. Ainda é um mistério como o Homem-da-Lua coordena a criação de eclipses pelo Grande Dragão Branco de forma que ela respeite um calendário ("Vão provocar um eclipse antes da hora!" e "o dragão estava muito ocupado lambendo a barriga para lhe dar atenção"). No entanto, muito antes de *Roverandom* havia em várias mitologias uma tradição de que os eclipses eram causados por dragões que devoravam, em vez de simplesmente ocultar, a lua ou o sol.

cores de verdade. Em "Why the Man in the Moon Came Down Too Soon" o Homem está "cansado... do seu alvo minarete... Desanimado, ansiava pelo fogo. / Não pelas luzes límpidas dos lívidos selenitas / Mas por uma rubra pira terrestre / com fulgores purpúreos de carmim e rosa forte / E uma saltitante língua laranja; / Por imensos mares de azuis e pelos matizes apaixonados / De quando chega dançando a alvorada".

corujas que parecem águias. Existe na realidade um "corujão" [em inglês "eagle-owl"], espécie grande e feroz que faz visitas ocasionais à Grã-Bretanha, vinda da Escandinávia. Suas partes superiores são marrons quase pretas.

bob-owlers **[bruxas]**. Mariposas gordas (dialeto de West Midlands).

um jardim na penumbra. Quanto à semelhança entre o jardim-da-lua e o "Cottage of Lost Play" em *The Book of Lost Tales,* - Em *The Garden be-hind the Moon* [O jardim por trás da lua] de Howard Pyle, o herói, David, também visita o jardim dos fundos do Homem-da-Lua, onde as crianças fazem bagunça, brincam e gritam. Ali, como em *Roverandom,*

as crianças parecem ter viajado até o jardim enquanto dormiam, pois os corpos verdadeiros permanecem na terra. David, porém, chega ao jardim de um modo mais prosaico do que Roverandom: pela escadaria dos fundos da casa do Homem-da-Lua.

as crianças não vêm pelo mesmo caminho... mas não neste vale. Quanto ao "Caminho dos Sonhos" - O primeiro texto incluía, em rascunho: "- Este é o vale dos sonhos felizes - disse o Homem. - Existe outro, mas não vamos olhar para ele, e a maioria das pessoas que o vêem tem a sorte de esquecê-lo. Alguns dos sonhos que elas têm aqui duram para sempre..." > "Eu crio a maior parte dos sonhos. Parte elas trazem consigo e parte (lamento dizer) são as aranhas que fazem, mas não neste vale e não se eu as apanhar em flagrante. Este é o vale dos Sonhos Felizes."

O cachorro morto de Mamãe Hubbard. A cantiga infantil *Old Mother Hubbard* inclui os versos "Mas quando ela voltou / O pobre cachorro tinha morrido...
Ela foi à taberna / Comprar vinho branco e tinto; / Mas quando voltou / O cachorro estava de ponta-cabeça."

Chegaram afinal à borda cinzenta. Em *Roverandom,* a lua tem lados distintos, o "branco" e o "escuro"; e eles aparentemente permanecem assim o tempo todo: um lado "escuro com um céu pálido"; o outro "pálido com um céu escuro". É claro que a lua verdadeira tem o dia e a noite (mesmo que o ciclo seja diferente do da Terra); e o "lado escuro" é "escuro" não por não receber nenhuma luz, mas porque nunca está voltado para a Terra, e por isso jamais foi visto até os tempos dos satélites em órbita lunar. Embora a Terra da história seja plana, a lua é nitidamente uma esfera: Roverandom cai direto através dela até o lado

escuro; e, quando ele e o Homem-da-Lua voltam para casa a pé, eles vêem um nascer-da-Terra. -John Tolkien não se recorda de seu irmão Michael ou ele mesmo terem se importado com anomalias quando a história lhes foi contada, e salienta que é claro que *Roverandom* foi escrita para crianças pequenas, para quem essas questões são simplesmente parte da fantasia da história.

News of the World [Notícias do Mundo]. Jornal britânico conhecido por seu sensacionalismo.

Ele se apaixonou pela fílha idosa porém linda do rico rei-do-mar. Alusão à letra da ópera *Trial by Jury* (1871) de Gilbert e Sullivan: "E assim me apaixonei pela filha idosa e feia de um advogado."

Proteu, Posêidon, Tritão, Netuno. Proteu e Posêidon eram deuses do mar na mitologia grega. Netuno equivale a Posêidon na mitologia romana. Tritão era também um deus do mar, filho de Posêidon, mas também um tritão segundo a tradição grega.

Niord. Divindade nórdica do mar. "Aquela bobagem de casamento" é uma referência a uma história relatada em *Gylfaginning* e *Skáldskarpmâl* da *Younger Edda* de Snorri Sturluson (1178/79-1241). Os deuses prometeram a uma filha de gigante que ela poderia se casar com um deles como compensação por Thor ter matado seu pai, mas só lhe foi permitido ver os pés do futuro noivo antes de fazer a escolha. Ela escolheu os pés mais bonitos, na esperança de ficar com Balder, o mais belo dos deuses, mas os pés pertenciam a Niord. Houve aparentemente alguma especulação entre comentaristas quanto ao motivo pelo qual Niord tinha pés melhores que Balder. A observação de Tolkien de que a giganta escolheu Niord porque tinha pés limpos (o que é tão conveniente

na vida doméstica) é uma brincadeira, naturalmente, mas o colega de Tolkien em Leeds, E. V. Gordon, numa nota em sua obra *Introduction to Old Norse* (1927, que inclui agradecimentos a Tolkien por seus conselhos), observou que Niord tinha os pés mais limpos por ser deus do mar (é presumível que Gordon quisesse dizer que eles eram lavados com regularidade).

Velho-do-Mar. Personagem das *Mil e uma noites,* que Simbad, o Marujo, encontrou quando naufragou na quinta viagem. O Velho pede que ele o carregue até o outro lado de um rio; mas, depois de atender a seu pedido, Simbad descobre ser impossível tirar o Velho das costas. Simbad consegue livrar-se dele embebe-dando o Velho para então matá-lo com uma pedra.

uma mina flutuante... há um ano ou dois, direto em cima de um dos botões! Mina do tipo colocado nas águas durante a Primeira Guerra Mundial. (Evidentemente o Velho-do-Mar tentou ser "carregado" por uma delas.) Seus "botões" são detonadores semelhantes a pregos grandes.

Humpty Dumpty. O ovo da cantiga infantil que "Todos os cavalos do rei / E todos os homens do rei" não puderam montar de novo depois que ele se quebrou.

Eu achava que a Grã-Bretanha dominava as ondas... - Prefere fazer carinho nos leões na praia e ficar ali sentada na moedinha com um garfo de enguia na mão. A Grã-Bretanha, que "domina as ondas" no cancioneiro popular, é um símbolo do país, geralmente representada como uma mulher sentada com um escudo, um tridente (o "garfo de enguia") e um leão. Ela aparece em moedas e medalhas britânicas desde o reinado de Carlos II.

não vá... se esquecer dos Pês. Em sentido literal, não se esqueça de pronunciar a primeira letra do nome de "Psamatos". Porém, como essa história começou quando Rover deixou de dizer "por favor" para Artaxerxes, e como a expressão inglesa *"to mind your Ps and Qs"* [respeitar os Pês e os Quês] significa comportar-se bem, o Homem-da-Lua também está fazendo uma brincadeira.
pelo menos eram coloridos. Nessa época, os jornais não eram impressos em cores. *A Alga Semanal Ilustrada [The Illustrated Weekly Weed],* na lista de jornais do povo-do-mar, sugere *The Illustrated London News.*

Que morra e o enforquem! [*pot and jam him],* "To pot" é gíria para "matar ou matar a tiros para a panela"; "to jam" é gíria para "enforcar".
Uin, a mais velha das Baleias Francas. No jargão dos baleeiros, uma *baleia franca* é a do tipo certo de baleia para se abater, i.e., da família *Balae-nidae,* rica em barbatanas e de fácil captura.

PAM [MAP]. Referência ao apelido do famoso político e primeiro-ministro britânico, lorde Palmerston (1784-1865).

cão-do-mar. Aqui, naturalmente, um cachorro em termos literais, mas Tolkien está fazendo alusão à gíria para designar "marinheiro".

***limpeis* [parasitas]**. Organismos marinhos gastrópo-des (lapas) que se grudam com firmeza a rochas, mas também "funcionários supostamente supérfluos mas que se agarram a seus postos" *(Oxford English Dic-tionary).*
uma arte sem muita importância, mas que ainda assim necessita de alguma prática. Tolkien está sugerindo que a magia de Artaxerxes tem

suas limitações. Na primeira versão do texto, a passagem que antecede essas palavras inclui uma expressão esclarecedora a mais, aqui grifada: "Artaxerxes era um mágico muito bom a seu próprio modo, *na linha de truques de prestidigitação* (ou Rover nunca teria passado por nenhuma dessas aventuras)." Em seu ensaio *On Fairy-Stories* [Sobre os contos de fadas] (publicado pela primeira vez em 1947) Tolkien escreveu com menosprezo sobre "a prestidigitação de alta classe", em contraste com a verdadeira magia (da qual Psamatos e o Homem-da-Lua eram capazes).

O navio era comprido... Ele o chamava de Lagarto Vermelho. O relato do cão-do-mar deriva em parte da saga do século XIII sobre Olaf Tryggvason no *Heimskringla* de autoria de Snorri Sturluson. Nessa obra, Olaf Tryggvason, Rei da Noruega, 995-1000 d.C, é derrotado numa batalha no mar. Ele salta do famoso navio, a Longa Serpente (ou o Longo Lagarto), mas diz a lenda que ele não se afogou, e sim nadou até um local seguro e acabou morrendo como monge na Grécia ou na Síria. No manuscrito de *Roverandom,* o navio é chamado de "Longo Lagarto", e Tolkien citou o navio do rei Olaf por esse nome na conferência sobre dragões que proferiu em janeiro de 1938 no University Museum, Oxford. - O rei Olaf tinha um cachorro famoso, Vige, que morreu de tristeza quando o dono desapareceu.

as sereias o apanharam. De acordo com a lenda, as sereias adoram arrastar mortais para o fundo do mar, onde mantêm suas almas cativas. Tolkien faz distinção entre "sereias de cabelos dourados" e "sirenas de cabelos escuros", suas precursoras mitológicas.

das Órcades. Grupo de ilhas a nordeste da Escócia, colonizadas pelos vikings nos séculos VIII e IX e subjugadas pela coroa escocesa em 1476.

Aqui é o Pacífico, acho. De fato, todos os lugares mencionados pelo cão-do-mar ficam no oceano Pacífico ou em suas costas: Japão; Honolulu, no Havaí; Manila, nas Filipinas; ilha de Páscoa, a oeste do Peru; ilha de Thursday, ao largo da extremidade norte de Queensland, Austrália; e Vladivostok, na Rússia.

ocorrem explosões no leito do mar. Uma erupção submarina ocorreu em Santorini (Thera) no mar Egeu em agosto de 1925, um mês antes que a história de *Roverandom* fosse contada pela primeira vez.

o mago o teria transformado numa lesma-do-mar, o teria mandado para onde o vento faz a curva... ou até mesmo para o beleléu. Na primeira versão do texto, consta que Roverandom "não sabia que, enquanto estivesse sob efeito do feitiço mais forte de Artaxerxes, o mago não poderia mais enfeitiçá-lo", mas isso não fazia nenhum sentido, pois Artaxerxes já tinha "enfeitiçado" Roverandom uma segunda vez, quando o transformou num cão-do-mar. — "Onde o vento faz a curva" é qualquer lugar muito distante, extremamente longe. "Ir para o beleléu" *[pot]* é ser arruinado ou destruído, mas, como mais adiante na história diz-se que *pot* é uma das duas únicas cavernas com tamanho suficiente para acomodar a enorme Serpente-marinha, Tolkien talvez tenha pensado também no termo *"pot"* no dialeto do norte: “buraco profundo, abismo, poço dos infernos”.

Mares Sombrios... e a luz da Terra das Fadas sobre as ondas. A versão mais antiga traz: "Foi a baleia quem os levou até a baía do Reino Encantado para além das Ilhas Mágicas, e eles viram a distância no ocidente o Litoral da Terra das Fadas, as Montanhas da Ultima Terra e a luz da terra das fadas sobre as ondas." Na mitologia de Tolkien, os

Mares Sombrios e as Ilhas Mágicas ocultam e protegem Aman (Casadelfos, e o lar dos Vaiar ou Deuses) do resto do mundo. Uma boa ilustração dessa geografia, datada da década de 1930, está no *Ambarkanta* de Tolkien *{The Shaping of Middle-earth* [A formação da Terra-média], 1986, p. 249).

Terras de Fora. Em rascunhos iniciais, Tolkien usou a expressão "terras comuns".
A única coisa que ele fazia como peixe era beber. Ou seja, ele bebia álcool em excesso.

A antiga Serpente-marinha estava despertando... há quem diga que ela se estenderia de uma Borda à outra. Referência à serpente Midgard da mitologia nórdica, que se enrosca em torno do mundo, mas cf. Leviatã em Jó 41 ("Quando ele se levanta, os poderosos temem"). - Tolkien não conseguia decidir se devia ou não usar letra maiúscula em Borda quando se referia a uma extremidade do mundo plano de *Roverandom.* Padronizamos todas as ocorrências em minúsculas, à exceção de *"Edge to Edge"* [de uma Borda à outra], onde as maiúsculas se destinam a esclarecer o significado da frase.

autotalássica. Que brotou do mar. A lista desde "primordial" até "irracional" é um resumo de conclusões de estudiosos a respeito de serpentes-do-mar, e recorda um comentário que Tolkien fez em sua palestra de 1936 intitulada *The Monsters and the Critics* [Os monstros e os críticos] a respeito da "conflitante balbúrdia" de opiniões críticas a respeito de *Beowulf.*

pelo menos um continente afundou no mar. Presumivelmente a Atlântida, já que a ilha submersa de Nú-menor ainda não tinha entrado

na mitologia de Tolkien em 1927, e a frase citada aparece desde a versão mais antiga de *Roverandom.*

viu a ponta da cauda da Serpente-marinha para fora da entrada da caverna... Aquilo foi a conta para ele. Cf. *Farmer Giles of Ham:* " [Garm] bateu direto na cauda de Chrysophylax Dives [o dragão], que acabava de pousar. Nunca houve cachorro que desse meia-volta e voltasse para casa em disparada mais rápido que Garm".

antes que o Réptil se virasse outra vez. Brincadeira com o provérbio "até mesmo um lagarto se revoltará" (até mesmo a criatura mais fraca reagirá contra quem a atormenta se a isso for levada), aqui aplicado literalmente à poderosa Serpente-marinha. Na mitologia nórdica e anglo-saxônica *"worm" (wyrm* [verme, minhoca, lagarto]) era um termo comum para designar um dragão ou uma serpente.

litorinas. Moluscos gastrópodes, do gênero *Littorina,* cuja concha tem o formato de pião.

by the skin of their feet **[pela pele dos pés = por um triz].** Referência à pele entre os dedos dos pés dos cachorros, com uma alusão à frase feita *"the skin of their teeth"* = pela pele dos dentes (por um triz).
distraída, tentando pegar a ponta da cauda com a boca. Aqui Tolkien relembra o *ouroboros,* um antigo símbolo de unidade, renovação, eternidade na forma de uma serpente que devora a própria cauda.

Lagartos-marinhos, gatos-marinhos, vacas-marinhas... e calamidades. Tolkien parece estar sugerindo que peixes foram transformados pela magia de Artaxerxes em criaturas que não são totalmente do mar (como o próprio Artaxerxes não é). A maioria deles,

apesar dos nomes, pertence mesmo à fauna marinha.

cadeira de banho. Uma grande cadeira de rodas, para ser usada por inválidos.

E a minha forma certa. Os treze parágrafos que se seguem ao pedido de Roverandom foram em grande parte um acréscimo que aparece na segunda versão (primeiro texto datilografado). Na primeira versão, o mago simplesmente "apanhava Roverandom do chão e o rodava três vezes, dizendo, 'Obrigado, assim está bom' - e Roverandom descobria que estava de novo como sempre havia sido antes de conhecer Artaxerxes no gramado naquela manhã". Mas isso teria tornado Artaxerxes (que também nessa versão havia destruído seus encantamentos) bem mais do que um "mágico prestidigitador".

Pam's rock **[Bala do Map].** Bala dura (nos EUA, *rock candy),* de açúcar-cande, vendida tradicionalmente em forma de pirulito cilíndrico nos balneários à beira-mar da Grã-Bretanha. O tipo mais comum é branco por dentro com uma camada externa cor-de-rosa, fina e grudenta. Muitas vezes o nome da região (talvez nesse caso o nome MAP) era impresso no núcleo branco em cor contrastante.

furgões e cabines de banho. Na década de 1920, por pudor, ninguém vestia seus trajes de banho direto na praia. Alguns se trocavam em cabines; outros, em furgões estacionados à beira da água. O banhista entrava no veículo por uma porta voltada para a terra firme, mudava de roupa ali dentro e então saía por outra porta para entrar no mar.

[Motor after motor] **Automóveis e mais automóveis... todos à máxima velocidade (com o máximo de poeira e mau cheiro) indo a algum lugar.** *"Motor"* = " *motorcar" = automóvel.* - Em todo o texto de

Roverandom, Tolkien demonstra sua preocupação com a poluição e os efeitos da industrialização. O homem no cume do monte Snowdon era um porcalhão; óleo combustível causou uma tosse terrível em Niord; Artaxerxes é elogiado por limpar a sujeira que seus fregueses deixam na praia; e aqui o trânsito, embora muito menor na época de *Roverandom* do que é atualmente, já era demais para o gosto de Tolkien. Cf. seu poema "Progress in Bimble Town" (publicado em 1931), que, de acordo com Carpenter *(Biography,* pp. 105-6), reflete os sentimentos de Tolkien em relação a Filey depois de uma visita àquela cidade em 1922. Em Bimble Town, ele viu nas vitrines

cigarros e goma de mascar
(embrulhados em papel, em caixas de papelão,
para as pessoas espalharem na grama e na praia);
oficinas barulhentas, onde gente dura, esforçada
e encardida batuca e ruge,
e os motores zumbem, e as luzes flamejam,
a noite inteira — um som cheio de alegria!
Às vezes, em meio ao ruído (e isso é raro)
dá para ouvir os gritos de meninos;
às vezes, tarde, quando motocicletas
não estão passando estridentes,
ouve-se ao longe (caso se queira)
o mar em atividade na praia.
Fazendo o quê? Revirando cascas de laranja,
empilhando cascas de banana,
roendo papéis, tentando moer
um caldo de garrafas, maços e latas,

antes que um novo dia traga mais,
antes que as jardineiras da manhã seguinte
parando à porta da velha estalagem com barulho e mau cheiro, buzinas
e sons metálicos,
tragam mais gente a Sabe-Deus-Onde
e Pouco-lhes-importa, até Bimble Town,
onde a ladeira, que um dia foi bela,
com muitas casas, vai decaindo.

FIM

{1} *A palavra "Rover" em inglês pode significar "explorador, aventureiro". (N. da T.)*
{2} *Roverandom é um nome composto de rover (explorador, aventureiro) e random (errante, a esmo, ao acaso). (N. da T.)*
{3} Na expressão "called after me" o "after me" tanto pode significar "em homenagem a mim" quanto "depois de mim". (N. da T.)
{4} Em *Através do espelho,* os nomes de insetos fazem alusão a insetos do mundo real com o acréscimo de um componente lúdico. Assim, "horse-fly" [mutuca] passa a ser "rockinghorse-fly" [mosca do cavalinho de balanço]; "dragon-fly" [libélula] passa a ser "snap-dragon-fly" em alusão à brincadeira também usada por Tolkien; e "butterfly" [borboleta] por possuir o componente "butter" [manteiga] passa a ser "bread-and-butter-fly" [o inseto de pão e manteiga], (N. da T.)
{5} O termo "butterflies" [borboletas] em inglês é composto das palavras "butter" [manteiga] e "fly" [mosca, inseto]. Com a troca de lugar das consoantes, forma-se em inglês "flutterbies", composto por "flutter" = esvoa-çar, adejar e "by" = por aí, cuja tradução aproximada poderia ser "os que passam esvoaçando". Perde-se o jogo de palavras na transposição para o português. (N. da T.)